

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA LINGUAGEM

FERNANDA LUCIA REGUEIRA MOREIRA

**ESTÉTICA CAPILAR E PODER: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE
YOUTUBERS SOBRE CABELO CRESPO E CACHEADO**

RECIFE

2019

FERNANDA LUCIA REGUEIRA MOREIRA

**ESTÉTICA CAPILAR E PODER: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE
YOUTUBERS SOBRE CABELO CRESPO E CACHEADO**

Dissertação apresentada à Universidade
Católica de Pernambuco, como parte das
exigências do Programa de Mestrado em
Ciências da Linguagem, para a obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Prof. Dr. Moab Duarte Acioli

RECIFE
2019

M838e

Moreira, Fernanda Lucia Regueira

Estética capilar e poder : análise crítica do discurso de youtubers sobre cabelo crespo e cacheado / Fernanda Lucia Regueira Moreira, 2019.

150 f. : il.

Orientador: Moab Duarte Acioli

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2019.

1. Análise crítica do discurso. 2. Cabelo - Aspectos sociais. 3. Racismo. 4. Preconceitos e antipatias. Título.

CDU 801

Ficha catalográfica elaborada por Catarina Maria Drahomiro Duarte -
CRB/4-463

**ESTÉTICA CAPILAR E PODER: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE
YOUTUBERS SOBRE CABELO CRESPO E CACHEADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Moab Duarte Acioli - Orientador

Prof. Dr. Karl Heinz Efken

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha

RECIFE

2019

Cabelo veio da África
Junto com meus santos
Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos
Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar
“Respeitem meus cabelos brancos”

Chico César

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a todas as mulheres crespas e cacheadas que já se sentiram diminuídas, renegadas e olhadas de maneira diferente por trazerem em seus corpos e especialmente em seus cabelos as marcas de nossa ancestralidade. A todas que não desistem da luta e carregam em seus cachos a força da negritude, que não tem vergonha e reconhecem a beleza que há em todas as formas de cabelo.

Dedico as mulheres de minha família que me trouxeram nos fios até aqui, mas que ainda lutam perante os espelhos para afirmarem-se e reconhecerem-se como de fato são.

Por fim, dedico essa dissertação a todos os corpos negros e miscigenados, a todos os cabelos volumosos, as tranças, aos penteados afros, e aos jovens empoderados da internet que não se calam e trazem na voz e nos cabelos seus lugares de fala.

AGRADECIMENTOS

Agradecer e entrar em sintonia com a energia da gratidão é um grande impulsionador para que qualquer trabalho alcance seus objetivos, por isso manifesto minha gratidão ao Universo pelo desenvolvimento dessa pesquisa. O presente trabalho não seria possível se as comunidades nas quais estou inserida não tivessem acreditado em mim e me ajudado nessa jornada.

Dessa maneira, agradeço primeiramente a minha mãe que não desistiu de mim e acreditou desde o início que esse sonho era viável. A todos os meus familiares que me incentivaram, aos meus amigos que me encorajaram e aos colegas de mestrado.

Agradeço ao meu orientador Moab Acioli pela acolhida e amizade nesses dois anos e a todos os professores do programa de Ciências da Linguagem por compartilharem de maneira tão generosa seus conhecimentos. Acredito que aprendi corretamente como fazer uma ciência acessível e solidária.

Agradeço a Deus e a boa espiritualidade que esteve ao meu lado, intuindo, regenerando forças e incultando em mim a fé divina que tanto busco em todas as minhas realizações.

Também agradeço a CAPES e a Universidade Católica de Pernambuco que me possibilitaram financeira e institucionalmente a realização da pesquisa.

E por fim, agradeço a minha ancestralidade por me trazer até aqui forte, convicta e confiante de que um futuro melhor espera por nós.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 – O CAMPO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.....	17
1.1 Breve Histórico da Análise Crítica do Discurso.....	18
1.2 O modelo tridimensional	21
1.2.1 O discurso como prática social.....	25
1.2.1.1 Ideologia.....	25
1.2.1.2 Hegemonia.....	31
1.2.2 O discurso como prática discursiva.....	34
1.2.3 O discurso como texto.....	39
CAPÍTULO 2 – RACISMO, YOUTUBERS E CABELOS.....	43
2.1 Origens das Teorias Científicas do Racismo Modernos.....	43
2.2 Racismo no Brasil, a questão do gênero e o feminismo negro.....	48
2.3 As Youtubers.....	55
2.4 Cabelo e transição capilar como símbolo da identidade negra.....	61
CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	67
3.1 Caracterização da pesquisa.....	67
3.2 <i>Corpus</i> : constituição, seleção e sistematização.....	68
3.3 Categorias de análise.....	70
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RECORTES TEMÁTICOS.....	71
4.1 Macrotema sobre Identidade Negra.....	71
4.1.1 Ser mais negra entre os ricos e menos negra entre os brancos.....	71
4.1.2 Eu sou uma pessoa negra.....	72
4.1.3 Ter consciência é revolucionário.....	75
4.1.4 Não gostava de ser negra.....	76
4.1.5 Afroconveniência.....	79
4.1.6 Ser mulata.....	82
4.1.7 Processos de descoberta.....	85
4.1.8 Ser você mesma.....	89
4.1.9 Amor próprio.....	90
4.1.10 Autoestima da mulher negra.....	91
4.1.11 Como ajudar um negro.....	93
4.1.12 Visibilidade.....	95
4.1.13 Aceitação.....	99
4.1.14 Memórias.....	100
4.1.15 Preconceito e Racismo.....	104
4.1.16 Estética.....	106
4.1.17 Técnicas de Embranquecimento.....	110
4.2 Vídeos sobre transição capilar.....	112
4.2.1 O início da Transição Capilar.....	112
4.2.2 Primeiras percepções.....	116
4.2.3 Modelos de beleza.....	118
4.2.4 Transição não é moda.....	119
4.2.5 Transição e Aceitação.....	124
4.2.6 Motivações.....	125

4.2.7 Valorização de si mesma.....	129
4.2.8 Como incentivar uma amiga.....	131
4.2.9 Apoio digital.....	132
4.2.10 Dicas.....	134
4.2.11 Consequências da Química.....	137
4. CONCLUSÃO	140
5. REFERÊNCIAS.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Estudos de Análise de Discurso Crítica.....	20
Quadro 2 – Modelo Tridimensional de Fairclough.....	24
Quadro 3 – Categorias de análise da ACD de acordo com o Modelo Tridimensional.....	70
Quadro 4 – Macrotema do Discurso de Quatro Youtubers Sobre Identidade Negra.....	71
Quadro 5 – Macrotema do Discurso de Quatro Youtubers Sobre Transição Capilar.....	112

RESUMO

Os cabelos crespos e cacheados fazem parte da identidade brasileira, mas durante muito tempo foram estigmatizados e tornaram-se fonte de racismo e preconceito. A fim de mudar este cenário surgiram algumas Youtubers, ou seja, produtoras de conteúdo que propagam crenças e ideias a partir de vídeos publicados no site de mesmo nome. Atingindo milhares de brasileiras (os) que recorrem aos vídeos da plataforma digital, as jovens mulheres aqui selecionadas discutem sobre as violências físicas, estéticas e emocionais vivenciadas desde crianças por terem cabelos crespos e cacheados, discussões sobre negritude, estética capilar, transição capilar e autoestima. Para entender esse fenômeno foi utilizado como teoria de base, dentro da Análise Crítica do Discurso, o modelo tridimensional de Norman Fairclough (2016) que articula, dialeticamente, texto, prática discursiva e prática social. Recorremos, ainda, a teóricas (os) negros que tratam da negritude diretamente a partir do seu lugar de fala, como Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Silvio Almeida, Kabengele Munanga, Grada Kilomba e Nilma Lino Gomes. Também foram utilizados os conceitos de ideologia (THOMPSON, 1995) e hegemonia (GRAMSCI, 1999), as teorias do racismo (WIEVIORKA, 2007) e a teoria das mídias digitais (MARTINO, 2015) além de questões da análise crítica do discurso (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018). Os resultados da pesquisa revelam que as Youtubers despertaram para as ideologias e hegemonias em que estão inseridas através dos próprios depoimentos pessoais e que, a partir desses relatos, têm estimulado um público de jovens mulheres a tomarem consciência de suas respectivas negritudes.

Palavras-chave: Racismo, Preconceito, Cabelo, Análise Crítica do Discurso, Youtuber.

ABSTRACT

Curly hair is part of Brazilian identity, but for a long time they were stigmatized and became a source of racism and prejudice. In order to change this scenario, there have been some Youtubers, that is, content producers that propagate beliefs and ideas from videos published on the website of the same name. Reaching thousands of Brazilians who use the videos of the digital platform, the young women selected here discuss the physical, aesthetic and emotional violence experienced since children by having curly hair, discussions about blackness, hair aesthetics, hair transition and self-esteem . In order to understand this phenomenon, the three-dimensional model of Norman Fairclough (2016) that articulates, dialectically, text, discursive practice and social practice was used as the basic theory within Critical Discourse Analysis. We also appeal to black theoreticians who deal with blackness directly from their place of speech, such as Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Silvio Almeida, Kabengele Munanga, Grada Kilomba and Nilma Lino Gomes. The concepts of ideology (THOMPSON, 1995) and hegemony (GRAMSCI, 1999), theories of racism (WIEVIORKA, 2007) and the theory of digital media (MARTINO, 2015) JR .; Sato, Melo, 2018). The results of the research reveal that the Youtubers have awakened to the ideologies and hegemonies in which they are inserted through the personal testimonies themselves and that, from these reports, have stimulated an audience of young women to become aware of their respective negritudes.

INTRODUÇÃO

O corpo tem sido alvo de grandes discussões, tanto acadêmicas, como no dia a dia, haja vista poder ser também considerado um fenômeno sociocultural. Antropologicamente, o corpo é visualizado enquanto uma construção cultural, o que permite, igualmente, percebê-lo na sua dimensão discursiva e dialógica e não como simples produto, mas produtor de regras, de sentidos e de valores coletivamente simbólicos. Sabe-se, por exemplo, que as técnicas corporais variam de uma cultura para outra, assim como o modo do corpo ser moldado e usado, inclusive, esteticamente. O cabelo, do latim *capillus*, nesse contexto, faz parte do corpo e pode ser interpretado, de igual forma, como produtor de sentidos, envolvendo a maneira e as técnicas utilizadas para manuseá-los, o que se torna expressão de uma sociedade, de uma cultura e de suas ideologias. Na década de 30, Lamartine Babo escreveu uma marchinha de Carnaval incluindo este trecho: “O teu cabelo não nega, mulata, porque és mulata na cor, mas como a cor não pega, mulata, mulata, eu quero o teu amor” o cabelo se torna emblema de raça e não de cultura e a “negra” é tratada de modo preconceituosamente eufemístico como “mulata”. O autor reforça o estigma ao considerar que pode ter o amor da mulata, porque a cor “não pega”, ou seja, não é uma doença contagiosa, mas se subentende que não é alguma coisa de boa. O que dizer então da técnica de alisamento dos cabelos? É apenas uma prática estética ou um fenômeno cultural que engloba diferentes motivos e dimensões da experiência social e individual? No universo feminino é comum um fervor em cima dos temas capilares, afinal se trata de beleza, adorno, desejo, mercado de consumo de produto e de bens e controle do corpo. O cabelo, nesse sentido, não é apenas um objeto natural, mas esse grande produtor de sentidos. Entre esses sentidos, fazer parte do universo de representações sociais, e entre essas representações, alisar os cabelos apresenta outros sentidos específicos? O que está representado socialmente? São perguntas iniciais na presente dissertação.

Em contrapartida, o advento dos artefatos digitais como smartphones, televisões digitais e computadores mudou a forma de nos relacionarmos e a maneira como lidamos com a mídia. Dessa forma, pode ser lido o seguinte: “As mídias digitais, e o ambiente criado a partir de suas conexões, estão articulados com a vida humana – no que ela tem de mais sublime e mais complexo” (MARTINO, 2015, p.09). Essas mídias digitais são responsáveis pelo que parece ser absurdo, viver desconectado, e tanto já estão rotineiramente incorporadas que somente são percebidas as suas presenças quando falham, ou estão offline.

Segundo os dados de um estudo promovido pelo Youpix, plataforma digital voltada discutir a cultura da internet, “vídeo é o formato e a linguagem dominantes. Principalmente por conta da explosão móbil.” (2018, p.18). Há uma estimativa de que até 2021, 2,33 bilhões de pessoas usarão celulares, smartphones, tablets e outros, para assistir vídeos na internet. O brasileiro, por sua vez, é um dos que mais consomem vídeos na internet, segundo a Pesquisa Video Viewers¹, promovida pelo Instituto Provokers e a Box 1824, ou seja, nos últimos quatro anos o consumo desse tipo de formato cresceu 135% contra o aumento de 13% de consumo de televisão. Para o site Think with Google, essa mudança de hábito do brasileiro assistindo paulatinamente mais vídeos online, está ligada à grande influência do YouTube, que inovou a forma de consumo, trazendo um novo tipo de conteúdo, fazendo com que as pessoas se tornassem mais ativas, contribuindo para o respectivo empoderamento. A pesquisa ainda revela que 80% dos entrevistados foram buscar online o que não encontraram na TV e os que ainda preferem a antiga mídia têm em média 38 anos e são da classe C, ou seja, a Internet ainda é prioritariamente jovem. O fenômeno “multitelas” também é comprovado pela investigação do Instituto, pois apenas 18% diz ter atenção exclusiva na hora de assistir televisão contra a maioria que navega no celular, enquanto a TV está ligada.

O Youtube, plataforma de compartilhamento de vídeos, e campeão de preferência na hora de assistir ao formato, é o canal onde os brasileiros buscam os conteúdos não encontrados nos meios tradicionais, conforme informa a Pesquisa Video Viewers, de 2018. O site já é tido como referência na hora de se manterem atualizados os conteúdos e o exame conseguiu identificar as quatro principais motivações do usuário por ordem decrescente: conexão (o internauta busca sentir algo em conjunto), conhecimento (a busca por informação), entretenimento (busca por diversão) e identidade (busca se encontrar).

Nesse cenário, a internet também aparentou ser um lugar “democrático” onde todas as vozes teriam espaço para falar e serem ouvidas, porém na prática isso não acontece, e o ambiente digital acaba por ser uma réplica dos preconceitos e racismos que já ocorrem no espaço offline. Os grupos minoritários, por exemplo, encontraram no espaço digital um lugar de encontros, um local para reivindicar os lugar de fala e terem suas identidades representadas, ao menos no online.

Outro estudo aponta para o seguinte:

¹ Disponível em: < <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>>. Acesso em 02 fev 2019.

Quando consomem vídeos, as pessoas também querem se reconhecer como indivíduos, encontrar grupos com que se identificam e ver o mundo à sua volta retratado em toda a sua pluralidade. Nesse sentido, quando a motivação de quem assiste é a Identidade, a pesquisa Video Viewers mostra que o YouTube é o primeiro na preferência. E o estudo vai além: ele aponta que os brasileiros veem a plataforma como o lugar que mais oferece vídeos geradores de identificação e inspiração, espelhando a riqueza do mundo onde vivemos. (THINK WITH GOOGLE, 2018)

Dessa maneira, as redes sociais digitais tiveram suma importância ao servir de plataforma para esses encontros. O site Youtube tem mais de um bilhão de usuários e alega “Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo. Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias.” (YOUTUBE, 2018). Logo, é possível encontrar pessoas de diferentes raças e credos defendendo seus direitos, compartilhando informações e entrando em contato direto através dos vídeos no referido site. Situação conformada pela pesquisa Video Viewers, onde 70% dos entrevistados diz entender o site como lugar onde todos têm voz, refletindo assim a realidade brasileira.

O site em questão abre suas portas para que qualquer internauta faça um canal e publique seus vídeos, e assim surgiram os produtores/criadores de conteúdo do Youtube, comumente chamados de Youtubers, influenciadores digitais ou Creators, pessoas com uma relevância digital e social, que através de seus vídeos conseguem impactar internautas e os transformar em seguidores dos seus respectivos perfis. Mesmo sendo um termo relativamente novo, conforme estudo realizado pelo Google Consumer Survey², 76% dos brasileiros já estão familiarizados com a nomenclatura e 77% acompanham ao menos um Youtuber na plataforma.

No Youtube, há influenciadores de diversos temas, explorando assuntos como games (os mais populares), gastronomia, música, cinema, literatura, política, esportes e cosmética, entre outros. Em relação ao último tema, há várias categorias como maquiagem, dermatologia e cabelos, sobre os quais abordam as Youtubers referendadas na presente dissertação, defendendo o cabelo crespo e cacheado.

Em vista da crescente utilização da plataforma por parte dos brasileiros, as Youtubers aludidas ganharam repercussão nacional, haja vista que milhões de seguidores começaram a assistir os vídeos de como cuidar dos cabelos cacheados e crespos e sobre o impacto positivo na autoestima que esse movimento propicia. Assim, o cabelo natural ganhou notoriedade a

² Disponível em: < <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/creators-connect-o-poder-dos-youtubers/>>. Acesso em 03 fev 2019.

partir dos movimentos digitais que chegaram a alcançar outras plataformas, como Facebook, Instagram e blogs, todos dispostos a conversar abertamente sobre a volta aos cabelos naturais, ou ao menos dar uma chance de tê-los dessa maneira. A mobilização tornou-se tão relevante que as influenciadoras digitais foram cooptadas pela indústria da beleza, fechando contratos com grandes marcas de cosméticos, indicando produtos para tratamento e fazendo avaliações sobre diversos tipos de creme. Diante dessa “fama” repentina muito tem sido discutido sobre a relevância de tais personalidades, porém o diagnóstico revelado pelo Google Consumer Survey confirma que “os YouTubers influenciam bastante as decisões de quem está conectado. Entre as pessoas que sabem quem são os YouTubers, esses creators só perdem para familiares e amigos no ranking dos formadores de opinião.”³ (MELO, 2018). Ou seja, o discurso proliferado pelos influenciadores digitais é relevante e tem mudado hábitos e visões de mundo. Ainda conforme a pesquisa citada 54% das pessoas se sentem íntimas dos Youtubers e eles aparentam ser mais próximos do que as celebridades da televisão. Isso ocorre porque a linguagem desses creators apresenta a seguinte característica:

[...] é mais direta, imediata, próxima. Ela precisa prender a atenção logo de cara, para que ninguém feche a janela. E como os YouTubers costumam ser “gente como a gente”, eles também usam uma linguagem bastante íntima e emocional. Tudo isso colabora para criar um sentimento de identificação entre quem assiste e quem produz o canal.⁴ (MELO, 2018)

Com o desenvolvimento dos canais, outros assuntos foram sendo gerados por essas jovens mulheres, as Youtubers que abordam cabelos crespos e cacheados, tanto por pedidos de seus seguidores, como por espontânea criação das mesmas. Consequentemente, as blogueiras iniciaram discussões que uniam o universo da cosmética e da beleza com questões políticas e ideológicas, questionando as representações sociais em torno dos cabelos crespos e cacheados. E assim, essas Youtubers começaram um diálogo sobre suas negritudes e enfiamentos, materializados no discurso, e compartilharam com seus seguidores todas as percepções envolvendo a temática, sendo este (o discurso das jovens Youtubers sobre o cabelo crespo e cacheado) o objeto de estudo da dissertação aqui apresentada.

Por isso, a análise aqui pretendida “se volta para a correção de desvantagens sociais, motivo pela qual busca interpretar esses problemas, posicionando os atores e as instituições, a fim de abordar os fatores condicionantes das situações de desvantagem social” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.13), pois busca compreender, através do movimento das Youtubers

³ Disponível em: < <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/creators-connect-o-poder-dos-youtubers/>>. Acesso em 02 jan 2019.

⁴ Disponível em: < <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/creators-connect-o-poder-dos-youtubers/>>. Acesso em 02 jan 2019.

em favor do cabelo crespo e cacheado os atores envolvidos, as instituições, os poderes e as desvantagens sociais do grupo reprimido.

A saber, a Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise do Discurso Crítica (ADC), na qual a ordem dos fatores não altera o produto, estuda a linguagem em uso, descrevendo e compreendendo tanto o texto como a prática discursiva e a prática social. Acredita-se que nesses eventos sociais os participantes envolvidos assumem funções e “interagem em diferentes níveis de poder e de autonomia. Nesse sentido, a ADC investigará a linguagem utilizada nesses momentos, desvelando situações assimétricas de poder ou desvantagens que se manifestam tanto na linguagem quanto na ação.” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.11).

Entre as perspectivas de estudo da ACD, será utilizado o Modelo Tridimensional de Norman Fairclough no qual se articulam dialeticamente o texto; a prática discursiva como sendo a produção do texto escrito ou falado, e através da qual existem os diálogos intertextuais e também aqueles interdiscursivos, igualmente chamados de ordem do discurso; e, por fim, a prática social, podendo ser esta discursiva ou não, e por onde transitam relações de poder e (re)produção ideológica.

Portanto, chega-se à problemática da presente dissertação: Há no discurso das jovens Youtubers uma conscientização das questões raciais combinadas ao elemento estético e capilar? Qual o papel da transição capilar⁵ nesse processo? Qual a orientação ideológica do discurso dessas influenciadoras digitais? Qual a sua função na organização sócio-cultural?

Isto posto, o objeto de estudo do presente trabalho são depoimentos, feitos através de vídeos, de quatro jovens Youtubers com grande número de seguidores, onde abordam questões sobre a transição capilar, negritude, autoestima e violências “capilares”.

Dessa forma, o objetivo geral da presente dissertação é analisar na perspectiva do modelo tridimensional de Fairclough, o discurso de jovens mulheres influenciadoras digitais sobre temáticas envolvendo cabelo crespo e cacheado. Para alcançar esse objetivo buscaremos especificamente:

1º Realizar uma análise do texto que dá materialidade ao discurso das Youtubers para compreender as práticas discursivas.

⁵ Transição capilar é um movimento de volta aos cabelos naturais depois de experimentar algum tipo de química para alisar os cabelos.

2º Pesquisar as articulações interdiscursivas e intertextuais na produção das influenciadoras digitais.

3º Entender as representações simbólicas dos cabelos crespos e cacheados presentes no discurso das youtubers enfocadas.

4º Compreender a participação das Youtubers e suas funções no contexto social no qual fazem parte.

5º Contextualizar as dimensões ideológicas presentes no discurso das Youtubers sobre cabelos crespos e cacheados.

Como justificativa, baseando-se em Batista et al. (2018), considera-se que a ACD é um método de análise e também uma teoria do discurso na formação social, e dessa maneira, pretende-se contribuir conjuntamente com as Ciências Sociais e as Ciências da Linguagem através de “um olhar sobre o papel da linguagem e, simultaneamente, contribuir para a análise linguística com um parâmetro de análise social.” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.13). Além disso, ao se refletir sobre os problemas trazidos pelas Youtubers, trata-se de um questionamento que pode ser utilizado para melhor se estudar e criticar uma das várias facetas do racismo no Brasil.

Importante frisar que a ACD não é neutra e, evidentemente, se posiciona criticamente. Dessa forma, o pressuposto aqui chegado é que *a priori* não havia intenção social e cultural tão clara entre as jovens youtubers em suas práticas discursivas. Elas começaram seus canais motivadas pela curiosidade das mídias digitais e porque buscavam soluções para problemas reais, mas não tinham dimensão de que a questão levantada por elas “escancarava” o que acontecia na cabeça de milhares de brasileiras. Hoje, depois de alguma experiência na publicação de vídeos depoimentos, percebe-se um amadurecimento tanto no discurso, quanto no movimento de transição capilar. Se no começo do surgimento dos blogs havia meninas que começaram a usar seus cabelos naturais por questões unicamente estéticas, na atualidade a motivação é, também, política e ideológica. A cada dia mais e mais mulheres (negras ou não) questionam o uso de cabelos com química, alisamentos agressivos e a implicação dessa prática no processo de luta de suas vidas. Acredita-se que as jovens Youtubers buscam seus lugares de fala e desejam que seus discursos possam ser compreendidos e sirvam de exemplo de consolidação da identidade afro-brasileira.

A presente dissertação se insere na linha de pesquisa de estudos de Análise Crítica do Discurso do mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco e no primeiro capítulo, serão discutidas as bases teóricas que subsidiam a análise, iniciando pelas teorias discursivas e linguísticas. Antes, porém será relatado um breve histórico da Análise Crítica do Discurso e depois o modelo Tridimensional de Fairclough será esmiuçado a partir da visão do discurso como texto, prática discursiva e prática social (ideologia e hegemonia).

No capítulo dois, serão analisadas as teorias sociais sobre o racismo a fim de entender a progressão histórica do fenômeno e como ele é registrado nos dias atuais, especialmente no Brasil, e em contrapartida como o feminismo negro se expressa nesse cenário. Esse esboço teórico pretende mostrar, assim como sugere a ACD, que o discurso está relacionado a questões tanto linguísticas como sociais, e também identificar os efeitos ideológicos gerados pelos discursos.

No capítulo três serão exibidos os percursos metodológicos, a começar pela caracterização da pesquisa, seleção, sistematização do *corpus*, explicando como foram escolhidas os informantes chave, a saber as quatro Youtubers e os seus respectivos vídeos, assim como as temáticas analisadas.

No quarto capítulo dedica-se a estudar o fenômeno Youtuber, seu surgimento, impactos e temáticas discursivas, assim como o universo no qual estão inseridos, as redes sociais digitais. Também será vista a temática dos cabelos dentro do seu universo simbólico e a relação entre eles e o evento transição capilar, em um contexto cultural bem delimitado, assim como as relações ideológicas e hegemônicas que estão envolvidas nesse cenário.

O quinto enfoca o estudo dos vídeos selecionados através das categorias analíticas elencadas para esse intento. Cada trecho será abordado pela ótica textual (vocabulário), prática discursiva (intertextualidade e interdiscursividade) e prática social (contexto ideológico e hegemônico), assim como as devidas reflexões que os enunciados despertam.

Dessa maneira, será destacada a relevância do tema cabelos crespos e cacheados dentro de uma sociedade onde está inserido o mito da democracia racial e a importância dos fios para a criação/sustentação de estigmas. Igualmente será refletida a importância das Youtubers na construção de uma nova maneira de visualizar e amar os cabelos naturalmente crespos e

cacheados, ajudando mulheres (em sua maioria) a se libertarem da escravidão e da ditadura da beleza, a algemar e a encarcerar autoestimas femininas que insistem em diferenciar e metaforizar cabelo “bom” (liso) em detrimento do cabelo “ruim” (crespo/cacheado).

CAPÍTULO 1 – O CAMPO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

O arcabouço teórico da presente dissertação se alicerça nos estudos desenvolvidos pela Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente a partir do Modelo Tridimensional do Discurso de Norman Fairclough (FAIRCLOUGH, 2016). A escolha da abordagem se pauta por focar a construção intersubjetiva/interdiscursiva/intertextual, o que permite relacionar texto/discurso com o cenário do contexto e também com a perspectiva ideológica dos sujeitos que são construídos e construtores dessa dimensão discursiva.

Com a ACD, que é parte da Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) e igualmente considerada como a continuação da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), se observa analiticamente “os seres humanos a partir da sua socialização, e as subjetividades humanas e o uso linguístico como expressão de uma produção realizada em contextos sociais e culturais, orientados por formas ideológicas e desigualdades sociais.” (PEDRO, 1998, p.21).

Dedicada à análise de textos, eventos e práticas sociais em seus contextos, esse campo se propõe a ser não apenas uma teoria, mas também um método para análise do discurso. Para Magalhães, Martins e Resende, a ACD oferece uma grande contribuição “da Linguística para debater questões da vida social contemporânea, como o racismo, o sexismo, o controle e a manipulação institucional, a violência, as transformações identitárias e a exclusão social.” (2017, p. 27). Nessa interpelação, o discurso é concebido dentro de uma prática textual discursiva e social, preocupada em investigar a linguagem em uso, diferentemente da Linguística Formal, por exemplo, que estuda especificamente a descrição gramatical.

A Análise Crítica do Discurso é considerada um grande “guarda-chuva” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018) no qual se pode conceber diferentes perspectivas sem que haja quaisquer perdas para a estrutura teórica, além de ser uma disciplina crítica que olha para os problemas sociais. (MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017)

Entre as preocupações da ACD destacam-se a função do discurso na mudança social e:

[...] nos modos de organização da sociedade em torno de objetivos emancipatórios, o que a insere num paradigma interpretativo crítico da realidade, pelo qual busca oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração/manutenção/superação de problemas sociais (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.24)

Os textos orais e escritos estão inseridos em contextos sociais, culturais e políticos específicos, vindo a ACD a interpretar a relação dialética entre textos, práticas discursivas e práticas sociais. Assim, o discurso é visto como uma prática discursiva, pois são construídos, distribuídos e consumidos, e, também, uma prática social posto que esses textos produzem seus efeitos e são mediadores perante as práticas exercidas em sociedade (FAIRCLOUGH, 2016).

Ainda para Fairclough (2016), o discurso é constitutivo, é uma dimensão globalizada que influencia o processo de globalização, uma forma de representação, ação e também de identificação. Em outras palavras, examinam-se o texto e a realidade social para assim chegar-se à construção dos significados, buscando-se “a explanação dos fenômenos sociais, desvelando o modo como o discurso, enquanto linguagem em uso, participa dessa construção, estabilizando distorções sociais” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.09).

Além do mais, a ACD é um campo de pesquisa qualitativa pois consegue examinar:

(...) uma grande variedade de aspectos do processo social, como o tecido social da vida diária, o significado das experiências e o imaginário dos participantes da pesquisa; a forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem. (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p.30)

Dessa maneira, estuda o texto incorporado à análise social, pois ao debater sobre um problema coletivo, contribui assim para uma reflexão crítica sobre o mesmo (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017). Pode-se dizer que este debate crítico a respeito de assuntos polêmicos e que ainda necessitam de um aprofundamento teórico e analítico colabora para uma consciência ética da sociedade e da academia.

A Análise Crítica do Discurso, portanto, contribui para as Ciências Sociais, pois oferece teoria e metodologia para qualquer pesquisador que queira desvelar a linguagem em seus estudos, mesmo que não seja especificamente da área da Linguística. Isso só é possível graças à reflexividade, à capacidade de mudança e de incorporação de novos valores e tecnologias, assim como às semioses e pontos congruentes entre diferentes áreas de pesquisa (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018).

1.1 Breve Histórico da Análise Crítica do Discurso

No século XX, os modelos teóricos das pesquisas linguísticas se tornaram ainda mais investigativos, pois os cientistas estavam cada vez mais interessados em estudar as práticas sociais e de apresentarem um aspecto de criticidade para analisar os problemas sociais predominantes.

Surgiram assim as ciências críticas, engajadas, pedagógicas e denunciativas, prontas para investigar a realidade de maneira reflexiva, buscando as causas e efeitos das manifestações ideológicas e denunciando “um estado de coisas ofuscado por interesses particulares” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.25)

A saber, os limites entre as Ciências Sociais estão enfraquecendo, e muitos estudos têm sido feito de maneira colaborativa entre as diversas disciplinas “e uma maior diversidade de teoria e prática vem se desenvolvendo nas disciplinas. Tais mudanças têm-se feito acompanhar por uma 'virada linguística pragmática' na teoria social” (FAIRCLOUGH, 2016, p.20) e como resultado, a linguagem passou a ocupar uma função mais central em termos das pesquisas voltadas para os fenômenos sociais.

O termo Análise Crítica do Discurso foi criado por Norman Fairclough, em 1985, no *Journal of Pragmatics*, e conjuntamente com outros linguistas tais como Ruth Wodak e Teun van Dijk, eles ficaram conhecidos como o Grupo de Lancaster. Já no Brasil, a pesquisadora Izabel Magalhães, da Universidade de Brasília, foi responsável por trazer a teoria britânica para o nosso País (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018).

Nessa publicação citada abaixo, Fairclough distingue dois tipos de análise de discurso: as abordagens críticas e as não críticas.

Para o autor as abordagens críticas, muitas vezes concentram-se mais nas ações e estruturas sociais (ao modo das ciências sociais) do que na relação que elas mantêm com a linguagem. Sendo assim, o que leva a ACD a diferir essencialmente de outros estudos que apresentam propostas semelhantes é o fato de ela conciliar a análise linguística com a análise social, reconhecendo a relação intrínseca que há entre elas. (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.28).

A ACD se consolida como escola no início da década de 1990, quando reunidos em um simpósio Norman Fairclough, Theo van Leeuwen, Ruth Wodak, GuntherKress e Teun van Dijk discutiram os aspectos linguísticos-discursivos de suas propostas. A partir desse ponto e mesmo trilhando caminhos diferentes em suas conexões teóricas, os membros do grupo conseguiram uma unidade através do compartilhamento da proposta e pelo compromisso ético-político, com objetivo de lutar pela transformação social (BATISTA JR.; SATO;

MELO, 2018). Dessa maneira, o simpósio rendeu frutos com parcerias entre as universidades dos pesquisadores assim como em projetos colaborativos. Além disso, houve a integração de novos estudiosos no campo, que ampliaram as abordagens e abrangeram a perspectiva da ACD.

Nela existem diversas linhas de pesquisa, porém as mais conhecidas são a abordagem sociocognitiva, gramática do design visual e a abordagem histórico-discursiva. Resumidamente, o sociocognitivismo tem como principal teórico Teun van Dijk que aborda a reprodução ideológica através do discurso e nos meios de comunicação. Utiliza os conceitos da psicologia social e da teoria das representações sociais para investigar os modelos mentais que orientam a ideologia (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018). Já a gramática visual tem como representante principal Gunther Kress, que trabalha especialmente com a semiótica social, investigando os efeitos de sentido e a manipulação ideológica que se faz por imagens e como elas contribuem para a produção dos sentidos. E por último, a abordagem histórico-discursiva, também conhecida como Escola de Viena, foi exposta pela teórica Ruth Wodak que pesquisa especialmente os discursos de instituições racistas, antisemitas e outros através da análise sociolinguística e histórica, visualizando a argumentação e a retórica.

Ainda que o presente trabalho se debruce sobre os estudos de Norman Fairclough há outras abordagens dentro da ACD que merecem ser destacadas:

Quadro 1 – Estudos de Análise de Discurso Crítica

Abordagens	Autores
1) Histórico-Discursiva (HD)	Reisigl e Wodak (2009)
2) Linguística de Corpus (LiC)	Mautner (2009)
3) Atores Sociais (AS)	Van Leeuwen (2009)
4) Análise de Dispositivo (AD)	(Jäger e Maier (2009)
5) Sociocognitiva (SC)	Van Dijk (2009)
6) Dialético-Relacional (DR)	Fairclough (2009)

Fonte: MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017

As abordagens diferem entre si de acordo com os tópicos estudados e a importância das mesmas reforça as múltiplas instâncias onde a ACD atua. Considerada por Wodak (2011) como uma escola, para Van Dijk o que une os pesquisadores da ACD é que seus estudos analisam seja na perspectiva linguística, semiótica ou discursiva, questões de justiça social.

1.2 O modelo tridimensional

Assim sendo, Norman Fairclough desenvolveu um modelo onde é possível reunir três tradições analíticas, a análise do discurso orientada linguisticamente e “o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para o uso na pesquisa científica social e, especificamente, no estudo da mudança social” (FAIRCLOUGH, 2016, p.93)

Para entender o modelo tridimensional necessário se faz conceituar o discurso em Fairclough (2016) que utiliza da concepção linguística do termo, onde o léxico significa “uso de linguagem”, *parole* (fala) ou “desempenho”. Contrariando Saussure que desconsiderava a *parole* e apenas investigava a *langue*, pois acreditava em um uso da língua tão heterogêneo, individual e submisso aos desejos e intenções humanas, sendo assim impossível de estudá-la, sendo ela simplesmente desconsiderada. Os estudiosos desse campo sistêmico, formalista, estruturalista conseguem até identificar a *parole*, mas preferem ignorá-la e se debruçam apenas sob o sistema *langue*.

Muitos teóricos desacreditam da visão de Ferdinand de Saussure, pois entendem que a variação do uso da linguagem “é sistemática e acessível ao estudo científico e que aquilo que a torna sistemática é sua correlação com variáveis sociais: a língua varia de acordo com a natureza da relação entre os participantes em interações, o tipo de evento”. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 94)

Assim, para Fairclough, discurso é uma forma de prática social e não apenas “uma atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (2016, p.94). Dessa formulação compreende-se que o discurso é uma forma das pessoas agirem sobre o mundo (e sobre as pessoas), um modo de ação e de representação (FAIRCLOUGH, 2016). Segundo Resende e Ramalho, “essa concepção implica considerar que, por um lado, estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades e que, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas” (2006, p.25), o que contribui para a reprodução dessas estruturas ou para as suas transformações. Tal concepção também revela a relação dialética entre a estrutura social e a prática social, pois “o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares”

(FAIRCLOUGH, 2016, p.95). Portanto, o discurso é constituído socialmente e os eventos discursivos variam segundo os lugares (domínio social e quadro institucional) onde são gerados. No caso da presente dissertação, as Youtubers com seus discursos que versam sobre a quebra de paradigmas, ou seja, desconstroem a ideia de que cabelo crespo/cacheado é ruim/feio, como será visto posteriormente, contribuem para a mudança social, através da forma de agir sobre o mundo e sobre as pessoas, lê-se aqui os seguidores das jovens e todos os atingidos por seus vídeos depoimentos. Na próxima citação, compreende-se melhor:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2016, p.95)

Fairclough (2016) ainda aponta três efeitos construtivos do discurso. O primeiro é que o discurso contribui para a formação das ‘identidades sociais’, ‘posições do sujeito’, ‘sujeitos’ e tipos de ‘eu’. Segundo, ajuda na construção de sistemas de conhecimento e crença e por último, para a construção das relações sociais entre as pessoas. Segundo o autor essas condições estão relacionadas a funções da linguagem e dimensões de sentido. A função identitária (modos como as identidades estão estabelecidas), função relacional (como as relações entre os participantes são representadas e negociadas) e função ideacional (modo como textos significam o mundo) (FAIRCLOUGH, 2016, p.96).

Igualmente se alerta para a importância de analisar o discurso enquanto relação dialética com a estrutura social, para que não haja a falsa compreensão de que discurso é apenas um reflexo da realidade social. Assim, “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias na cabeça das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (FAIRCLOUGH, 2016, p.97).

Esse fato explica a concepção equivocada dentro da estética de beleza brasileira de que existe um cabelo “ruim” e outro “bom”, porque o indivíduo se encontra “estruturado” para pensar assim. No caso, o discurso contribui para a manutenção de um sistema de crenças e valores estéticos fundamentados em paradigmas de supremacia racial, e a sociedade, estruturalmente, “naturaliza” este comportamento coletivo. Como será visto posteriormente, esse processo é denominado, dentro das teorias do racismo, como racismo estrutural.

Em termos de prática social, para Fairclough (2016) o discurso pode estar inserido em múltiplas orientações, como por exemplo, política, econômica, cultural e ideológica, concomitantemente ou não. Bourdieu (2008) explora essa temática quando observa a economia das trocas linguísticas, na qual o texto é apontado como mercadoria, sendo assim, produzido, distribuído e consumido. As práticas políticas e ideológicas são interdependentes e a ideologia é capaz de constituir, naturalizar, manter e transformar os significados do mundo. Sobre isso, Fairclough (2016, p. 99) escreve o seguinte:

A ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta pelo poder, mas também um marco delimitador na luta pelo poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder, ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta. (FAIRCLOUGH, 2016, p.99)

Em outras palavras, ideologia não é apenas um processo de “naturalização” simbólica mediada pela linguagem, mas sim, um processo de “naturalização” específica direcionada para o campo político, no qual existem relações de poder. Essas relações são exercidas ou, então, se luta por elas. Portanto, sendo as “ideologias particulares” importante componentes dos discursos, as respectivas mudanças podem gerar. Por isso, se afirma que a depender dos domínios e dos ambientes institucionais, o discurso pode ter valores políticos e ideológicos.

Nesse campo da ACD, é igualmente utilizado o conceito de ordem do discurso de Michel Foucault para enfatizar que os limites entre as respectivas ordens podem ser de tensão ou naturalizados e podem se tornar focos de contestação e luta. Nessa lógica, Ribeiro (2017) explora no contexto brasileiro o sentido de lugares de fala, onde questiona o direito de se ter e dar voz a quem passa por processos de submissão. Para a presente dissertação, trata-se de reconhecer o discurso das mulheres negras em relação aos seus cabelos e à sua negritude, o que pode vir associado a frustrações, medos, desafios e conquistas diante de uma sociedade que vive o mito da democracia racial. Como resultado dessas lutas tem-se as rearticulações das ordens do discurso, como pontua Fairclough (2016, p.102), de maneira local, comunitária, e geral, societária. Assim:

As ordens do discurso locais e as ordens do discurso societárias são na prática potencialmente estruturadas de maneira contraditória e, desse modo, estão abertas para ter os investimentos políticos e ideológicos como foco de disputa em lutas para desinvesti-los ou reinvesti-los. (FAIRCLOUGH, 2016, p.102)

As ordens do discurso podem ser consideradas as articulações interdiscursivas, ou seja, articulações de distintos textos que apresentam a mesma ordem de sentidos na esfera das

práticas discursivas. Essa interdiscursividade pode se encontrar ao nível local ou ao nível mais geral, havendo uma possibilidade, na perspectiva foucaultiana, de serem contraditórias, caso haja maior ou menor investimento político e ideológico nos discursos. Entretanto, pode se pensar que o próprio desinvestimento seja uma estratégia política negativa de fazer calar o contraditório e, mais uma vez, naturalizar a opressão social, entre elas a racial.

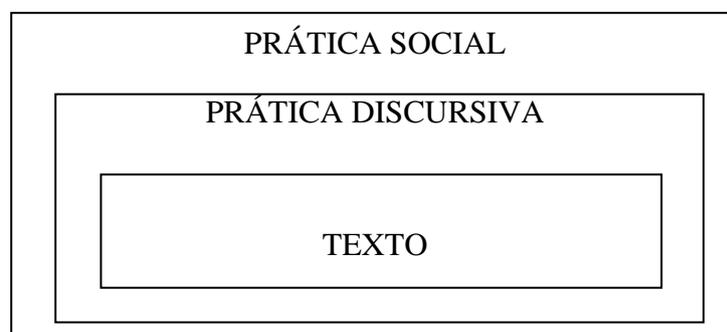
Em termos de prática discursiva, ela é uma forma de prática social, e ambas estão relacionadas através da produção, distribuição e consumo textual. A produção e consumo revelam, como discorre Fairclough, uma natureza sociocognitiva, pois explica as conexões entre os textos (na produção, distribuição e consumo), porém é importante ressaltar que “não se pode nem reconstruir o processo de produção nem explicar o processo de interpretação simplesmente por referência aos textos: eles são respectivamente traços e pistas desses processos” (FAIRCLOUGH, 2016, p.104), por isso a importância da intertextualidade.

Desse modo, o Modelo Tridimensional reúne as três dimensões da análise, conforme argumenta, mais uma vez, Fairclough (2016, p. 105).

Ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos. Assim, seus procedimentos e suas práticas podem ser investidos política e ideologicamente, podendo ser posicionados por eles como sujeitos (e ‘membros’). Argumentaria também que a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais, dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência. E, finalmente, argumentaria que os próprios procedimentos que os membros usam são heterogêneos e contraditórios e contestados em lutas de natureza parcialmente discursiva. (FAIRCLOUGH, 2016, p.105)

Assim, surge o modelo Tridimensional, como exemplificado no quadro a seguir.

Quadro 2 – Modelo Tridimensional de Fairclough



Fonte: Fairclough (2016)

1.2.1. O discurso como prática social

Ao considerar o discurso como prática social, Fairclough destaca fenômenos como ideologia e poder em uma concepção de luta pela aquisição ou reprodução de um domínio hegemônico. Assim sendo, é importante entender que dentro das práticas sociais “a circulação dos textos produz efeitos e sua dinâmica pode ser alterada porque as hegemonias são sensíveis e mudam o polo de poder à medida que novas articulações são construídas” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.09)

1.2.1.1 Ideologia

A linguagem não é poderosa por si mesma, ela vai ganhando poder pelo uso que se faz dela. Como esclarece Fairclough (2016), essa é uma relação dialética da qual o poder não deriva da linguagem, mas a linguagem é também usada para desafiar, de certo modo, o poder e modificá-lo ao passar do tempo.

Para Fairclough, ideologias são desse modo definidas:

Significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Tal posição é semelhante à de Thompson (1984, 1990), de que determinados usos da linguagem e de outras ‘formas simbólicas’ são ideológicos, isto é, os que servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação.) As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* ‘senso comum’; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência à ‘transformação’ aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. Quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológica (2016, p.122).

Para a ACD, as ideologias são representações da realidade, “concebidas em diversas dimensões e formas nas práticas discursivas e que podem contribuir para instaurar, sustentar ou transformar relações sociais de poder, dominação e exploração.” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.109). Em síntese, o controle ideológico se torna mais eficiente se as representações da realidade forem consideradas mais “naturais” do que “sociohistóricas”.

Ainda segundo Fairclough (2016), a ideologia é uma propriedade de estruturas e de eventos. É uma afirmação que segue a linha de pesquisa de Michel Pêcheux, para quem a ideologia é

vista mais como propriedade das estruturas e está presente no texto. Porém, Fairclough alerta que é possível enxergar os traços ideológicos nos textos, mas não é possível “ler” de fato as ideologias no texto. Esse fenômeno ocorre “porque os sentidos são produzidos por meio das interpretações dos textos e os textos estão abertos a diversas interpretações, que podem diferir em sua importância ideológica” (2016, p.124).

Os estudiosos que “conseguem” identificar as ideologias nos textos, como pontua Fairclough, assemelham-se àqueles que, por exemplo, no discurso midiático colocam o “consumidor” como meros agentes passivos das ideologias proclamadas pelo poder, o que se caracteriza como a “teoria da agulha hipodérmica da comunicação”. Essa teoria tentou explicar a comunicação de massa e seus efeitos sobre o público, argumentando que uma mensagem seria comparada a uma seringa, transmitida pela mídia e recebida de maneira idêntica por todos os receptores, de maneira rápida e poderosa. Por isso é preferida a seguinte leitura:

A concepção de que ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens do discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos, quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos. (FAIRCLOUGH, 2016, p.124)

O autor da abordagem dialético-relacional na ACD também adverte sobre a localização da ideologia no texto, pois não se encontra apenas no vocabulário e no sentido das palavras, mas também em outros aspectos semânticos, como as pressuposições, metáforas, estilos, as formas do texto, a transitividade, tomadas de turno e coerência. Isto é: “o ponto importante da relação entre ideologia e texto é que, como elementos de eventos sociais, os textos têm efeitos causais, ou seja, mudam pessoas (crenças, atitudes, valores), mudam relações sociais e mudam o mundo material.” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.60)

É importante salientar que nem sempre as pessoas têm consciência da ideologia presente em seus discursos, pois “as ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que suas práticas normais poderiam ter investimentos ideológicos específicos.” (FAIRCLOUGH, 2016, p.125). Isso pode ser afirmado porque quando há resistência na prática, com perspectiva de mudança ideológica, nem sempre há consciência dos detalhes ideológicos. Assim sendo, Fairclough defende uma consciência crítica “para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidas.” (2016, p.125)

Para ele, a teoria de Althusser é de grande contribuição especialmente na questão ideológica, mas “subestima a capacidade de os sujeitos agirem individual ou coletivamente como agentes, até mesmo no compromisso com a crítica e na oposição às práticas ideológicas.” (FAIRCLOUGH, 2016, p.126). Dessa maneira, o autor citado posiciona os sujeitos ideologicamente, capazes de agir “criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras.” (FAIRCLOUGH, 2016, p.126). Dessa maneira, conclui que nem todo discurso é investido ideologicamente:

As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, a medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia. (FAIRCLOUGH, 2016, p.126)

Assim sendo, ideologia apresenta diversas abordagens que “denotam as múltiplas especificidades do conceito, mas todas em geral são tributárias da herança marxista, que vê a história como luta de classes e mesmo luta pelo poder.” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p.44). Thompson é um autor que examina em detalhes essa relação entre ideologia e poder, haja vista que “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (1995, p.76). Esse detalha se fundamenta em uma grande análise do termo em seu livro “Ideologia e cultura moderna” relatando a origem do termo e os diversos enfoques que o levaram a sua concepção, desde Destutt de Tracy, Lenin, Lukács, Mannheim, consideradas como concepções neutras; Marx e Engels, Napoleão e uma segunda versão de Mannheim, consideradas como concepções críticas (THOMPSON, 1995).

O autor supracitado formula sua concepção de ideologia através de Marx, conforme aludido, porém salienta que o faz de forma modificada:

Não é essencial que as formas simbólicas sejam errôneas e ilusórias para que elas sejam ideológicas. Elas *podem* ser errôneas e ilusórias. De fato, em alguns casos, a ideologia pode operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações; mas essas são possibilidades contingentes, e não características necessárias da ideologia como tal. (THOMPSON, 1995, p.76)

Por formas simbólicas entende “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos.” (THOMPSON, 1995, p.79).

Desse modo, as maneiras como as formas simbólicas estabelecem e sustentam as relações de dominação torna-se mais importante do que testar a veracidade das formas simbólicas, segundo o autor. Outro ponto divergente entre Thompson e Marx versa sobre as relações de classe, pois para o primeiro essa não é a única forma de dominação e subordinação, pois “interessa-nos por outros tipos de dominação, tais como as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem” (THOMPSON, 1995, p.78).

Por conseguinte, Thompson distingue cinco formas pelas quais a ideologia pode operar, mas alerta que essas não são as únicas, podendo operar independentemente e até sobrepostas. Cada modo é compatível com algumas estratégias típicas de construção simbólica. Entre as cinco formas existem a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação.

A primeira é a legitimação, quando as relações de dominação são apresentadas como legítimas, justas e dignas de apoio. A legitimação pode estar baseada em três fundamentos, a saber: “racionalis (que fazem apelo à legalidade das regras dadas), tradicionais (que fazem apelo à sacralidade de tradições imemorais) e carismáticos (que fazem apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual)” (THOMPSON, 1995, p.82) e que exerce autoridade.

Esses fundamentos podem ser expressos a partir de três estratégias: a racionalização definida como “uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio”; universalização considerada do seguinte modo: “acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos, e esses acordos são vistos como estando abertos, em princípio, a qualquer um [...]”, mas é preciso que tenha a habilidade para ser bem sucedido nela; por fim a narrativização conceituada dessa outra forma: “essas exigências estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.” (THOMPSON, 1995, p.83). E ainda sobre essa última estratégia comenta o seguinte:

De fato, as tradições são, muitas vezes, *inventadas* a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão. Histórias são contadas tanto pelas crônicas oficiais como pelas pessoas no curso de suas vidas cotidianas, servindo para justificar o exercício de poder por aqueles que o possuem e servindo, também, para justificar, diante dos outros, o fato de que eles não têm poder. Discursos e documentários, histórias, novelas e filmes são estruturados como narrativas que retratam relações sociais e manifestam as consequências de ações de modo tal que podem estabelecer e sustentar relações de poder. Nas histórias corriqueiras e nas piadas que preenchem muito de nossas vidas cotidianas, estamos, continuamente,

engajados em recontar a maneira como o mundo se apresenta e em reforçar, através do humor que lucra às custas dos outros, a ordem aparente das coisas. Pelo fato de contar histórias e de recebê-las contadas por outros (escutando, lendo, olhando), podemos ser envolvidos em um processo simbólico que pode servir, em certas circunstâncias, para criar e sustentar relações de dominação. (THOMPSON, 1995, p.83)

A segunda forma de operação da ideologia é a dissimulação, na qual as relações de dominação podem ser “estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima das relações e processos existentes” (THOMPSON, 1995, p.83).

As estratégias pelas quais a dissimulação pode se apresentar são: o deslocamento considerando que “um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa”; a eufemização para a qual as “ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valoração positiva”, por exemplo quando se põe fim a um protesto justificando ser um ato de restauração da ordem, os campos de concentração, o desenvolvimento paralelo pra explicar as diferenças étnicas e tantos outros; o tropo entendido como “o uso figurativo da linguagem ou, mais em geral, das formas simbólicas. (...) Entre as formas mais comuns de tropo estão a sinédoque, a metonímia e a metáfora. Todas elas podem ser usadas para dissimular relações de dominação.” (THOMPSON, 1995, p.83-84). O autor explica esse último processo:

A sinédoque envolve a junção semântica da parte e do todo: alguém usa um termo que está no lugar de uma parte, a fim de referir ao todo, ou usa um termo que se refere ao todo a fim de referir a uma parte. Essa técnica pode dissimular relações sociais, através da confusão ou da invasão das relações entre coletividades e suas partes, entre grupos particulares e formações sociais e políticas mais amplas [...]. A metonímia envolve o uso do termo que toma o lugar de um atributo, de um adjunto, ou de uma característica relacionada a algo para se referir à própria coisa, embora não exista conexão necessária entre o termo e a coisa à qual alguém possa estar se referindo. [...] A metáfora implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado. [...] A metáfora pode dissimular relações sociais através de sua representação, ou da representação de indivíduos e grupos nelas implicados, como possuidoras de características que elas, literalmente, não possuem, acentuando, com isso, certas características às custas de outras e impondo sobre elas um sentido positivo ou negativo. (THOMPSON, 1995, p.85)

A terceira forma de operação da ideologia é a unificação na qual as relações de dominação são estabelecidas e sustentadas através “da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los” (THOMPSON, 1995, p.86). As estratégias dessa forma de operação são: a padronização caracterizada por formas simbólicas “adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca

simbólica”; e a simbolização da unidade que envolve “a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos” (THOMPSON, 1995, p.86). Sobre a última estratégia citada, o autor ainda faz a seguinte consideração:

Na prática, a simbolização da unidade pode estar interligada com o processo de narrativização, na medida em que símbolos de unidade podem ser uma parte integrante da narrativa das origens que conta uma história compartilhada e projeta um destino coletivo. Isso é muito comum não apenas no caso de organizações sociais de grande porte, tais como os modernos estados-nação, mas também no caso de pequenas organizações e grupos sociais que são mantidos agrupados, em parte, por um processo contínuo de unificação simbólica, através do qual uma identidade coletiva é criada e continuamente reafirmada. Ao unir indivíduos de uma maneira que suprima as diferenças e divisões, a simbolização da unidade pode servir, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação. (THOMPSON, 1995, p.86)

A quarta forma de operação da ideologia para Thompson é a fragmentação para a qual as relações de dominação são exercidas “unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial a um alvo”, que é visto como mau e ameaçador. As estratégias da referida forma de operação são as seguintes: diferenciação que é a ênfase “dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desnudem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder”; expurgo do outro que é uma estratégia que constrói um inimigo, “seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (THOMPSON, 1995, p.87). Essa estratégia por vezes é aplicada junto com a unificação, pois todos devem se unir contra o desafio, a ameaça.

A última forma de operação da ideologia chama-se reificação que ocorre quando as relações de dominação são asseguradas pela “retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal. Processos são retratados como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural” (THOMPSON, 1995, p.87) e assim é eclipsado seu caráter social. Gramaticalmente é possível perceber essa ação no uso da voz passiva e na nominalização recorrente, na tentativa de esconder o sujeito e conduzir o leitor a um ponto focal. A reificação acontece quando é eliminado o caráter sócio histórico do fenômeno.

As estratégias desse processo são as seguintes: naturalização entendida na seguinte perspectiva: “um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como

um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais”. Como exemplo: as diferenças no âmbito do trabalho entre homens e mulheres; eternização assim definida: “fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes”, sendo incluídos os costumes e as tradições (THOMPSON, 1995, p.88)

Dessa forma, fica claro que o conceito de ideologia para ACD detém-se “com quem está falando o que, para quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas de um pronunciamento” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.59). Afinal, o discurso transcende o gramatical. Mas isso não desconsidera que analisar os textos é na verdade descobrir as vozes inseridas nele, de que forma (ativa ou passiva) e as consequências para quem o interpreta.

A ideologia que se dá no interior das instituições sociais (família, educação, religião e tantas outras), também consideradas como aparelhos ideológicos de estado, impõem a doxa, ou seja, “crenças comuns, valores centrais – de grupos particulares gerando e hierarquizando atributos emblemáticos, como “a mãe ideal”, “deus”, “país”, “nação”, “o bom estudante” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.59). Nessa perspectiva se inclui a mulher ideal e os seus atributos, como o cabelo, o corpo, a cor e também a beleza. Isso se encontra associado às estratégias de como conquistá-la e mantê-la conquistada, ideologia presente na sociedade brasileira e retratada no discurso das jovens Youtubers em favor do cabelo crespo e cacheado. Portanto, o que se vê na construção midiática e tão problematizado pelo discurso das influenciadoras digitais aqui analisados, são os processos e percepções “de homogeneização e de uniformização, diminuindo diferenças e criando significados normativos.” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.59)

1.2.1.2 Hegemonia

Após entender a importância da ideologia para a prática social, um dos componentes dialéticos do discurso, se faz necessário revelar a discorrer sobre o conceito de hegemonia para o Modelo Tridimensional de Fairclough.

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de

alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios. (FAIRCLOUGH, 2016, p.127)

Assim, “para além da dominação de classes, a hegemonia refere-se a alianças e a integrações, experimentadas através de concessões, sendo estabelecida, portanto, muito mais por consenso que por coerção.” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.109)

Para Fairclough, na produção, distribuição e consumo dos textos também há luta hegemônica que acaba por contribuir para alimentar ou modificar as relações sociais. Por outro lado, as ordens do discurso contemporâneas trabalham com outras formas de poder, além da hegemonia, e que estão inseridas em um ‘mosaico’ de discurso, como reflete o autor, deixando ao analista a importante tarefa de tentar distingui-las. E assim concluí:

O conceito de hegemonia nos auxilia nessa tarefa, fornecendo para o discurso tanto uma matriz – uma forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes – como um modelo – uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modelo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens do discurso existentes. Isso fortalece o conceito de investimento político das práticas discursivas e, já que as hegemonias têm dimensões ideológicas, é uma forma de avaliar o investimento ideológico das práticas discursivas. (FAIRCLOUGH, 2016, P.131)

Entre os fenômenos sociais nos quais as relações de poder de modo mais agudo e crônico se instaura estão as relações entre poder e racismo. Nesse sentido, chega-se à concepção de que poder é instável e as suas relações assimétricas podem ser mudadas e até mesmo invertidas ou superadas. Para isso Fairclough se utiliza dos estudos de Foucault para o tema e assim considera:

O caráter do poder nas sociedades modernas está ligado aos problemas de controle das populações. O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas (...). O poder não funciona negativamente pela dominação forçada dos que lhe são sujeitos; ele os incorpora e é produtivo no sentido de que os molda e reinstrumentaliza, para ajustá-los a suas necessidades. (FAIRCLOUGH, 2016, p.78)

Para o autor, o poder na Era Moderna foi concebido pelo conhecimento e não necessariamente imposto por agentes coletivos, através do que ele chama de microtécnicas (como exames médicos) e desse modo surgiram escolas, hospitais, prisões, entre as instituições de

disciplinamento. Esse fica sendo o conceito de biopoder explanado por Foucault na qual o conhecimento/poder é capaz de transformar as vidas humanas.

Para Foucault, “o discurso é não apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual e pela qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado” (1984, p.110). Segundo o autor, a disciplina atuante nas sociedades, como a escola, por exemplo, é um poder disciplinar tanto para as massas quanto para o indivíduo.

Um ponto interessante no que Fairclough explora de Foucault para explicar sobre o discurso são as técnicas de objetificação e entre elas está a confissão, vista por Foucault como técnica de subjetificação. Segundo o francês, há uma compulsão nos indivíduos modernos a falar de si mesmo e para ele isso apenas aparenta resistência, mas na verdade expõe a pessoa ao domínio do poder, visto que aquele a quem a confissão é direcionada estaria de posse de informações valiosas. Longe de igualar os vídeos depoimentos das Youtubers como confissões, é interessante avaliar o papel da plataforma digital nesse contexto, pois o site dá oportunidade justamente a esse falar desprezioso, onde é possível desabafar sobre diversos assuntos. Porém, tomando oposição ao que Foucault argumenta, esse espaço serve sim de resistência, pois torna a discussão relevante e atuante, não deixando nas sombras os vários aspectos mencionados pelas influenciadoras. Para Foucault quando se pratica a confissão a pessoa está na busca por uma purificação, um alívio/liberação e em parte há esse sentido quando as jovens influenciadoras falam abertamente sobre as condições capilares e suas consequências.

Nos discursos das Youtubers aqui analisados, estão presentes manifestações de internautas que mostram mudanças pessoais advindas da influência das Youtubers. Marcas não apenas cosméticas se aliam aos enunciados dessas jovens, pois enxergam seu poder de assimilação. As influenciadoras conseguem dialogar com uma faixa de mulheres e também de homens investidos de autonomia e que estão atentos ao papel social que exercem. São indivíduos em busca de libertação de amarras sociais e dispostos a “confessar” não só os preconceitos vividos, mas também os poderes silenciosos que interferem nas suas jornadas.

Diante desse contexto, o racismo se apresenta como uma forma de poder implícita, inclusive nas práticas sociais cotidianas. Contudo, Foucault coloca o biopoder como sendo o conhecimento regente desse poder manifestado diuturnamente. Entretanto, o racismo já passou pela fase do conhecimento científico para ser atuante, essas foram suas primeiras manifestações, quando a Ciência usou o conceito de hierarquia das raças e do tamanho dos

crânios para justificar as diferenças sociais. Já o novo racismo, como pontua Wieviorka (2007) é concebido culturalmente e se dá pela incompatibilidade de “certas especificidades culturais, nacionais, religiosas, étnicas ou outras. O Outro, nessa perspectiva, sentido como se não tivesse nenhum lugar na sociedade dos racistas, é percebido como a negação de seus valores ou de seu ser culturais” (2017, p.36). Assim, o cabelo crespo, especialmente, e também o cacheado, são vistos como incompatíveis na cultura hegemônica da sociedade contemporânea, sendo alvo de discriminação e preconceito.

O poder presente no racismo ocorre quando “a pessoa é concebida como subordinada a uma comunidade, sua cultura, suas leis, suas tradições” (WIEVIORKA, 2017, p. 42). No caso da mulher, de maneira generalizada, há uma subordinação à cultura branca que é hegemônica, e das maneiras de sua institucionalização, como os procedimentos estéticos, a moda, o comportamento, entre outros. A mulher não é vista apenas como consumidora pela lógica capitalista, mas também como produto e objeto pelos olhares do machismo, sendo a situação mais dramática e sistemática quando se trata da mulher negra, vítima de todas as maneiras de violência do racismo.

1.2.2 O discurso como prática discursiva

A prática discursiva aborda a produção, distribuição e consumo textual, que logicamente varia de acordo com o discurso e com o fator social. Como esclarece Fairclough (2016), a produção do texto depende do contexto no qual se está inserido e também de formas particulares.

No que concerne ao consumo, Fairclough (2016) avalia o tipo de trabalho interpretativo que o texto pede (se é necessária atenção exclusiva para a interpretação ou se pode ser dividida com outras tarefas) e os modos de interpretação disponíveis, levando-se em conta que esse consumo pode ser feito de maneira individual ou coletiva. No caso das Youtubers, é importante perceber que os vídeos produzidos são normalmente consumidos em uma lógica multitelas, onde o internauta está visualizando o vídeo, mas também consumindo e dividindo sua atenção com outras atividades. Mesmo os discursos das influenciadoras tendo um caráter coletivo, pois são produzidos para um grande número de pessoas, há um consumo individual. Essa característica dos vídeos chama atenção visto que os depoimentos apresentam a particularidade de serem um virtual tête a tête (uma das jovens chama seus seguidores de “íntimas”), e também confissões, pelas quais as jovens relatam experiências fortes envolvendo

os cabelos e autoestima. Revela-se ainda os resultados dos vídeos, pois inúmeras pessoas estão buscando o uso natural dos cabelos depois de serem impactadas pelos vídeos das Youtubers, afinal alguns “textos (...) modificam as atitudes, as crenças ou as práticas das pessoas” (FAIRCLOUGH, 2016, p.112). Por isso, em relação ao vídeo depoimento das Youtubers, a literatura comenta:

Esses gêneros são adaptações de antigos gêneros, mas antes disso, são novos usos, repletos de novas ideologias muitas vezes antagônicas, que, na disputa pelo poder, conferem maior ou menor campo de ação aos participantes, recriando intuições e alterando práticas tidas como sólidas ou fixas em nossa sociedade. (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.12)

Em termos de distribuição, alguns textos podem ser simples ou ter distribuição complexa. Para a perspectiva da ACD abordada na presente dissertação, as organizações sofisticadas produzem textos pensando na sua audiência, antecipando a distribuição para desbravarem os múltiplos leitores. Por mais que apenas se vislumbre as grandes instituições, no caso da Youtubers também ocorre tal fenômeno. As jovens influenciadoras preparam seus vídeos com antecedência e muitas vezes pedem ajuda de seus seguidores sobre os temas que devem abordar e divulgam vídeos específicos para dia da semana. Mesmo não havendo um roteiro de falas pronto, há um ‘roteiro’ a ser seguido e um conteúdo produzido e pensado para um público específico. Ou seja:

Podem antecipar não apenas os ‘receptores’ (aqueles a quem o texto se dirige diretamente), mas também ou ‘ouvintes’ (aqueles a quem o texto não se dirige diretamente, mas são incluídos entre os leitores) e ‘destinatários’ (aqueles que não constituem parte dos leitores ‘oficiais’, mas são conhecidos como consumidores de fato. (FAIRCLOUGH, 2016, p.113)

No caso das influenciadoras pode-se dizer que há uma antecipação dos “leitores” até mesmo dimensionado pela lógica dos algoritmos das redes sociais digitais, que trabalham com o aval de curtidas, de visualizações e traçam perfis daqueles que poderiam se interessar pelo assunto. Desse modo, muitos que não são seguidores dos canais da Youtubers acabam visualizando seus vídeos e tendo contato com alguma parte deles. Além da distribuição posterior ao compartilhamento oficial, os seguidores tendem a propagar aquele discurso diretamente ou indiretamente dentro das relações sociais que participam (família, amigos, ambiente de trabalho).

Fairclough expõe ainda as dimensões sociocognitivas da produção e interpretação dos textos, visto que a depender dos recursos dos membros e dos participantes. Sobre o discurso, é dito o seguinte sobre eles: que “têm interiorizados e trazem consigo para o processamento textual, e o próprio texto.” (2016, p.113). Esses recursos servem como pistas para o processo de

interpretação, pois elas “procedem de maneira não consciente e automática, o que é um importante fator na determinação de sua eficácia ideológica, embora certos aspectos sejam mais facilmente trazidos à consciência do que outros” (2016, p.113). Tendo em vista que as jovens influenciadoras relatam também os processos de preconceito e racismo, é cabível observar as ideologias presentes no discurso estando assim relacionadas na interpretação dos mesmos. Dessa maneira:

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens do discurso e convenções para a produção, a distribuição e consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre. (FAIRCLOUGH, 2016, p.113, 114)

Por dividirem experiências com o público-alvo, as Youtubers compartilham dos muitos recursos disponíveis com os seguidores e quando trazem novos assuntos, a natureza específica da prática social da qual fazem parte permite uma interpretação dos internautas. Há ainda os que não aceitam as influenciadoras e aproveitam do espaço digital para denegrir, acusar e se opor não só a negritude, mas também ao que ideologicamente as jovens representam.

O conceito de prática discursiva surgiu nos trabalhos do pensamento foucaultiano. Dessa forma, as práticas discursivas são para Foucault socialmente controladas, selecionadas, controladas, organizadas “e redistribuída por um certo número de procedimentos, cujo papel é tutelar seus poderes e perigos, domesticar suas casualidades, escapar da sua ponderável, formidável materialidade.” (1984, p.109). Entre os procedimentos mencionados por Foucault estão as “restrições sobre o que pode ser dito, por quem e em que ocasiões; oposições entre os discursos da razão e da loucura, entre discurso verdadeiro e falso; efeitos de atribuição de autoria, limites entre disciplinas” (FAIRCLOUGH, 2016, p.80). É imperioso salientar que mesmo a internet dando origem a uma chamada “democratização” do discurso, e que em um primeiro momento parece ser possível falar sem as restrições mencionadas por Foucault, a realidade difere disso. O próprio acesso à internet não é democratizado, assim como a aparelhagem necessária para tal não está ao alcance de todos. Mesmo com a saída dos mais pobres da zona de pobreza e com o aumento de bens de consumo, inclusive o celular (maior ferramenta de conexão), ainda há a barreira social, visto que os espaços digitais acabam sendo um reflexo dos relacionamentos offline. Ou seja, o indivíduo ainda lida com restrições de poder dentro da esfera digital, já que não consegue falar para membros fora da sua “bolha” e

ainda há as restrições simbólicas, que imperam tanto offline quanto online, sendo essas as mais prejudiciais e difíceis de apontar, o racismo, por exemplo, é uma delas.

Dentro da prática discursiva, Fairclough ainda aponta dimensões que servem de guia para análise, são elas: interdiscursividade, intertextualidade manifesta (ligadas à produção discursiva), cadeias intertextuais (no que concerne a distribuição), coerência e condições de prática discursiva (ligadas ao consumo textual). O objetivo do presente trabalho é apenas analisar a produção do discurso das Youtubers, por isso dentro da perspectiva da prática discursiva os textos somente serão estudados na perspectiva da interdiscursividade e intertextualidade manifesta.

Assim sendo, intertextualidade é “a propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 2016, p.119). Mesmo a intertextualidade estando dentro da produção discursiva, Fairclough também aponta como ela se manifesta na distribuição e no consumo textual. Primeiramente, na produção, um texto sempre está “respondendo” acrescentando a algo já existente. Na distribuição, a transformação dos textos fala por si; um vídeo, por exemplo, pode ser transformado em uma matéria para um blog; e no consumo outros textos são utilizados pelos intérpretes para o processo de interpretação.

Portanto, a importância da prática discursiva no modelo tridimensional pode ser considerada do seguinte modo:

São a historicidade inerente a uma concepção intertextual e a maneira como esta acomoda tão prontamente a prática criativa que a tornam tão adequada para minhas preocupações presentes com a mudança discursiva, embora, como argumentarei adiante (item *Hegemonia*), ela precise estar ligada a uma teoria de mudança social e política para a investigação da mudança discursiva dentro de processos mais amplos de mudança cultural e social. (FAIRCLOUGH, 2016, p.120)

O conceito de hegemonia e intertextualidade são importantes, pois a intertextualidade “aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes [...] para gerar novos textos” (FAIRCLOUGH, 2016, p.141). Mas o autor alerta que essa produtividade não é algo disponível para todos, ela é socialmente restringida e condicionada as relações de poder, ou seja: “Além de incorporar ou, por outro lado, responder a outros textos, a intertextualidade do texto pode ser considerada incorporação das relações potencialmente complexas que tem com as convenções”

(FAIRCLOUGH, 2016, p.142). Dessa maneira, os textos recorrem a outros textos, seja para ironizar, parodiar, mesclar ou mesmo reacentuar, como propõe Bakhtin (2003).

O termo intertextualidade é um conceito nomeado por Júlia Kristeva [(1966)1986], filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa, a partir da leitura de Bakhtin (2003). Nessa leitura se pontua que toda a fala é constituída por palavras dos outros, em uma “resposta” a algo que já foi dito e antecipando a fala que ainda virá. É dito o seguinte: “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias da esfera de comunicação discursiva” (2003, p.297). Ainda segundo Kristeva, a intertextualidade significa a história no texto, pois os textos do presente absorvem os do passado e podem assim desempenhar papéis na mudança social.

O autor inglês também esclarece a diferença entre intertextualidade manifesta e interdiscursividade (intertextualidade constitutiva). A primeira ocorre quando há explicitamente outros textos no discurso analisado e a segunda é uma questão de como “um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens do discurso” (FAIRCLOUGH, 2016, p.158).

Na intertextualidade manifesta, Fairclough destaca exemplos de como a inserção de outros textos pode estar presente na análise:

(...) as **negações** também implicam uma asserção em “outro texto” e por isso são marcas de intertextualidade. Semelhantemente, as **ironias** ecoam o enunciado de outro texto, expressando alguma atitude negativa, por exemplo, de sarcasmo. Há também a **pressuposição**, que considera a presença de outro texto incorporado em proposições estabelecidas (“dadas”). (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.143)

O representante da ACD ainda disserta sobre como o discurso é representado, pois não é só a fala que é representada, mas todos os aspectos que aquela inserção significa. As pressuposições, por exemplo, podem ser usadas para manipular o leitor, as negações podem ter finalidade polêmicas, com o intuito de rejeitar ou contestar o texto anterior. O metadiscurso, outro ponto questionado dentro da intertextualidade, “implica que o falante esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo” (2016, p.164). Isso, sem dúvida, revela muito sobre a identidade do falante.

A respeito da interdiscursividade, Fairclough olha para termos como “gênero”, “tipo de atividade”, “estilo” e “discurso”. O gênero norteia os demais, e para o autor perceber a utilização dos mesmos dentro dos textos, é entender como as sociedades se organizam, pois implica não somente em tipos de texto, mas como eles são produzidos, distribuídos e consumidos. Os gêneros associados aos tipos de atividades revelam que um “tipo de atividade

pode ser especificada em termos de uma sequência estruturada de ações das quais ele é composto, e em termos dos participantes envolvidos na atividade – isto é, o conjunto de posições do sujeito que são socialmente constituídas” e reconhecidas (FAIRCLOUGH, 2016, p.169).

O estilo e o discurso também são importantes, pois no caso das Youtubers, no gênero depoimento, no qual o discurso é construído, são esperadas certas atividades da parte das influenciadoras, como por exemplo, perguntas retóricas, e dos internautas espera-se “likes” ou compartilhamentos, só para citar tipos de atividades que não são necessariamente rígidas. O estilo informal e casual, usado pelas influenciadoras digitais é falado (em termos de modo) e refletem normalmente um viés conversacional e de acordo com o modo retórico podem ser classificados como em grande parte argumentativos. Em termos de discurso, a fala das Youtubers está dentro de um novo modelo, visto que não é um tipo técnico, mas se apresenta assim quando fala de especificidades do cabelo crespo e cacheado, e ainda consegue ser popular, íntimo e subjetivo.

Intertextualidade constitutiva (interdiscursividade), por ser a combinação de diferentes discursos, está relacionada às relações entre os indivíduos e podem, por assim dizer, indicar “disputas de poder, dominação, competição, desejo de mudança, são recursos discursivos socialmente diferenciados” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.153). A citação abaixo esclarece melhor:

Para identificar e analisar discursos como “representação”/“construção” de aspectos da vida social, Fairclough (2003/2009) sugere levar em conta o grau de repetição de determinado discurso, bem como uma relativa estabilidade ao longo do tempo e sua identificação/correlação com determinados grupos de pessoas. Uma palavra ou frase podem remeter a determinado discurso, mas não o fazem por si sós, é necessário atentar ao texto/contexto para chegar a essa conclusão – as relações semânticas estabelecidas colaboram com essa tarefa. (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.153).

Assim sendo, torna-se imprescindível a análise das intertextualidades presentes nos discursos das Youtubers, a fim de entender o contexto no qual está inserido e que consequências ideológicas podem ser observadas desse fenômeno.

1.2.3 O discurso como texto

Como o processo discurso se apresenta dentro de um Modelo Tridimensional, o último componente da articulação dialético relacional é o texto. Por isso, Fairclough (2016) distingue

vocabulário, coesão, gramática e estrutura textual e seus respectivos desdobramentos, porém para o autor alguns desses aspectos contribuem para a construção da realidade social. Por texto, outros autores escrevem: “entendemos todos aqueles produzidos nas mais diversas situações sociais, formais ou informais, tanto os escritos como os falados ou visuais”(MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017, p.42). Tendo em vista na presente dissertação, a abordagem do discurso das Youtubers é predominantemente oral, não se enfocando tanto os aspectos visuais, os registros digitais transcritos serão analisados textualmente apenas através do item vocabulário. Aspectos gramaticais, coesão e estrutura social são tópicos mais relevantes em um texto escrito e sua exclusão não acarreta danos à análise.

Assim sendo, Fairclough aponta questões associadas ao vocabulário, como a criação de palavras, a significação delas e as metáforas. No quesito significados das palavras, “a ênfase está nas palavras-chave que têm significado cultural geral ou mais local; nas palavras cujos significados são variáveis e mutáveis; e no significado potencial de uma palavra, como um modo de hegemonia e um foco de luta” (2016, p. 302).

Esse autor revela que a escolha das palavras é importante não só para os produtores, que tentam expressar um significado através da palavra, mas também para os intérpretes, que são confrontados com a decisão de como interpretar. Por isso, “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos” (FAIRCLOUGH, 2016, p.239).

Por conseguinte, expõe o termo “significado potencial” para os significados relacionados com a palavra, normalmente representado pelos dicionários, mas é preciso estar atento, pois mesmo sendo um modelo normativo de significados há outras questões a serem vistas, entre elas, a saber:

(...) a relação palavra-significado pode mudar rapidamente, e assim muitos significados potenciais são instáveis, e isso pode envolver disputa entre atribuições conflitantes de significados e significados potenciais das palavras. (...) a mudança e a contestação de significados resultam em mudanças da força e na clareza dos limites entre significados no interior do significado potencial da palavra, e, de fato, a contestação pode girar em torno desses limites. (FAIRCLOUGH, 2016, p.240)

Assim, “o significado potencial é ideológica e politicamente investido no curso da constituição discursiva de um conceito cultural chave. Nos depoimentos das jovens, percebe-se o uso de palavras com significados internacionais e locais, e principalmente palavras de

camadas hegemônicas, com foco de luta, como a expressão “cabelo natural”, utilizada para reforçar a natureza “normal” de seus cabelos crespos e cacheados e não como durante muito tempo foram denominados de cabelo “ruim”. Afinal, é importante lembrar que “o cabelo, para o negro e para a negra, é um ícone identitário e um forte elemento usado pelo brasileiro para classificar e hierarquizar, racialmente, homens e mulheres” (GOMES, 2007, p.1878).

Na criação das palavras, o objetivo é “contrastar as formas de lexicalização dos sentidos com as formas de lexicalização dos mesmos em outros tipos de texto e identificar a perspectiva interpretativa que subjaz a essa lexicalização” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 302). Para o autor, novas palavras geram novos itens lexicais, como por exemplo, a nominalização. E utilizando-se da expressão criada por Halliday (1978), distingue “reexpressão” para designar palavras criadas para se opor as já existentes; e “superexpressão”, ou seja, uma preocupação intensa, uma densidade de expressões para um mesmo domínio, facilmente perceptível na utilização de sinônimos.

No caso das jovens influenciadoras, a estética dos cabelos cacheados recebe denominações próprias, com léxicos que só podem ser entendidos pelos participantes do diálogo, como por exemplo, transição capilar, “big chop”, fitagem e tipos de cacho que vão de 2A a 4C.

Na percepção da utilização das metáforas, Fairclough procura caracterizá-las em “contraste com as metáforas usadas para sentidos similares em outro lugar, e determinar que fatores (cultural, ideológico, etc.) determinam a escolha da metáfora” (2016, p.302) e os efeitos sobre o pensamento. Continua escrevendo:

Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença de uma forma permanente e fundamental. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 250)

No depoimento das Youtubers, as metáforas estão presentes em casos nos quais dizem que alisar os cabelos é um modo de “domá-los”, ou seja, de “controlá-los”, cabelos que são “rebeldes” e volumosos. Sobre esse uso o autor comenta:

Algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no discurso, no pensamento ou na ação, mesmo quando chama sua atenção para isso. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 251)

De um modo geral, no aspecto vocabulário, é interessante buscar no discurso das jovens as palavras ideologicamente contestadas, as que indicam racismo, por exemplo, a informalidade e o valor expressivo que é dado a algumas das palavras-chave.

CAPÍTULO 2 - RACISMO, YOUTUBERS E CABELOS

2.1 Origens das Teorias Científicas do Racismo Modernos

Sabe-se que na sociedade contemporânea os cientistas negam o conceito de raça, pois acreditam que o termo não tem consistência por conta da diversidade de fenótipos dentro de uma mesma raça, além de servir para segregar e separar os seres, através de um rótulo. Conforme explica Wieviorka, o conceito de raça recebeu o apoio de todos os campos do saber para demonstrar a “superioridade” da raça branca em detrimento de outras e para demonstrar que “a “mistura” é fonte de decadência para a raça superior: encontra-se nela a obsessão da mestiçagem, constantemente central no racismo” (2017, p.21). Para Lévi-Strauss (1952), o conceito de raça não é uma realidade biológica e sim uma construção genética. Consoante, o psicólogo americano John Tooby⁶ afirma que o ser humano nasce com a necessidade de identidade fortíssima, já diferenciando o “nós” do “eles”, fazendo assim que, às vezes, exista uma priorização do primeiro em relação ao segundo, especialmente quando se sente ameaçado. Porém, também está em estudo o fato de todos os seres humanos terem origem africana, pois a espécie Homo Sapiens, do qual os humanos da atualidade são derivados, evoluiu na África e que as diferenças físicas visíveis entre os povos não passam de acidente histórico, como por exemplo, a exposição ao sol. Assim sendo, a teoria do “nós” e “eles” deve ser repensada pois se todos os humanos derivam da ancestralidade africana, não existe “eles”, apenas “nós”.

Dessa maneira, antes de abordar o racismo no Brasil, é preciso esmiuçar o conceito e entender o seu surgimento. Segundo Wieviorka, racismo consiste em caracterizar um grupo humano basicamente por seus “atributos naturais, eles próprios associados às características intelectuais e morais, que valem para cada indivíduo dependente desse conjunto e, a partir disso, pôr eventualmente em execução práticas de inferiorização e de exclusão” (2017, p.09). O autor acredita que ao estudar, o assunto os pesquisadores e a Ciência Social como um todo, não podem e não conseguem ser neutras, mas que o simples fato de estudar a temática, contribui no seu combate, objetivo também do presente trabalho.

Para alguns autores, o embaixador e escritor francês Arthur de Gobineau, que esteve em missão diplomática no Brasil de Pedro II, é o fundador da Teoria Racista Moderna, através de um livro escrito entre 1853 e 1855, intitulado “Ensaio sobre as desigualdades entre as raças

⁶ Disponível em: < <https://www.psych.ucsb.edu/research/cep/primer.html> >. Acesso em 02 fev 2019

humanas”. Fazendo uma análise dessa obra, Gahyva (2011, p.511) assim escreve sobre os comentários do diplomata em torno da “raça negra”:

Aos negros ele destinava o último degrau em sua hierarquia racial. Isentos de miscigenação, jamais extrapolariam seu restrito círculo intelectual. A despeito da medíocre capacidade intelectual, eles se destacavam pela ímpar intensidade no terreno das sensações — traço paradoxal, que estabelecia simultaneamente as razões de sua inferioridade e a principal contribuição da raça negra para o desenvolvimento das civilizações. Quando aliada ao elemento branco, essa tendência faz surgir a sensibilidade artística (Gobineau 1983:342). Para ilustrar a face negativa dessa “intensidade frequentemente terrível” (Gobineau 1983:340), Gobineau recorria rabelaisianamente ao tema da alimentação: “Todos os alimentos lhe são bons, nenhum o desagrada. O que ele deseja é comer, comer em excesso, com furor; não há carniça indigna de ser absorvida por seu estômago” (Gobineau 1983:340)

A teoria não considera a importância dos relativismos culturais e nem os determinismos sociais e históricos, fundamentando-se em um biologismo sem evidências científicas plausíveis e elaborando conclusões estereotipadas e excessivamente ideológicas. Reduz o “negro” à condição de um animal com sensibilidade física e voracidade alimentar, sem nenhum resquício de civilidade.

Produções consideradas “científicas”, com a referida acima, mudou consideravelmente a concepção de racismo ao longo dos anos, e hoje atua reformulada, em uma visão contemporânea, na qual o grupo opressor argumenta como sendo uma incompatibilidade cultural. Para Wiewiorka, cabe aqui o questionamento: “Será que é possível apoiar-se num modo de abordagem integrado único para se dar conta do fenômeno? (2017, p.10). Infelizmente, o racismo não faz parte do passado e ainda se encontra atuante no presente:

Até os anos 1960, com efeito, certo otimismo se apoiava na ideia de a modernidade, identificada com o progresso econômico e político (a modernização e a democracia) e com a marcha triunfante da razão, faria progressivamente recuar o mal. O individualismo moderno significava também que as pessoas seriam cada vez mais julgadas ou percebidas pelo que fazem, por sua ação e sua vontade, e cada vez menos pelo seu ser, por uma essência qualquer, mais ou menos naturalista, isto é, considerada um fato da natureza. Este era um indício de que o racismo caminhava para os seus fins. Mais ainda, os horrores do nazismo acabavam de tornar ilegítima toda ideia de política de raça, podia-se definitivamente pensar, e a descolonização devia desencadear o declínio do racismo colonial. (WIEWIORKA, 2017, p.11)

Nesse contexto, a mídia passa a ter um papel fundamental, sendo preciso estudar e investigar o problema a fim de que um movimento antirracista pudesse lograr êxito. Por isso, a importância da temática dentro das mídias sociais digitais, paulatinamente um novo meio de interação comunicativa cada vez mais utilizado, o que seria, cientificamente falando, uma negligência intelectual não observar tais fenômenos.

Ainda de acordo com Wieviorka, a palavra racismo data depois do fenômeno racista, visto que o termo só foi integrado ao dicionário Larousse em 1932, e amplamente difundido no pós-guerra, mas o racismo já existia desde a *pólis* grega e nas sociedades asiáticas mais ancestrais, conforme aborda a autor:

Em um primeiro tempo, durante os séculos XVII e XVIII, dominam, não sem uma grande diversidade suficiente, representações do Outro que se podem denominar de proto-racistas. Algumas, notadamente, explicam as diferenças físicas dos africanos ou dos índios da América, elas mesmas percebidas como causa ou marca de uma inferioridade, pelo meio ambiente em que eles vivem: o clima, a natureza, mas também a cultura, a civilização na qual eles são socializados. Desse ponto de vista, o negro africano é um selvagem, mas que pode ser “civilizado” e mesmo ver sua aparência física transformada pela colonização. (WIEVIORKA, 2017, p.19)

Ou seja, o racismo científico, provendo diferenças da própria natureza nos grupos humanos se difunde no final do século XVIII e XIX e abre-se uma época na qual a ideia de “raça” está associada aos atributos biológicos, naturais e culturais (WIEVIORKA, 2017). Por tanto, as implicações do racismo científico levaram a crer em um determinismo que pretende explicar “não apenas os atributos de cada membro de uma suposta raça, mas também o funcionamento das sociedades ou das comunidades constituídas de tal ou tal raça.” (WIEVIORKA, 2017, p.24). Assim, a teoria supostamente científica traz no seu bojo uma ideologia: a superioridade da raça branca, vindo a condição de selvagem estar ligada apenas a outras raças. Na evolução do racismo científico há também, em um determinado momento as classificações de raça (indubitavelmente as inferiores) baseando-se na cor da pele, nos tipos de cabelo, formato de nariz e outras características físicas. Ao se levar em consideração as Youtubers negras e a temática dos cabelos crespos e cacheados, questiona-se até que ponto o racismo clássico foi realmente superado? Mesmo condenado cientificamente, no racismo ainda há a distinção física aparente, onde sinais como o cabelo são facilmente reconhecidos e quando isso ocorre os negros são vítimas de atitudes racistas. Assim, o cabelo ainda é uma característica física associada ao racismo, afinal a ideologia da supremacia branca está intimamente ligada a uma hegemonia cultural. Mesmo se estando no século XXI, ainda persiste a noção de cabelo bom e de cabelo ruim, como se houvessem raças melhores ou piores, ou melhor, como se raça fosse, de fato, uma construção biológica e não uma construção sociocultural e ideológica, pois “não é porque seu suporte científico tenha desmoronado, e o nazismo tenha desacreditado os projetos de uma política da raça apoiada em uma concepção que deixa um amplo espaço à biologia, que o racismo desapareceu” (WIEVIORKA, 2017, p.28)

Já o racismo institucional acreditava que era no funcionamento da sociedade que o racismo se fazia presente, para o qual:

O racismo constitui uma propriedade estrutural inscrita nos mecanismos rotineiros, assegurando a dominação e a inferiorização dos negros sem que ninguém tenha quase a necessidade de os teorizar ou de tentar justificá-los pela ciência. O racismo aparece assim como um sistema generalizado de discriminações que se alimentam ou se informam uns aos outros [...]. (WIEVIORKA, 2017, p.30)

O racismo institucional teve a sua força ao indicar que “o declínio das doutrinas científicas da raça não implica de modo algum a do próprio racismo” (WIEVIORKA, 2017, p.32). Isso significa que mesmo quando a prática racista já é desqualificada por lei, em lugares onde já é repreendida politicamente, se nada é feito para mudar as instituições “os membros dos grupos vítimas do racismo permanecem confinados em postos subalternos da vida econômica e política, ou sofrem discriminação no emprego, na habitação e na educação.” (WIEVIORKA, 2017, p.32). Esse tipo de prática exclui a prática do racismo executada por indivíduos, pois coloca toda a “culpa” em cima exclusivamente das instituições, porém essas práticas são desenvolvidas por indivíduos, o que faz recair a “culpabilidade” sobre todos. Como resume Wieviorka, o racismo estrutural:

[...] apresenta a utilidade de acentuar as formas não-flagrantes ou brutais do racismo, suas expressões veladas, pois transitam nas instituições; mas ela se torna insuficiente a partir do momento em que faz do racismo um fenômeno abstrato, a repousar aparentemente sobre em mecanismos abstratos, sem atores. (WIEVIORKA, 2017, p.33)

Por isso, a importância dos lugares de fala, inclusive no âmbito digital. Para Tim Berners, um dos criadores da Web, é importante existir uma Carta Magna da Web, ou seja, “um contrato de comprometimento entre vários países e empresas para tornar a Internet um espaço seguro, diverso, aberto e acessível.” (YOUPIX, 2018). Ele ainda complementa que o ponto crucial onde a Web está nesse momento indica que até ao final de 2019, 50% do planeta estará conectado. Em outras palavras, cada vez mais os lugares de fala online serão questionados e possivelmente questionadores.

Em 1981, no Reino Unido, surge o novo racismo, onde há a legitimação das diferenças culturais, como língua, religião, costumes, tradições, em detrimento das justificativas biológicas. Esse novo formato “insiste na ameaça que as diferenças dos grupos visados fariam pesar sobre a identidade do grupo dominante” (WIEVIORKA, 2017, p.34). Já nos Estados Unidos, o movimento denominou-se “racismo simbólico”, diferindo pouco do formato britânico, mas o que de fato interessa é ser uma forma de neorracismo. A autora continua a discorrer:

Chamado assim, por vezes que parece afastar o princípio da hierarquia biológica em proveito da diversidade cultural. Esse novo discurso racista se legitima menos pela invocação de uma desigualdade das “raças” do que pela ideia da irredutibilidade e da

incompatibilidade de certas especificidades culturais, nacionais, religiosas, étnicas ou outras. O Outro, nessa perspectiva, sentido como se não tivesse nenhum lugar na sociedade dos racistas, é percebido como a negação de seus valores ou de seu ser culturais. (WIEVIORKA, 2017, p.36)

Esse novo racismo, ao contrário do clássico tende a rejeitar e excluir e até mesmo destruir, ao contrário do racismo tradicional que aborda uma perspectiva de ideologia da hierarquia. No mundo contemporâneo, esse racismo clássico parece ter menos penetração, mas a lógica da diferenciação ainda está presente nas atitudes humanas, confirmadas aqui pelo discurso das jovens Youtubers. Continuando a se comentar sobre o racismo, pode ser escrito o seguinte:

[...] é sempre uma violência na medida em que constitui uma negação daquele que é sua vítima, uma alteração da humanidade da qual é portador. Essa violência é, sobretudo, simbólica quando toca a integridade moral da pessoa visada sem entrar diretamente sua participação na vida social, política ou econômica; quando está embutida no desprezo, do preconceito ou da simples expressão de ódio, sem consequência sobre uma integridade física [...].(WIEVIORKA, 2017, p.71)

Ainda há dois outros conceitos de racismo. Segundo Almeida, a saber: o racismo estrutural e o individualista. Esse último é visto como “patologia” que pode acometer um grupo ou uma pessoa, e é considerado um fenômeno ético ou psicológico. Nessa concepção, não “haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo” (2017, p.28).

Para Almeida, o racismo estrutural, por sua vez, é uma consequência do modo como se constituem as relações sociais (políticas, econômicas, jurídicas, familiares). Não é patológico, pois “comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (2017, p.39).

Por preconceito racial entende-se “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias.” (ALMEIDA, 2017, p.25). Por sua vez, a discriminação racial é “a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2017, p.25). Em termos de discriminação existe a direta e a indireta. A primeira é ostensiva, ocorre um repúdio ao grupo. Já a segunda é quando o grupo subalterno é ignorado, ou seja, “discriminação de fato -, ou sobre a qual são impostas regras de “neutralidade racial” – color blindness – sem que se leve em conta a existência de diferenças sociais significativas” (ALMEIDA, 2017, p.26)

Sobre o portador do preconceito, Wieviorka comenta que ele não apenas julga o Outro, mas também participa do seguinte processo:

Quase não é afetado, ou não necessariamente, pelo que lhe traz a experiência vivida ou o encontro com ele; ademais, opõe uma singular resistência à crítica, por mais escorada que ela possa estar. Contrariamente a uma ideia ingênua, não basta para fazê-lo recuar, explicar que o racismo repousa em pressupostos falsos e falaciosos para a ciência. (WIEVIORKA, 2017, p.60)

Concluindo o autor escreve que “o racismo antinegros é pejado de concepções e de representações que não explicam nunca pelas particularidades de seus alvos.” (WIEVIORKA, 2017, p.60). Dessa forma, podem ser pensados quatro níveis de racismo. O primeiro é o infra racismo, sendo exercido de maneira fraca, no qual o preconceito não tem alcance prático, a discriminação é contida e limitada. O segundo é o racismo declarado, no qual os atos de violência são mais frequentes, as ideologias racistas circulam com facilidade, mas mesmo ainda assim o racismo não está inserido no campo político. Já o terceiro nível é o do racismo institucionalizado e/ou político, vindo o fenômeno estar penetrado nas instituições, que acabam por contribuir para a segregação e discriminação (explicitamente ou não, de maneira velada ou não). Esse tipo influencia as categorias gerais dos debates políticos. Já o quarto e último nível é o que o autor denomina como racismo total, que penetra a sociedade e o Estado, como por exemplo, o apartheid e movimentos terroristas (WIEVIORKA, 2017)..

2.2 Racismo no Brasil, a questão do gênero e o feminismo negro

No Brasil o racismo teve seu percurso bem desenhado como esclarece Carneiro:

[...] ele foi se transformando por meio das diferentes óticas pelas quais foi abordado, o que teve início no pessimismo quanto à configuração racial miscigenada da sociedade brasileira – corrente no fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, como atestam os pensadores Sílvio Romero, Paulo Prado, Nina Rodrigues, entre outros – passando pela idílica sobre a natureza das relações raciais constituídas no período colonial e determinantes na predisposição racialmente democrática da sociedade brasileira, que tem em Gilberto Freyre sua expressão maior e mais duradoura. Existem ainda visões que consideram a questão racial como reminiscência da escravidão, fadada ao desaparecimento, tanto mais se distancie no tempo daquela experiência histórica, ou como subproduto de contradições sociais maiores, ditadas pela análise materialista dialética que as informava [...]. (CARNEIRO, 2011, p.16)

Assim surge o mito da democracia racial no Brasil, usando da miscigenação para ocultar as desigualdades raciais. Esse mito é “uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças inter-raciais fora da arena política, criando severos limites às demandas do negro por igualdade racial” (HASENBALG, 1987, p. 80). No âmbito da estética e da temática da presente dissertação, esclarece Gomes:

É por causa do racismo que os negros tiveram que politizar a beleza negra e valorizar o cabelo crespo. Entender essa discussão no contexto do racismo revela

porque os negros não são considerados como sujeitos de beleza, porque há pouco tempo eles foram considerados consumidores e porque têm que lutar tanto para ser cidadãos e cidadãs, inclusive no mercado da estética. E, numa sociedade capitalista, o mercado acaba tirando proveito dessa situação. (2007, p.1330)

Na sociedade brasileira, é possível enxergar, inclusive, a segregação racial em múltiplos aspectos e não apenas os geográficos, onde a maioria da população negra mora em condições inferiores aos brancos, em bairros e favelas sem acesso à saneamento básico e educação, por exemplo. Por isso, Wieviorka analisa o seguinte:

O termo segregação é ambíguo, já que designa tanto um processo quanto seu resultado. Aplica-se, além disso, a diversas realidades: étnica, racial e principalmente social. A segregação racial é, pois, ao mesmo tempo um processo e seu resultado: mantém um grupo a distância, localizado em espaços próprios que lhe são reservados, enclaves, guetos, territórios de um tipo ou de outro. (WIEVIORKA, 2017, p.65)

A discriminação, por sua vez, trabalha a partir de uma lógica de hierarquização e consiste, “com efeito, sem excluir o grupo tratado de maneira racista, em acusar a raça para lhe dispensar um tratamento diferenciado.” (WIEVIORKA, 2017, p.68). Porém a discriminação racial é “susceptível de exercer-se em todos os domínios da vida social, no acesso à educação, à saúde, ao emprego [...]. Aparece também na maneira como os grupos vítimas do racismo são tratados na mídia, na televisão, no cinema, na publicidade [...]”. (WIEVIORKA, 2017, p.68,69)

Mas a realidade se mostra diferente do que seria o mito da igualdade das raças no Brasil, ainda segundo Carneiro a

[...] população brasileira autodeclarado branco apresenta em seus indicadores socioeconômicos – renda, expectativa de vida e educação – padrões de desenvolvimento humano compatíveis com os de países como a Bélgica enquanto o segmento da população brasileira autodeclarado negro (pretos e pardos) apresenta índice de desenvolvimento humano inferior ao de inúmeros países em desenvolvimento. (CARNEIRO, 2011, p.16)

Sabe-se que em 2016, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), 8,2% da população brasileira se declarou preta, e 46,7%, parda, número ainda pequeno ao se considerar de fato qual é a cor predominante no país. Os números reafirmam o mito da democracia, pois muitos dos brasileiros não conseguem enxergar-se como negro (a). Pesquisas como o do PNAD e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) “indicam que as políticas universalistas, historicamente implementadas, não têm sido capazes de alterar o padrão de desigualdades entre negros e brancos na sociedade” (CARNEIRO, 2011, p.54). Ainda a respeito da miscigenação e dos dados mostrados pela pesquisa, a autora comenta:

Um dos aspectos mais surpreendentes de nossa sociedade é o fato de a ausência de identidade racial ou confusão racial reinante ser aceita como dado de nossa natureza. Quando muito, à guisa de explicação, atribui-se à larga miscigenação aqui ocorrida a incapacidade de demonstrarmos de nos autotransclassificar racialmente. É como se a indefinição estivesse na essência de nosso ser. Seres transgênicos que escapariam de qualquer identidade conhecida, que nenhum atributo racial e étnico utilizado alhures poderia abarcar por tamanha originalidade. É assim para o senso comum, é assim para a maioria dos intelectuais. Diferentemente de outros lugares, a nossa identidade se definiria pela impossibilidade de defini-la. (CARNEIRO, 2011, p.63)

É fato de que a miscigenação tem dado suporte para o mito da democracia racial, mas é imperioso saber que “61% dos que se supõem brancos em nossa sociedade têm a marca de um ascendente negro ou índia inscrita no DNA, na proporção de 28% e 33%, respectivamente” (CARNEIRO, 2011, p.66). Como informa Gomes (2007), o processo de mestiçagem não é de exclusividade do Brasil, pois independentemente de onde ocorra, opera com estranhamento. No Brasil, especialmente nos censos demográficos, percebe-se que a maioria ainda opta por declarar-se mestiço, como negação de uma ancestralidade negra, objetivando não só um crescimento econômico, um status de pertencer a uma categoria mais bem colocada financeiramente, mas também a um padrão estético próximo do ideal branco, rico e bonito. Mas o racismo, com sua ênfase na superioridade racial, contribui para o seguinte:

[...] ajuda a construir no imaginário social a crença de que é possível hierarquizar os sujeitos e seu corpo. Nessa perspectiva, o negro é visto como pertencente a uma escala inferior. Produz-se, nesse contexto, um tipo de violência que impregna a vida de suas próprias vítimas, a ponto de se constituir em representações negativas do negro sobre si mesmo e seu grupo étnico/racial. Dessa forma, a violência racista apresenta não somente conseqüências sociais, econômicas e políticas, mas, sobretudo, psíquicas. Toca no delicado campo das escolhas afetivo/sexuais, do desejo e da identidade. (GOMES, 2007, p.2231)

No Brasil, ainda há o problema do estereótipo. Se é negro a depender de certa tonalidade de cor e particularidades específicas, não basta se autodeclarar. Pode se afirmar seguinte: “Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade.” (CARNEIRO, 2011, p.70)

Há na sociedade atual o racista que “perdeu seu status ou sua posição social ou teme perdê-los, ou quer se proteger dos riscos de queda” (WIEVIORKA, 2017, p.45). Por isso, lhe desagrada ver grupos minoritários penetrando no seu espaço e isso é o que se vê no Brasil em relação às cotas nas universidades, por exemplo, iniciadas por Fernando Henrique Cardoso e ainda mais investidas no governo Lula. Sobre esse tópico, Carneiro afirma que “segundo dados do Ministério da Educação, em 2000 apenas 2,3% do contingente de formandos nas universidades eram negros, enquanto os brancos representavam 80%” (2011, p.100). Em um

país onde a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado, Carneiro entende que mesmo fundadas na ideologia da meritocracia, fator que amplia as desigualdades, as políticas de ações afirmativas têm sido “implementadas na diversidade enorme de países. Elas têm sido praticadas para atender a diferentes segmentos da população que por questões históricas, culturais ou de racismo e discriminação foram prejudicados em sua inserção social” (2011, p.27). Ao mesmo tempo, para Wieviorka:

O racismo funde ou amalgama as significações, mesmo as mais opostas; pode visar um grupo para melhor excluí-lo (por exemplo em nome de uma diferença cultural julgada irredutível e, portanto, naturalizada, racizada), e simultaneamente esforçar-se para incluí-lo (por exemplo para explorá-lo e tirar proveito dele) (WIEVIORKA, 2017, p.51)

É o que se percebe com relação à mulher negra, ao mesmo tempo que é excluída, por exemplo, do ambiente acadêmico. Como pontua Carneiro, “para que as mulheres negras alcancem os mesmos padrões salariais das mulheres brancas com quatro a sete anos de estudo, elas precisam de mais quatro anos de instrução, ou seja, de oito a onze anos de estudos.” (2011, p.101). Igualmente, ela é incluída quando se trata de sexualidade, pois como afirma Sant’Anna (1985), a mulher negra é apresentada como sedutora e o homem expressa o desejo de negrofagia e negrofilia em relação ao corpo negro.

No caso das Youtubers negras, a situação também se manifesta como desigual ao serem comparadas a influenciadoras brancas. Essas últimas, além de uma maior expressão midiática, também absorvem os maiores e melhores contratos publicitários, e recebem muito menos críticas e *haters* em seus canais. Por isso, mesmo estando em um ambiente supostamente mais democrático, as Youtubers negras sofrem desvantagens simplesmente por serem negras, por expressarem sinais de negritude ou ainda afirmarem seus sinais fenotípicos (no caso dos cabelos, mesmo aquelas que se considerem brancas, pardas ou mestiças).

Via de regra, no Brasil, “considera-se satisfatório que, em um conjunto de aproximadamente metade da população feminina do país, apenas uma ou outra negra ocupe posição de importância” (CARNEIRO, 2011, p.119). Ainda segundo a autora, as mulheres negras brasileiras se veem por vezes minimizadas em detrimento do feminismo, que engloba todas as mulheres dentro de um mesmo guarda-chuva e, especialmente, o movimento feminista brasileiro se negava a enxergar que existe sim diferenças dentro do gênero e que mulheres brancas e negras não podem ser representadas da mesma maneira. Carneiro ainda comenta:

As mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais

vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos. (CARNEIRO, 2011, p.129)

Por isso, a importância do lugar de fala da mulher negra, construído e ligado ao biótipo (corpo) e não ao intelecto, em um contexto pós colonização, no qual identidades têm sido silenciadas em quanto outras ganham força. Enquanto as pessoas brancas insistirem em sufocar a negritude brasileira, se estará vivendo em ritmo desigual. Ribeiro comenta o seguinte:

Essa insistência em não se perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais. (RIBEIRO, 2017, p.33)

A dificuldade da mulher negra está em não ser branca e nem homem, e por isso ocupam um lugar “marginal” na sociedade de hegemonia branca. Como afirma Kilomba (2012), há uma dupla carência na mulher negra. Segundo Ribeiro (2017), é preciso separar e entender as necessidades de cada grupo, não se podendo ter uma visão homogênea de homens e mulheres, visto que negros e negras vivem situações diferentes. O olhar universalista acaba por segregar e excluir. Para a autora, o primeiro passo é nomear as circunstâncias, pois quando uma realidade é invisível torna-se ainda mais difícil de combatê-la. O que precisa ser compreendido é que “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida.” (RIBEIRO, 2017, p.45).

Assim, o feminismo negro luta para dar relevância e poder narrar a “história das mulheres negras que também se constituem sujeitos políticos de direitos na arena social, porém têm suas questões colocadas à margem da gramática de reivindicações” (LIMA, 2017, p.10). Uma característica das feministas negras, do qual fala Ribeiro, é “que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes” (RIBEIRO, 2017, p.51). Mas o que se entende por feminismo negro no Brasil? Sebastião responde o seguinte:

Por feminismo negro no Brasil, considere o movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras comprometido com a mudança social e atuante num campo ideológico no qual estão inseridas. O feminismo negro é um conceito que vem sendo forjado na luta do movimento de mulheres negras pelo reconhecimento das especificidades do grupo no contexto da luta feminista e do combate ao racismo. (SEBASTIÃO, 2010, p.03)

Dessa forma, um dos objetivos do feminino negro é o aludido na concepção de Ribeiro expressa na primeira pessoa do plural, a saber: “[...] marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica.” (RIBEIRO, 2017, p.60, 61). Trata-se de lutar por condições sociais que permitam a esses grupos terem acesso à cidadania e saber que grupos majoritários restringem oportunidades a grupos minoritários. Ainda para Ribeiro:

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist stand point*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes de indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem mais tem acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não têm a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017, p.66).

As mulheres, especialmente as negras, lutam diariamente contra o estereótipo da mulher renegada ao lar e aos trabalhos domésticos, e também ao trabalho escravo e ao feminicídio. O fato de uma pessoa ser negra não exclui a mesma da falta de reflexão crítica sobre o racismo, e a mídia, inclusive, gosta de usar esses indivíduos para generalizar a classe. Entretanto, a realidade é outra.

Quando se aborda sobre grupos beneficiados, se faz necessário o entendimento de que mesmo que o indivíduo lute contra movimentos opressores, ainda assim ele está em um lugar de privilégio, assim como quando negros “reacionários” não deixam de sofrer racismo só porque lutam contra ele. Por essa razão, “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p.71). Portanto, quando negros e negras refutam o universalismo, pretende-se acabar com o discurso único e autorizado para dar lugar a múltiplas vozes.

Por mais que a cultura hegemônica acredite que é impossível transcender o seu discurso dominante, os subalternos têm rompido silêncios e mostrado seus próprios enunciados. As Youtubers são provas disso. É importante que mulheres negras tenham o direito de se auto definirem. Como escreve Ribeiro: “[...] os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos

historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (2017, p.77).

As máscaras de ferro são um bom exemplo de como a sociedade tenta silenciar os grupos dominados, desde o começo dos tempos. Por não aceitarem passivamente o cativo, os negros tentavam a fuga, e também o suicídio. Essa última estratégia trazia grandes prejuízos financeiros, pois os escravos eram uma “mercadoria” que deixaria de existir. Na tentativa de impedir que os africanos ingerissem terra até morrer sufocados, as máscaras de ferro eram utilizadas para prevenirem as respectivas mortes, assim como silenciarem as pertinentes falas.

Essa circunstância remete a uma reflexão já trazida por diversos autores dessa temática. Afinal, por que não é permitido ao negro falar? Para Ribeiro, na verdade o branco é que expressa dificuldade em ouvir, pelo incômodo que é a voz do subalterno. Em contrapartida, é visado repreendê-lo e afastá-lo de sua consciência por todas as verdades ditas e agressões sofridas. Por isso canta em música Chico César, o seguinte verso: “Pois quando um preto fala, o branco cala ou deixa a sala com veludo nos tamancos”

É fácil identificar a falta de representatividade do negro nos diversos espaços públicos e privados onde há comunicação. Em um recorte rápido, quantos negros são deputados, apresentadores de TV, jornalistas e ocupam espaço de prestígio e poder na sociedade brasileira? Assim como na fala, existem também as máscaras de ferro simbólicas, que tentam sufocar os negros do século XXI.

As máscaras antigas, agora cobrem todo o corpo, da cabeça aos pés, pois quando se diz a um negro ou mestiço que seus cabelos são “armados”, feios, sujos e inapropriados, na verdade está se falando de racismo. Está se tentando sufocá-lo, novamente, colocando em senzalas emocionais e psicológicas, onde ele não tem direito à fala e à individualidade; onde seu corpo é manifestação do repúdio e do ódio. Infelizmente, o negro acaba sendo fruto desse contexto hegemônico, onde não acredita em suas potencialidades, e introjeta a cultura do belo branco, sem enxergar a sua cor, os seus cabelos e outros traços fenotípicos.

Assim sendo, é fundamental que todos tenham lugar de fala. Especificamente, em termos do que se chama virtual, sobre ele pode ser escrito o seguinte: “[...] um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados [que] encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, blogs” (RIBEIRO, 2017, p.88). É essencial também que os privilegiados percebam a importância desses espaços e de dar voz a

quem precisa falar, pois “como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas, ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio” (RIBEIRO, 2017, p.89).

2.3 As Youtubers

As Youtubers “nasceram” dentro do site denominado Youtube, lançado nos Estados Unidos em 2005, considerado um canal de cultura participativa. Segundo Burgess e Green (2009), é uma mídia de massa e deve ser levada em consideração ao se tratar de cultura popular contemporânea. De acordo com a empresa, hoje existem 1 bilhão de usuários. A maioria na faixa etária entre 18 e 34 anos, podendo ser acessado em 88 países e 76 idiomas. Além disso, mais de 1 bilhão de horas⁷ são assistidas diariamente no “streaming”⁸. A sua popularidade é crescente, e através dele é possível analisar as disparidades de participação e expressão, além de outros aspectos culturais, como a monopolização das mídias de massa e as múltiplas maneiras de produção na plataforma. O site em questão, assim como demais artefatos digitais, está inserido em um contexto de cibercultura. O que significa o termo? Pode se encontrar esta resposta:

O termo designa a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço. Trata-se de um fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador – ou algum dispositivo semelhante – a outros computadores. (MARTINO, 2015, p.27)

É a cultura humana ocorrendo em um espaço virtual e digital e “quanto mais o ciberespaço se expande, maior o número de indivíduos e grupos conectados gerando e trocando informações, saberes e conhecimentos” (MARTINO, 2015, p.28). Assim sendo, todos aqueles com acesso à internet fazem parte do ciberespaço, como as Youtubers.

Por estarem em um ambiente virtual, por vezes, as influenciadoras digitais aqui citadas, assim como todo conteúdo disponível em ambientes desse gênero, são menosprezadas, como se o virtual não fosse real e não houvesse relevância em certos aspectos da vida humana. É imprescindível deixar claro que o virtual faz parte do real, como pontua Lévy (2003). Martino ainda comenta o seguinte: “[...] cada conhecimento é valorizado dentro de seu contexto

⁷Disponível em:< <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em: 15 set. 2017

⁸Atividade de ouvir ou assistir vídeos diretamente da Internet. Disponível em:< <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/streaming>>. Acesso em: 15 set. 2017

específico, sem necessariamente implicar na desqualificação dos outros” (2015, p.32). Isso ocorre, porque, de fato, a tecnologia permite que isso ocorra, mas é a dimensão cultural que revela a importância desse fato para as Ciências Sociais.

Como se sabe a internet, e especialmente as redes sociais digitais, trabalham sobre a lógica do compartilhamento de ideias e experiências. Por sua vez, as redes sociais são entendidas “como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes” (MARTINO, 2015, p.55). Os laços nesses ambientes são flexíveis e formados, principalmente, a partir de interesses em comum. Portanto, o ciberespaço é constituído por uma troca constante de conhecimentos, que são recriados, transformados e editados “de acordo com as demandas específicas de uma determinada situação” (MARTINO: 2015, p.31).

Percebe-se nesse contexto, que se existem jovens mulheres dispostas a exporem suas vidas, medos e angústias online, falando de negritudes, cabelos, cachos e afins, é porque interessa a uma demanda específica de consumidores que esperam por vídeos depoimentos para construir e desconstruir ideologias, estruturas e autoconhecimento. E dessa maneira, o autor conclui:

Sem perder a inteligência individual, todas as pessoas podem, potencialmente, contribuir com algum elemento para a constituição de um conjunto de saberes que, sem pertencerem especificamente a ninguém, estão à disposição de todos para serem usados e transformados. (MARTINO, 2015, p.31).

Destarte, na internet o fenômeno Youtuber acontece onde pessoas interagem no site Youtube e produzem vídeos autorais em seus respectivos canais. Com diversas categorias e tipos de assunto diversos, esses influenciadores digitais, literalmente, influenciam usuários conectados, interagindo, divulgando, compartilhando informações. Entre os canais do Youtube existentes no Brasil, há o de jovens mulheres que falam sobre o tema beleza e estética, o que inclui o subtema cabelos. Para este subtema, existe uma discussão sobre cabelos cacheados ou crespos, envolvendo cuidados gerais, autoestima, comportamento, negritude e técnicas para ajudar na transição capilar (trata-se de um termo polissêmico que envolve um retorno após a um processo químico aos cabelos naturais).

O poder e a revolução digital trazidos por esses jovens, independente da temática que abordam, deve-se isso a uma cultura chamada por Henry Jenkins (2006) de “cultura da convergência”. Nesse contexto, essa “cultura” acontece na interação entre os indivíduos que, ao compartilharem “mensagens, ideias, valores e mensagens, acrescentam suas próprias

contribuições a isso, transformando-os e lançando-os de volta nas redes.” (MARTINO, 2015, p.34).

Uma importante característica dessa cultura da convergência é a possibilidade de unir opostos, ou mesmo categorizações diferentes em um mesmo local, indivíduos divergentes em opiniões, mas que atuam no mesmo espaço digital, o que engendra o sentido de espaço democrático da internet. Nesse sentido, as Youtubers fazem seu papel ao ressignificar experiências com cabelos crespos e cacheados. Até 2012 havia uma tendência, justificada pela moda/cultura, entre as mulheres de alisar os cabelos através de químicas como escova progressiva, por exemplo. Após o lançamento dos canais e blogs, onde as jovens questionam essa prática e trocam experiências pós-alisamento, surgiu um movimento de retorno aos cabelos naturais.

Como nesse ambiente digital, qualquer indivíduo pode ser um produtor de mensagens/conteúdo, o receptor é “alguém produtivo, que não apenas vai reinterpretar as mensagens da mídia conforme seus códigos culturais, mas também vai reconstruir essas mensagens e lançá-las de volta ao espaço público pela via dos meios digitais” (MARTINO, 2015, p.37).

Nessas comunidades virtuais, onde estão inseridos influenciadores e “influenciados”, as fronteiras que antes as distanciavam já não existem. E por mais que a interação seja virtual, a comunicação não deixa de ser menos autêntica, como pontua Martino na próxima citação, a saber: “[...] embora a forma de ligação entre os indivíduos seja diferente, seres humanos transpõem para as comunidades virtuais seus desejos, vontades e aspirações, das mais sublimes às mais perversas” (2015, p.45)

A iniciativa das jovens Youtubers é explicada a partir do que Batista escreve sobre as formas de mudança e superação, conforme encontrado na citação abaixo:

As sociedades alternam suas formas de ser e de agir ao buscar estratégias de renovação do conhecimento, na expectativa de que a mudança ocorra por meio das atitudes. Ao tomar consciência da dominação, o indivíduo busca superá-la, lutando contra os fatores que determinam a desvantagem social. Desse modo, a incorporação de novos valores ou conhecimentos é traduzida na identidade pelas marcas discursivas e materiais (vestimentas, instrumentos e assim por diante) [...]. (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.14)

Nesse caso, fala-se da “ditadura” do cabelo liso, da forma de comportamento da mulher, da submissão às vontades da cultura hegemônica do que é considerado o belo e o bonito. Por isso, ocorrem as buscas em ambientes virtuais de mulheres por mulheres que enfrentam as

mesmas condições de violência simbólica. De modo igual, o Youtube tem o seu mérito, pois “a circulação de informações gratuitas nas comunidades virtuais oferece a possibilidade de se pensar em alternativas de distribuição de conhecimento sem necessariamente atrelá-lo a algum tipo de poder econômico” (MARTINO, 2015, p.47).

Na medida em que as comunidades virtuais amadurecem, como esclarece Martino, as mobilizações vão acontecendo, politicamente inclusive. Um exemplo a ser explorado é a indústria de cosméticos capilares. Até o momento do surgimento dessas comunidades virtuais e dessas vontades gerarem repercussão em milhares de cabeças, literalmente, as grandes marcas de cremes de cabelo viram não apenas um novo nicho de mercado, no qual poderiam lucrar, o principal fetiche do capitalismo, mas igualmente atenderem às queixas de consumidoras que buscavam nas prateleiras produtos para seus cachos e crespos danificados e não encontravam. Mudança econômica, de certo, mas política também, afinal é dar possibilidade e chances de mulheres escolherem como desejam usar seus cabelos e não como uma imposição social, política e econômica, como se via até certo tempo atrás. Ir ao supermercado ou algum mercado de produtos de beleza e ter uma gama de frascos indicados para todos os tipos de cabelo, é liberdade e conquista, o oposto do modismo.

Ao se pensar em política dentro da esfera digital, deve-se focar em seu sentido mais amplo:

A política nas mídias digitais relaciona-se com as diversas manifestações e afirmações de identidade, na disputa pela chance de chamar a atenção de outras pessoas para problemas sociais diversos, procurando não apenas o engajamento, mas também a visibilidade. Isso significa aparecer em público e dar mais espaço para uma causa, reivindicação ou problema. Um blog ou perfil em rede social que marque posição a respeito de um estilo de vida pode ser entendido como um ambiente político – a identidade em público, torna-se um problema político. (MARTINO, 2015, p.86)

Shirky (2011, p.153) comenta que o importante não é necessariamente o que as pessoas compartilham ou o modo como fazem, mas sim a possibilidade de exercer essa liberdade. Logo, quando se fala em Youtubers negras, um outro evento fica ainda mais relevante, o racismo operando digitalmente, afinal uma pessoa não se torna racista por conta da internet, mas o ambiente virtual também proporciona encontros para quem partilha dessa prática social e concepção ideológica. Wieviorka esclarece o seguinte: “O pluralismo das mídias é indissociável do relativo pluralismo das audiências, mas é excessivo afirmar, no sentido das análises críticas que insistem na passividade das mídias, que cada uma se contenta com os suportes que a fortalecem” (2017, p.121).

Mesmo diante dessa nova tomada de espaço nas redes sociais digitais, onde mulheres negras tomam seus lugares de fala, é válido lembrar que:

[...] um negro integrado socialmente é ainda visto como alguém fora do seu lugar, pois ainda há uma expectativa social, introjetada em nosso imaginário, de que o único lugar que lhe pertence é o de “coisa”, de negação da subjetividade e, mais ainda, de não-humanidade, imposto pela escravidão. (GOMES, 2007, p.2335)

Ainda que exista atualmente, no Youtube especificamente e na Internet em geral, espaços para a comunidade negra se fortalecer, é pertinente salientar que ainda é pequeno o número de Youtubers negras em detrimento da quantidade de brancas em relação à população de negros e negras no Brasil. Mas a força desses movimentos é clara, conforme, mais uma vez, aponta Wiewiorka: “Quando a ação anti-racista é conduzida por atores diretamente afetados por ela, sua força é capaz de arrastar uma poderosa mobilização, a ponto de eventualmente obter resultados substanciais” (2017, p.143). Por isso, Carneiro discorre:

Há, portanto, espaços em que os negros não são desejados, nem como consumidores, nos quais operam os elementos de resistência determinados pelo estigma; é algo externo, não é da pessoa, mas anterior a ela. O modo do contágio do estigma expulsa os negros sutil ou violentamente dos espaços, também estigmatizados, como privativos dos brancos, em especial os das classes superiores. (2011, p.169)

Desse modo, o Youtube é uma plataforma que promove encontros, como o denominado Youtube Negro, onde reúne influenciadores digitais ligados a esse contexto, incentivando-os, promovendo lugares de fala e fazendo-os refletir ainda mais sobre seus objetivos com seus respectivos canais. Os debates gerados nesse contexto “foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017, p.60)

Enquanto a mídia fala de democracia multicultural, as jovens influenciadoras denunciam os preconceitos vividos através ou não de seus cabelos. Por mais que a tradicional mídia de massa dê o ultimato para a beleza, mostrando mulheres magras, brancas e de cabelos lisos como modelos de beleza, por mais que esse cenário esteja mudando, a internet e as jovens Youtubers exibem seus diários pessoais, os vídeos blogs, que “logo começaram a explorar a possibilidade de serem um novo canal para a divulgação de informações paralelas àquelas divulgadas pelas mídias impressa e audiovisual” (MARTINO, 2015, p.171).

Em contrapartida, há um movimento de desqualificação das jovens, visto que estão inseridas no contexto das celebridades digitais, pois como argumenta Martino “não é necessário ter ou fazer nada de especial para ser conhecido. Basta ser conhecido para que isso torne a pessoa

especial” (2015, p.173). Essa justificativa tem sido usada para desvalorizar o trabalho de militância das Youtubers, porém é importante acentuar:

Não se trata aqui de diminuir a militância feita no mundo virtual, ao contrário, mas de ilustrar o quanto, muitas vezes, há um esvaziamento de conceitos importantes por conta dessa urgência que as redes geram. Ou porque grupos que sempre estiveram no poder passam a se incomodar com o avanço de discursos de grupos minoritários em termos de direitos. (RIBEIRO, 2017, p.58)

Assim, percebe-se a relevância do movimento, visto que celebridades aparecem com data de expiração, caso não ocorrido entre as Youtubers que desmascaram a beleza e falsa democracia racial do Brasil e ainda permanecem visíveis, relevantes e autônomas. Mesmo sendo web celebridades, vivendo o bônus e ônus dessa relação e chegando às redes de televisão já consagradas, o ambiente das jovens se renova e a discussão política continua. Como elucida Gomes (2007), o racismo ambíguo e o mito da democracia racial são realidades para o brasileiro (a), mas é importante perceber que trabalhar com a beleza negra não é apenas um apelo estético, por mais que se possa ter essa aparência. Além disso, as influenciadoras têm uma função sociocultural contundente. Ainda que “nas redes sociais, o “eu” mostrado aos outros não deixa de ser uma construção, feita a partir de escolhas para conseguir uma imagem de si mesmo de acordo com aquilo que se pretende mostrar” (RIBEIRO, 2015, p.248), o mundo das redes sociais digitais não é feito apenas de aparência. Por essa razão:

[...] friso que mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica, o que, muitas vezes, desonestamente, faz com que essas vozes sejam acusadas de agressivas justamente por lutarem contra a violência do silêncio imposto. O grupo que sempre teve o poder, numa inversão lógica e falsa simétrica causada pelo medo de não ser o único, incomoda-se com os levantes de vozes. (RIBEIRO, 2017, p.89)

As mudanças proporcionadas pelas Youtubers podem acontecer e acontecem, mas é um conjunto de fatores que as fazem expressivas. O simples fato de estarem na internet em um site com milhares de seguidores, curtidas e comentários não modifica a ideologia estética de capilar de mulheres brasileiras, mas o contexto na qual estão inseridas, suas experiências, o tempo e o local da informação reverberam no interior de uma estrutura social já comprometida. Destarte, é importante destacar:

Em situações de dominação, dominados e dominantes compartilham a sensação de normalidade da prática, identificados com posições e atividades. A partir da reflexão, surge a vontade da mudança, mas a agência não é um atributo individual e sim das articulações no bojo das práticas. A simples reflexividade não dá ao indivíduo ferramentas para agir, mas sim a consciência de que é possível atuar pela mudança. Para que a agência surja, é preciso haver mudanças nas relações que abrem espaço para a mudança efetiva aflorar. A organização dos eventos, a reunião de elementos favoráveis, a junção de pessoas e a oportunidade histórica, somadas às habilidades pessoais de convencimento e de influência sobre os demais, formam uma conjunto favorável a um grupo específico, envolvido em um projeto em torno

de uma estratégia no bojo de uma rede de relações sociais através de formas emancipatórias de interação social. (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.15)

2.4 Cabelo e transição capilar como símbolo da identidade negra

O cabelo é muitas vezes fonte de insatisfação das mulheres, tanto negras quanto brancas, pois todas tendem a modificar-los na tentativa de se aproximar do ideal da moda e do que chamam “cabelo bom”. Assim sendo, a indústria da beleza fatura milhões, ano após ano, lançando produtos e aparelhos que ajudem o público feminino nessa missão “impossível”. Ao alisar os cabelos, através de várias técnicas, a mulher se constitui como um determinado tipo de sujeito/pessoa e quando resolve quebrar esse paradigma também.

Entre os tipos de cabelo, o cacheado e o crespo chamam atenção por serem mais distantes do que a mídia publica como ideal de beleza e são responsáveis pelos maiores gastos na cosmética na tentativa alisá-los. Isso se encontra em harmonia com o que Munanga fala: “Para alguns, mudar o cabelo negro graças às novas técnicas de “relaxamento” e ao uso de novos cosméticos pode significar a fuga do corpo negro e a busca de um novo corpo que se assemelharia com o referencial branco de beleza.” (2007, p.36). No contexto feminino, isso só confirma até onde vai a mulher para atingir os objetivos impostos pelo capitalismo, e, para o negro (a) diz até onde se pode chegar a alienação do próprio corpo.

Para entender melhor os processos aqui esclarecidos, é notável estimar o cabelo não apenas como parte integrante do corpo, mas, sobretudo como corpo social e linguagem, como esclarece Munanga (2007), pois os fios são veículos de expressão e resistência cultural.

Segundo Gomes (2007), o cabelo crespo pode ser visto como uma linguagem que

[...] comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, uma vez que representa algo mais, algo distinto de si mesmo. Assim como o mito da democracia racial é discursado como forma de encobrir os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação, e o sentido a eles atribuído pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES, 2007, p.221)

A presente dissertação trata do tema cabelos em um contexto específico, entendendo sua revalorização a partir da influência de Youtubers na internet que mostram a beleza dos

cabelos naturais. Porém, antes de entender o processo de volta aos cabelos naturalmente crespos e cacheados, é preciso se fazer um recorte histórico e entender de onde veio esse cabelo, quais eram suas representações na cultura brasileira, suas modificações e simbologias.

A saber, o cabelo crespo é de origem africana e o cabelo cacheado por sua vez também é uma representação de cultura africana. Por ser mais anelado igualmente é característico da mestiçagem e mais aceito socialmente, visto estar mais próximo do ideal de beleza representado pelas mídias. Porém, o preconceito tende por vezes a separar os cabelos crespos e cacheados. Como esclarece Giampá (2016), ambos têm muitos pontos em comum, desde a raiz até às pontas. O que os vai diferir são os cachos, se mais fechados ou abertos. Ou seja, não existe um cabelo cacheado “bom” e um cabelo crespo “ruim”.

Na perspectiva cultura, Geertz (1989) assume “a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (p. 04). Quando se fala que culturalmente as mulheres tendem a querer os cabelos alisados, procura-se entender o motivo do fenômeno, pois como ainda pontua Geertz, o que se deve indagar é a importância da cultura e o que está sendo transmitido através dela. Nos vários depoimentos posteriormente analisados, percebe-se especialmente quando se fala da infância, da transmissão das técnicas capilares passada de mãe para filha. Só é possível analisar esse fenômeno na visão cultural, pois “a cultura é pública porque o significado o é.” (1989, p. 09).

Ainda segundo o autor supracitado, a cultura “não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível” (GEERTZ: 1989, p.10). Estar atento à interpretação semântica relacionada aos cabelos, cuja materialidade é o significante e o sentido cultural o significado, é entender que através do fluxo de comportamentos se pode observar as formas antropológicas em articulação.

Em um recorte histórico, Gomes (2007) alerta que nas sociedades africanas o cabelo era utilizado de maneira simbólica, e que a partir de diferentes penteados era possível ver se uma mulher era casada, qual o seu estado financeiro, pertencia a qual religião e que a sua origem geográfica. Ainda segundo a autora, assim que os escravos chegaram ao Brasil, os feitores raspavam os cabelos e barbas a fim de vender o negro. Em consequência, o escravo sentia-se humilhado, afinal todas as etnias africanas sempre deram extremo valor aos cabelos. Para

algumas etnias, o cabelo era contato e poder junto à espiritualidade. Entrando no novo continente, distante de seus estados culturais, as (os) negras (os) de cabeças raspadas eram vistos como criaturas sem identidade, sem nome, sem cultura. É impossível nessa perspectiva, não pensar nos “fatores” modernos e contemporâneos, que obrigam as mulheres a manipularem seus cabelos da melhor forma que o poder hegemônico defende. Hoje, jovens aderem ao “big chop”, movimento de cortar e raspar os cabelos visando tirar toda a química de alisamento dos fios para que o cabelo natural cresça. Esse processo de transição capilar é uma resposta não só às ideologias racistas, como também aos fatores de tempos atrás, em uma verdadeira reconexão consigo mesmo e suas ancestralidades. Gomes afirma:

Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer. Esse processo vivido num nível mais amplo e mais geral se reproduz num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra.(2007, p.2185)

Ainda para Gomes (2007), os escravos já nascidos no Novo Mundo tiveram que confrontar-se com ideais de beleza distintos de seus pais e avós, posto que foram manipulados e inseridos com violência na cultura branca. Ao longo dos tempos, começaram os processos de alisamento a fim de ficar próximo do mais novo padrão de beleza branco. Esse processo explica o porquê do cabelo cacheado ser mais aceito do que o crespo, pois os próprios negros viam aqueles cachos mais abertos como os mais próximos daqueles que o branco achava bonito. Como estavam submissos também culturalmente, começaram a buscar formas de estarem integrados no seu novo contexto. Assim, a sociedade aprendeu a dar um caráter negativo aos sinais do corpo negro e

[...] às diferenças culturais, físicas e estéticas como as crenças, a arte, o corpo, a cor da pele, o tipo de cabelo, entre outros. Esse processo insidioso muitas vezes é incorporado pelas suas próprias vítimas, que passam a acreditar na existência de algo de natural nesse distanciamento. Os negros, que são social e psicologicamente convencidos dessa suposta realidade, desenvolvem estratégias que acreditam aproximá-los da posição socialmente mais desejável. Manipular e alterar os símbolos ideologicamente vistos como expressões do seu suposto afastamento social e biológico do pólo de poder, do padrão de beleza e de humanidade são tarefas implementadas pelos sujeitos que caem nessa armadilha. O corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes pólos sociais e raciais. Por isso, para alguns homens e mulheres negras, a manipulação do corpo e do cabelo pode ter o sentido de aproximação do pólo branco e de afastamento do negro.(GOMES, 2007, p.2124)

Desse modo, as técnicas foram sendo atualizadas e os negros manipularam seus fios de diversas maneiras, chegando ao estado atual de alisamentos, relaxamentos, escovas e chapinhas.

Por ser considerado como um verdadeiro conflito racial dentro da falsa promessa de democracia racial no Brasil, o cabelo crespo/cacheado foi e ainda é visto como “ruim”, “Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste” (GOMES, 2007, p.115). Esse fato explica a quantidade de mulheres que recorrem a alisamentos, progressivas, escovas e chapinhas para deixar o cabelo liso, pois segundo Giampá (2016), em 2012, apenas 30% das mulheres com cabelos crespos e cacheados optavam por usá-los naturalmente.

Infelizmente, o cabelo crespo ainda é associado algo negativo e “está diretamente ligado ao preconceito étnico e racial, já que é característico dos negros. Assim, quanto mais crespo for o cabelo da pessoa, mais discriminada ela vai ser.” (GIAMPÁ, 2016, p.33). Dessa maneira:

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana com base na qual foram projetados os cânones da estética humana. Por uma pressão psicológica visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia “racial” de um grupo sobre os outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiúra do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em seu favor. (MUNANGA in GOMES, 2007, p.36)

Essa zona de tensão entre o branco e o negro é expressa no conflito entre as “belezas”. Dessa forma, “para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.” (GOMES, 2007, p.115). E por ser um estigma do corpo, o cabelo crespo/cacheado é visto como inferior. Destarte:

[...] o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude no corpo. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade negra, conquanto construção social, é materializada, corporificada. Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2007, p.193)

Em contrapartida, o movimento de deixar essas práticas de lado e passar pelo processo de transição capilar traz uma revalorização dos cabelos naturalmente crespos que “extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africanarecriada no Brasil” (GOMES, 2007, p.135). O termo transição capilar refere-se “a fase em que esperamos o cabelo natural crescer depois de anos de alisamento. É comum ficar então com duas texturas

diferentes: a raiz crespa – que é o cabelo natural crescido, mas ainda sem definição – e o restante alisado” (GIAMPÁ, 2016, p.34).

Nesse processo de transição capilar, muitas mulheres desistem quando enxergam a realidade dos cabelos naturais ou com duas texturas. Ao se verem com os cabelos naturais, próximos ainda mais de sua identidade negra e da estética do corpo negro, as jovens enfrentam a dualidade da negação/afirmação da identidade negra, possibilitando uma construção social, política, ideológica e cultural de suas identidades. Como pontua Gomes “a não-aceitação do “ser negro” leva as mulheres negras e as mestiças de cabelos crespos a ficar tão ansiosas com o seu tipo de cabelo que o submetem inescrupulosamente a qualquer processo químico.” (2007, p.1548)

Assim, se constroem as identidades na pós-modernidade, e esse processo de dualidade mencionado acima, sobre o negro estar afirmando ou negando sua identidade é explicada por Hall (2015) ao esclarecer que o sujeito antigamente tinha uma identidade unificada, mas agora ela é fragmentada, por vezes contraditórias e mal resolvidas.

A cultura brasileira é composta por instituições, símbolos e representações que acabam por moldar as identidades. Dessa forma, pode-se afirmar:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2015, p.31)

Isso posto, é possível identificar a construção da identidade negra, que não era reconhecida como indivíduo e por isso excluída, com seus corpos pertencentes ao homem branco. Assim, um discurso nacional é criado, fazendo com que a nação acreditasse e articulasse a escravidão. Posteriormente, tentando caminhar junto às demais nações abolicionistas, no Brasil se cria o mito da democracia racial, vindo as histórias, as memórias e ações sempre a justificarem porque era um mito.

Assim, entre as mulheres, tanto negras quanto brancas, vivem o que Hall denomina de “narrativa da nação”, que nada mais é do que um conjunto de eventos, ritos, símbolos, contados através de histórias, da mídia e da cultura popular, mostrando que a mulher bela é a de cabelos lisos. A mulher negra na verdade é a “mulata”. Seus cabelos devem partilhar da

beleza branca e que ela deve modificar seu corpo, quantas vezes foram necessárias para chegar o mais próximo possível do mito da beleza.

Além de outras estratégias utilizadas para promover o mito do brasileiro único, como por exemplo, a ideia de cultura nacional que sempre tentou unificar os tipos, as classes, os gêneros, mas é preciso reverenciar as culturas que foram subordinadas no processo de exploração, e que de fato são a base da “família brasileira”. Assim, não existe uma só mulher brasileira, um só tipo de cabelo, uma única cor de pele. A diversidade de tipos têm de ser reconhecida como belo. Como será visto no discurso das jovens influenciadoras, a questão estética e do mito da beleza repercutem no contexto físico, mental e psicológico das mulheres. Muitas trazem marcas através de uma baixa autoestima para a vida toda, sentindo-se feias e excluídas. No campo do relacionamento, as heteroafetivas sentem-se incapazes de ir adiante, visto que não conseguem os corpos desejados pelo público masculino. A fim de serem queridas e despertarem o interesse dos parceiros, procuram repetidamente as características do ideal de beleza branco. As ferramentas para atingir tal objetivo passam desde cirurgias plásticas à utilização de variadas químicas para alisamento dos cabelos. Assim sendo, necessário e urgente é enxergar a beleza onde quer que ela esteja.

CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa tem como base a metodologia qualitativa, pois não se ocupa com a representatividade numérica, mas com o significado de elementos da linguagem relacionados com a dinâmica sociocultural. Nesse tipo de pesquisa, “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20). Ainda segundo Gerhardt (2009), uma pesquisa qualitativa busca compreender, explicar, observar as diferenças entre o mundo social e o mundo natural e buscar resultados fidedignos.

Por analisar um discurso em um determinado recorte de tempo, pode-se definir esse trabalho como transversal. Igualmente, é uma pesquisa com dados decorrentes da pesquisa documental, ou seja, de uma coleta de dados que se dá através de vídeos (fonte audiovisual) produzidos pelas Youtubers, além de ser uma pesquisa bibliográfica pautada nos pesquisadores da ACD. Por tentar proporcionar uma maior familiaridade com o problema sugerido, levantar uma bibliografia adequada e utilizar da análise de exemplos (GIL, 2007), essa pesquisa torna-se uma atividade considerada exploratória. Além disso, segundo Lakatos (2010), é considerada eletrônica, pois utiliza informações extraídas de endereços digitais. Por fim, essa pesquisa “penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e a da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade” (LAKATOS, 2010, p. 106).

A Análise Crítica do Discurso (ACD) se torna importante para uma pesquisa de estudo qualitativo, pois além de ser transdisciplinar também apresenta uma perspectiva de que “o mundo não nos é dado, mas o formulamos num fluxo de nossas interações sociais, que formam, através de práticas discursivas, versões da realidade que se realizam na linguagem, e não a partir dela” (BATISTA JR.; SATO; MELO, 2018, p.23). Ou seja, a abordagem teórico-metodológica da ACD “desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformação na vida social contemporânea” (MAGALHÃES, 2005, p.03). No caso da presente dissertação, visa analisar o discurso das jovens Youtubers sobre o cabelo crespo e cacheado e sua ressignificação no contexto da sociedade brasileira racista e preconceituosa.

A pesquisa se vincula, então, à proposta de Fairclough em “Discurso e Mudança Social” (2016) que se caracteriza por reunir análise linguística e teoria social. O linguista inglês comenta:

[...] numa combinação desse sentido mais socioteórico de ‘discurso’ com o sentido de ‘texto e interação’ na análise de discurso orientada linguisticamente. Esse conceito de discurso e análise do discurso é tridimensional. Qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente como um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. (FAIRCLOUGH, 2016, p.22)

Assim, a ACD se dedica à análise de textos, mas sem esquecer o contexto sócio histórico, o que para o autor “é muito mais uma teoria que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua e, de uma maneira mais geral, sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante)” (FAIRCLOUGH, 2005, p.01).

3.2 Corpus: constituição, seleção e sistematização

O *corpus* da pesquisa está inserido no meio digital, em um domínio da internet denominado Youtube, um site de compartilhamento de vídeos, onde os usuários interagem e dialogam através dos canais de produtores de conteúdo e por isso, é também considerada uma rede social. Os vídeos veiculados na plataforma sob a condição de privacidade pública podem ser visualizados por qualquer pessoa com acesso à internet. Nesse espaço são divulgados e veiculados vídeos autorais de diversos assuntos e estilos e entre esses os de jovens mulheres, denominadas Youtubers, que compartilham seus dramas, sucessos e decepções na trajetória individual de cada uma com relação aos cabelos crespos e cacheados, esse será o objeto de nossa análise.

Para a presente dissertação foram escolhidas quatro Youtubers com relevante número de seguidores e que abordam problematizações a respeito da estética cacheada, como autoestima, racismo e cuidados com o cabelo crespo/cacheado.

A escolha das jovens mais populares e famosas deve-se à capacidade de repercussão e a massividade de seus discursos, influenciando assim muitas outras jovens, que as utilizam como guia e modelo. Justamente por terem essa capacidade de influenciar, que essas meninas são denominadas “influenciadoras digitais”. Foram avaliados e escolhidos vídeos de cada uma delas, que estejam direcionados aos seguintes temas: transição capilar (vídeos depoimentos

onde explicam a volta aos cabelos naturais) e abordagens sobre cabelo e negritude (vídeos onde expressam a ligação entre os dois).

Com esse arsenal de discursos audiovisuais serão investigadas as movimentações pertinentes ao estudo de caso do cabelo crespo e cacheado e suas consequências. Não se pode esquecer que os influenciadores digitais das redes sociais, especialmente os youtubers, vêm desenvolvendo um processo de reinvenção e customização da mensagem. Resignificada essa comunicação tem trazido, novamente, à tona opiniões a respeito de questões raciais e culturais importantes.

A pesquisa envolve material audiovisual veiculado em canais no Youtube, através da vontade e iniciativa das influenciadoras, para ser distribuído e consumido gratuitamente e compartilhado nas redes sociais digitais e não digitais. Como não envolve relações humanas diretas e nem documentos privados, não se torna necessário encaminhar para Comitê de Ética, porém por se tratar de depoimentos pessoais, mesmo veiculados publicamente, optou-se por não divulgar os nomes reais das Youtubers, a fim de preservar suas identidades.

Assim, a primeira influenciadora recebeu o nome de Juju. Com 26 anos a influenciadora nordestina foi morar no estado de São Paulo ainda muito nova e hoje é reconhecidamente a creator cacheada mais famosa do site YouTube, com mais de um milhão e seiscentos mil inscritos em seu canal. Seus vídeos são considerados os primeiros na plataforma sobre o tema cabelos cacheados e atua principalmente falando de suas percepções sobre ser mulher negra, estética e moda.

A segunda jovem ganhou o nome de Teca, ela tem 24 anos, é paulista e formada em Ciências Sociais. Das Youtubers é mais preocupada com as questões políticas e sociais e seus discursos são mais engajados, atualmente conta com mais de quinhentos mil seguidores.

A terceira Youtuber é denominada Nina, ela tem 26 anos e é carioca formada em Relações Públicas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Militante negra, a influenciadora fala de temas políticos e ideológicos com um toque de humor. Hoje, seu canal tem mais quatrocentos mil inscritos.

A última influenciadora, Mary, tem 19 anos e é mineira. Sua principal atuação passa por temas ligados a estética, maneiras de passar pela transição capilar, life style, comportamento e moda. Seu canal conta com mais de um milhão e quatrocentos mil seguidores.

3.3 Categorias de análise

Conforme comentado, o estudo tem como perfil analisar criticamente o discurso de influenciadores digitais cacheados, através do modelo tridimensional de Norman Fairclough, que tem um interesse particular na relação entre linguagem e poder. Além disso, compreender como se dá o poder do/no discurso e as intertextualidades da/na mensagem, tornando-se imprescindível destacar as categorias de análise do modelo tridimensional.

Quadro 3 – Categorias de análise da ACD de acordo com o Modelo Tridimensional.

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
<ul style="list-style-type: none"> - Vocabulário - Gramática - Coesão - Estrutura textual 	Produção: <ul style="list-style-type: none"> -Interdiscursividade -Intertextualidade Manifesta Distribuição: <ul style="list-style-type: none"> -Cadeias Intertextuais Consumo: <ul style="list-style-type: none"> -Coerência <ul style="list-style-type: none"> -Condições de prática discursiva 	<ul style="list-style-type: none"> -Ideologia sentidos pressuposições metáforas -Hegemonia orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

Dessa maneira, o discurso audiovisual (depoimento) das influenciadoras digitais, que antes de mais nada é texto, será analisado na perspectiva textual, discursiva e social, porém por tratar-se de um discurso oral nem todas as categorias de análise serão utilizadas para avaliação visando uma maior especificidade do tema. Então, na categoria texto será analisado apenas o vocabulário; na prática discursiva serão interpretadas questões generalizadas sobre a produção, distribuição e consumo, mais especificamente a intertextualidade e interdiscursividade; e na prática social será estudado o contexto ideológico e sociológico do discurso.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RECORTES TEMÁTICOS

Neste capítulo serão analisados os vídeos das Youtubers em favor do cabelo crespo e cacheado. Considerando, de acordo com Bardin (2011), que o tema é a unidade mínima de significado, presente em uma palavra, frase ou parágrafo, sendo passíveis de conceituação enquanto macrotemas e de classificação a partir dos microtemas, resgata-se a contribuição da análise temática de conteúdo, para este recorte.

4.1 Macrotema sobre Identidade Negra

Inicialmente, no quadro 4 são apresentados os microtemas relacionados com identidade negra

Quadro 4 – Macrotema do Discurso de Quatro Youtubers Sobre Identidade Negra

MACROTEMA	MICROTEMAS
4.1 Identidade Negra	4.1.1 Ser mais negra entre os ricos e menos negra entre os brancos
	4.1.2 Eu sou uma pessoa negra
	4.1.3 Ter consciência é revolucionário
	4.1.4 Não gostava de ser negra
	4.1.5 Afroconveniência
	4.1.6 Ser mulata
	4.1.7 Processos de descoberta
	4.1.8 Ser você mesma
	4.1.9 Amor próprio
	4.1.10 Autoestima da mulher negra
	4.1.11 Como ajudar um negro
	4.1.12 Visibilidade
	4.1.13 Aceitação
	4.1.14 Memórias
	4.1.15 Preconceito e Racismo
	4.1.16 Estética
	4.1.17 Técnicas de Embraquecimento

4.1.1 Ser mais negra entre os ricos e menos negra entre os brancos

Em se tratando do primeiro macrotema “Identidade Negra”, surgem diferentes microtemas, onde as Youtubers discutem as várias faces desse processo.

O primeiro deles começa a temática:

E sabe quando eu percebo que sou mais negra? Quando eu tô em ambiente de rico, quando eu tô com o mais rico, mais preta eu fico. É muito louco e um exemplo que

eu dei no Stories⁹, foi o prêmio Glamour¹⁰, que eu me posicionei. O meu discurso foi: “Espero que ano que vem tenham outras mulheres, outras meninas outros homens, outras pessoas negras, que eu pareça com eles e eles estejam aqui junto comigo”. *Houveram* aplausos tímidos e olhares desse tamanho, mas também *houveram* pessoas que gostaram muito e me apoiaram muito, do que eu falei, sabe? Eu quero saber de vocês e eu quero aprender *de* vocês e continuar aprendendo, como sempre foi aqui, uma troca. Eu falar de mim, você falar de vocês e a gente cresce juntos. (Juju)

Em relação ao texto, destaca-se o uso da palavra “rico” para diferenciar categorias sociais, sendo utilizada como antônimo da palavra “preta”. Na respectiva estrutura textual, ela faz as perguntas retóricas, visando prender a atenção dos remetentes e ao mesmo tempo respondê-las.

Em termos de prática discursiva, a intertextualidade é conceituada por Fairclough como a “propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmentos de outros textos” (2016, p.119). Nesse trecho, a Youtuber utiliza intertextualidade manifesta (presença direta de outros textos presentes no discurso) quando traz sua própria voz em outro momento, um discurso feito em uma premiação. O resgate dessa fala, no contexto em que foi dita, pretende mostrar a força do discurso atual, além da narrativa de como foi a percepção da representação discursiva “*houveram* aplausos tímidos” a fim de declarar a força opositiva (na perspectiva de quebra de padrões) do depoimento da influenciadora digital.

No caso da prática social, a Youtuber comenta: “quando eu *tô* com o mais rico, mais preta eu fico”. No recorte da atual sociedade brasileira, sabe-se que as desigualdades raciais são estruturantes da desigualdade social e por isso pode se referir a uma “hegemonia branca”. Segundo os dados do PNAD, em 2012, os brasileiros com renda *per capita* maior que três salários mínimos estavam divididos entre 13,8% aos considerados brancos e 4% aos declarados negros. Assim, os mais ricos são de fato brancos, por isso a declaração da blogueira a respeito de sua cor encontra-se relativa à condição econômica.

4.1.2 Eu sou uma pessoa negra

⁹O Stories é um recurso do Instagram onde “os usuários podem compartilhar seus momentos com fotos e vídeos personalizados com emojis, desenhos coloridos feitos a mão e textos. Entretanto, o Stories não é uma novidade para quem está acostumado as “Minhas Histórias” do Snapchat . Assim como na rede social rival, os posts ficam no ar por apenas 24 horas e, nesse período, são visualizadas e comentadas por seguidores do perfil.” Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/08/como-usar-o-stories-do-instagram.html>>. Acesso em 03 de setembro de 2018.

¹⁰O prêmio Geração Glamour é promovido pela revista feminina Glamour Brasil, onde são homenageadas mulheres que se destacaram no ano vigente. A escolha é feita por votação popular e as vencedoras recebem o troféu na noite da premiação.

Em outro recorte, a mesma Youtuber discursa sobre outra forma de preconceito sofrido por pessoas que apresentavam a cor da pele mais escura do que a dela, conforme se pode fazer leitura:

Enfim eu queria mais uma vez reafirmar a vocês: que sim! Eu sou uma mulher negra e eu não tenho a menor vergonha disso, ou nunca tive o menor medo de me posicionar em relação a isso, o autoconhecimento. Eu tinha medo da reação das pessoas, principalmente dos militantes negros, que têm muitos que me odeiam, a gente pode ser amigo, cara. A gente pode se ajudar, um ao outro. A gente pode trocar? Pra eu aprender muito, porque é isso que eu faço quando eu encontro as meninas, a Nina e a Teca, principalmente. Eu sugo muito delas e pergunto muito e quero saber muito, porque é assim que eu tenho aprendido. Mas por toda a minha história, por tudo que eu enfrentei, pelo meu tipo de cabelo, pelos meus pais também, por ter sim sofrido racismo, às vezes dentro da minha própria casa, eu sou uma pessoa negra e ninguém pode tirar isso de mim, entendeu? Mesmo eu tendo a pele clara, eu tenho muito orgulho disso. (Juju)

No texto é possível perceber o uso de vocabulário como “reafirmar” “vergonha”, “menor medo” e “posicionar”, que são utilizados no mesmo contexto discursivo, onde a influenciadora se declara negra, mesmo sendo vista como mulher de pele clara. Outro grupo de palavras também denota o medo, o ódio, a repreensão de um grupo de militantes que não considera a jovem como negra e ainda assim, a marcação do “mesmo”, para mostrar que apesar dos desafios, ela se declara negra. O uso do pronome indefinido “ninguém” também merece atenção em seu emprego: “ninguém pode tirar isso de mim”, nem mesmo os brancos que usurparam direitos dos negros e os negros militantes, que não a consideram negra.

Na estrutura textual nota-se a construção feita em cima do “eu” da história, dos preconceitos sofridos, da reação alheia, da troca com as iguais para mostrar, através do “storytelling” a construção da identidade negra.

Na prática discursiva, percebe-se o uso da intertextualidade ao trazer o discurso da militância negra para o debate/confronto de opiniões. Segundo a Youtuber, a militância negra não a considera partícipe da negritude, mas ainda assim ela se denomina negra, revelando que “por toda a minha história, por tudo que eu enfrentei, pelo meu tipo de cabelo, pelos meus pais também, por ter sim sofrido racismo, às vezes dentro da minha própria casa”, ela é negra. A intertextualidade trazida através da negação (a influenciadora digital nega o discurso da militância negra) e da rejeição são para Fairclough (2016) usadas frequentemente com finalidades polêmicas, como pode ser observado no fragmento em questão.

Em termos de prática social, aqui se fala sobre o que é ser negro, assim como em outros trechos dentro deste microtema, porém coloca em discussão a opinião de representantes negros e as experiências pessoais da Youtuber. O movimento de militância negra luta por seus

lugares de fala, para que possam ter voz, possam falar por si mesmos, visto que por muitos anos outros estiverem preenchendo esses lugares. Por ter a cor da pele mais clara a influenciadora digital não é considerada negra, e por isso não poderia ocupar tal lugar de fala, expressando ou representando essa comunidade. Porém, o argumento levantado por ela, para sua defesa, são as experiências vividas. Alegando já ter vivido preconceito e racismo combinados com algumas de suas características físicas, ela diz ser negra, mesmo tendo a pele mais clara.

Em outro vídeo a mesma Youtuber prossegue sobre ser mulher negra:

Quem acompanha aqui no canal sabe que faz muito pouco tempo eu comecei a abordar assuntos de questões raciais e que eu tive um posicionamento de que: “Sim, eu sou uma mulher negra”. E é muito engraçado, porque todas as vezes que eu afirmo isso às pessoas se dividem em três grupos: os que concordam comigo e me apóiam, que é o maior; as outras pessoas que dizem: “Eu fico revoltada quando dizem que essa menininha é preta”; e a outra galera que é o terceiro grupo que acha que: “Óbvio, óbvio que ela é negra, é nítido que ela é negra”. Pra quem me acompanha sabe que essa é uma pauta recente na minha vida e esse ano eu fui convidada por Seda pra abordar um pouquinho desse assunto, de acordo com a minha ótica, de acordo com a minha vivência, com a minha experiência pessoal. Lembrando que cada pessoa tem uma, cada pessoa vê isso de um jeito, cada pessoa tem os seus processos e passa por tipo de preconceito e racismo de forma diferente. E eu vou contar um pouquinho da minha história, trazendo para o meu contexto de vida, *tá bom?* Ser mulher já não é uma coisa muito fácil na nossa sociedade e uma mulher negra mais ainda. A gente tem uma tendência a estereotipar a mulher negra, a Teca inclusive, que é uma das embaixadoras da Seda, fala muito sobre vários estereótipos de mulheres negras, que a mulher negra ser forte ou a mulata ou a mulher negra raivosa, ela fala muito sobre todos esses conceitos e são muito reais, assim, quando você pára pra pensar. Então, se ser mulher já não é uma coisa fácil, ser mulher negra é menos ainda. (Juju)

Ao nível de texto, o vocábulo “menininha” colocado no diminutivo é utilizado como termo pejorativo, para diminuir a influenciadora digital.

Um outro grupo de palavras aparece com uma função sinônima: ótica, vivência e experiência pessoal. Para Fairclough esses sinônimos são chamados de “superexpressão”, ou seja, “um sinal de “preocupação intensa”, apontando para as “peculiaridades da ideologia” do grupo responsável por ela” (2016, p.249). Em outro momento do texto, dois outros léxicos são utilizados com a mesma função: óbvio e nítido, para destacar a negritude afirmada e visualizada pelo público seguidor da Youtuber. As expressões “cada pessoa tem uma”, “vê de um jeito” e “tem seus processos” também são “superexpressão” para designar a avaliação individual do processo de preconceito e racismo.

Na intertextualidade, a Youtuber mostra trechos de opiniões de grupos diversos sobre ela ser ou não negra. Esses depoimentos são trazidos para legitimar o tema abordado pela mesma. Já

na interdiscursividade, surge o seguinte trecho: “Ser mulher já não é uma coisa muito fácil na nossa sociedade e uma mulher negra mais ainda”, o que expressa as diferenças de gênero relatadas no País. As mulheres têm menos direitos do que os homens e sofrem mais pressão social, entretanto as mulheres negras sofrem as mesmas situações das brancas acrescidas do preconceito e do racismo, tendo dessa maneira uma vida de muito mais sacrifício do que as de cor branca. Segundo dados do IBGE, no contexto educacional, por exemplo, o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo é mais do que o dobro do calculado para as mulheres pretas ou pardas, isto é, duas a três vezes maior, havendo, nesse sentido, o seguinte:

(...) há considerável desigualdade entre mulheres brancas e mulheres pretas ou pardas, evidenciando que a cor ou raça é fator preponderante na desvantagem educacional, mesmo entre as mulheres que mais se beneficiaram da crescente escolarização: a diferença entre homens brancos e mulheres pretas ou pardas que conseguiram completar o ensino superior ainda é superior a 10 pontos percentuais. Independentemente de as mulheres apresentarem os melhores resultados educacionais em média, elas ainda não alcançaram resultados compatíveis com sua qualificação no mercado de trabalho (IBGE, 2017, p.7)

Na prática social é possível perceber a hegemonia branca e como pontua a pesquisa do IBGE, o caminho para a igualdade é árduo, pois mesmo que homens e mulheres gozem dos mesmos direitos, “ainda é longo para as mulheres e ainda mais tortuoso se esta for preta ou parda e residir fora dos centros urbanos das Regiões Sul e Sudeste” (IBGE, 2017, p.12).

4.1.3 Ter consciência é revolucionário

Outro microtema é “ter consciência é revolucionário”, conforme o discurso da próxima Youtuber:

E nesse mês em que é comemorado o dia da consciência negra, eu posso dizer pra vocês, assim de coração, ter tomado consciência sobre a minha beleza, sobre a minha ancestralidade e sobre quais eram as minhas referências foi algo revolucionário pra mim, eu não sei se foi pra vocês. E se foi me conta aqui embaixo a sua experiência quais são as suas referências, que você olhava na televisão, pequeno, e falava: “Nossa, essa é uma mulher negra que eu me inspiro”. (Nina)

Analisando o vocabulário é possível perceber o uso do substantivo consciência, ao qual existe um emprego metafórico de ser “tomado”, uma expressão que traduz o acordar para algo. Fairclough (2016) considera esse movimento como a lexicalização que se tornou consolidada em um novo item lexical “despertar da consciência”. Nesse caso, a Youtuber manifesta o seu despertar para a sua ancestralidade e negritude. O uso da palavra revolucionário, também conota impressões singulares, visto que em termos de comportamento, revolucionário é um movimento para renovar padrões estabelecidos, ou seja,

reverter o senso comum de que a beleza é branca e o ser negro é ser feio. Revolucionário também é um adjetivo masculino que diz respeito a quem participa de revoluções, que é favorável a transformações radicais no campo político e social. Um ser progressista que é adepto a inovações, ousado. Em termos de estrutura textual, nota-se o uso da retórica, afinal o vídeo foi veiculado em um site cujo objetivo é o compartilhamento e a interação entre os membros.

Em termos de prática discursiva, pode-se perceber a intertextualidade constitutiva (interdiscursividade) quando é chamado ao texto o dia da consciência negra: uma data comemorativa gerada para refletir sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. A data (20/11) foi escolhida por ser a morte de Zumbi dos Palmares e a interdiscursividade presente, mostra o que naturalmente já é destaque nos estados que aderiram a essa data especial, a discussão sobre os diversos matizes da inserção do negro brasileiro. Zumbi sempre foi uma referência na sociedade negra e é aqui utilizado como mote para outras personalidades promissoras dessa respectiva identidade.

Na matriz social do discurso, destaca-se a concepção ideológica na dicotomia estética entre branco/belo e negro/feio, vindo essa “tomada de consciência” sobre ser negro é ser belo, romper com essa concepção, enxergar beleza em sua ancestralidade e quebrar padrões na sociedade brasileira. Através do discurso, existe uma ousadia de manifestar algo diferente dos padrões estabelecidos.

4.1.4 Não gostava de ser negra

Um quarto microtema relaciona-se com “não gostava de ser negra”.

Eu vim conversar com vocês mais abertamente, mais claramente, sobre o fato de Juju ser ou não uma menina, uma mulher negra, (...) mas para vocês entenderem um pouco vou ter que explicar um pouco da minha trajetória nesse sentido. A minha mãe é uma pessoa mais ou menos como eu, ela tem a pele clara, mas ela tem traços mais finos, mas tem o cabelo crespo. O meu avô é muito claro, ele tem a pele muito, muito clara, mas ele é negro, visivelmente. Ele tem traços e características de um homem negro. A minha avó já tem os traços mais finos e têm a pele mais escura. O meu pai é um homem negro, mas eu só sei disso hoje. Quando era criança, eu nunca tinha parado para pensar sobre isso. Pra quem não sabe, eu sou nordestina, sou de Alagoas e grande parte da população do nordeste é negra. Em São Paulo também tem muitos negros é óbvio, mas no nordeste a população é em maior parte negra. Ou seja, como vocês podem perceber, uma pequena bagunça, uma pequena confusão mental ou nem isso, por você não parar para refletir sobre isso. Quando era mais nova eu odiava o meu cabelo e a minha boca grande, principalmente, mais o meu cabelo do que tudo. (Juju)

Em se tratando da estrutura textual, também existe um convite para uma interação conversacional de maior proximidade, apesar de ser virtual, na qual a Youtuber utiliza-se dos advérbios de modo: “abertamente” e “claramente”. Pode-se observar uma intenção metafórica oriunda dos adjetivos “aberto”, no sentido de não ter censuras no discurso e “claro”, no sentido de compreensível. Chama a atenção que o antônimo de “claro” é “escuro”, e escuro se associa ideologicamente a trevas, ignorância, obscurantismo, entre outros. Nesse desabafo, ela narra a sua genealogia: a mãe tem pele clara, mas o cabelo é crespo (a conjunção adversativa “mas”, indica que a mãe tem uma característica negra, apesar da pele clara); o avô tem a pele clara, mas é visivelmente negro (novamente, o emprego da conjunção adversativa “mas”, contrastando, a cor da pele clara com traços fisionômicos de negro); o pai é um homem negro, mas ela somente sabe disso hoje (mais uma vez a conjunção adversativa “mas”, no sentido de um advérbio de exclusão, “somente”, haja vista que ela exclui a percepção que tinha do pai no passado). Ao fim, considera esta genealogia uma “bagunça”, o que pode remeter a um emprego metafórico do sentido de miscigenação social e racial, destacando “ser nordestina”, etnia entre a qual muitos sujeitos são negros. Enfatiza “ser óbvio” que em São Paulo também existem negros, ou seja, é um marcador conversacional, apesar de virtual, que contesta antecipadamente uma possível discordância do interlocutor de que em São Paulo existam negros.

Na prática discursiva, a interdiscursividade se revela quando no discurso aparece a afirmação sobre a população nordestina ser prioritariamente negra. Segundo os dados do PNAD 9,9% da população residente nordestina se declara negra, contra 9% no Sudeste. Em uma primeira interpretação, chega-se à conclusão de que há mais negros no Nordeste do que no Sudeste, porém os dados do PNAD também mostram que 42% da população brasileira reside no Sudeste contra 27,6% no Nordeste. Ou seja, existem quase 7,7 milhões de pessoas que se declaram negras no Sudeste, contra cerca de 5,6 milhões no Nordeste. O fato da Youtuber declarar o posicionamento geográfico da população negra leva a as questões de prática social, como será visto adiante.

Em termos de prática social, há um senso comum de que a população nordestina é mais negra, pobre, analfabeta, inculta, preguiçosa e feia, do que as outras regiões do Brasil. Quando a Youtuber, mesmo se declarando negra, pontua essa diferença regional, ela confirma (mesmo que inconscientemente) a cultura hegemônica branca. Pode-se também perceber uma sobreposição de representações, visto que a mesma se coloca como nordestina, ou seja, participante não só da minoria negra, mas também da minoria regional, mesmo residindo no

Sudeste, o que para ela é “uma pequena bagunça, uma pequena confusão mental”, já que têm a pele clara. Enfim, para Carneiro:

De fato, as disparidades nos Índices de Desenvolvimento Humano entre brancos e negros revelam que o segmento da população brasileira autodeclarado branco apresenta em seus indicadores socioeconômicos – renda, expectativa de vida e educação – padrões de desenvolvimento humano comparáveis com os de países como Bélgica, enquanto o segmento da população brasileira declarado negro (pretos e pardos) apresenta índice de desenvolvimento humano inferior ao inúmeros países em desenvolvimento, como a África do Sul (...) (CARNEIRO, 2011, p. 18)

Ainda segundo a autora, independente da miscigenação ocorridas pelos casamentos entre brancos e negros, há uma grande variedade cromática nas famílias negras e isso, infelizmente, já foi usado para diminuir a negritude do indivíduo. Por isso, a importância de negros de pele clara estarem dentro de lideranças do movimento negro, pois há séculos tem-se oferecido a essas pessoas à traição de sua cor.

Logo após esse trecho, a influenciadora fala o seguinte: “quando era mais nova eu odiava o meu cabelo e a minha boca grande, principalmente, mais o meu cabelo do que tudo”. Falando de um sentimento intenso, ódio, das características negróides do seu próprio corpo. Mais ainda, da dicotomia de ter a pele clara, porém com características negras, reveladoras de sua ancestralidade até então não reconhecida por ela mesma.

É importante levar em conta que o trecho em questão é uma abertura de um dos vídeos no qual se discute o respectivo posicionamento a respeito da negritude, ou seja, ela deixa claro o seu posicionamento como mulher negra. Por isso, os marcadores “abertamente” e “claramente” também relatam práticas sociais, visto o fato de ser ou não negra tornar-se polêmico entre os seguidores, *haters*¹¹ e militância negra, porque em algum momento de sua vida pública não ficou nítido o posicionamento da mesma a esse respeito.

Outra questão levantada na perspectiva social do discurso são “os traços finos” reconhecidos pela Youtuber. Apesar de estar discutindo uma questão de reconhecimento de negritude, a jovem torna relevante dizer que apesar das características negras, tanto a mãe quanto a avó apresentam traços mais finos. Em outras, estão mais próximas da beleza branca. Durante toda a sua vida ela relata não gostar dos seus cabelos. E sobre outros traços fenotípicos? Coloca-se aqui uma nova realidade, o que são traços finos? E os grossos? Os cabelos são traços de

¹¹“Haters é uma palavra de origem inglesa e que significa "os que odeiam" ou "odiadores" na tradução literal para a língua portuguesa. O termo *hater* é bastante utilizado na internet para classificar algumas pessoas que praticam "bullying virtual" ou "cyber bullying". Disponível em: < <https://www.significados.com.br/haters/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

negritude? Obviamente os traços finos são aqui utilizados como antônimos de “traços grossos”, relacionados com as características expostas por ela como sinais de negritude (tom de pele mais escura e cabelo crespo). Ao se dar relevância a esse fato (traços finos), a influenciadora digital abre espaço para o discurso do preconceito e permite um questionamento se de fato ela tem consciência de sua negritude.

Um trecho relevante desse recorte é quando a Creator descreve seus familiares, visto que descrever negros é uma prática brasileira desde a escravidão, quando negros eram vendidos nos jornais da época. Gilberto Freire (1963) relata anúncios em jornais como Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio, nos quais os negros eram categorizados com base em características que remetiam à origem étnica (Congo, Angola, etc), como também a idade, sexo e forma do corpo, onde entram os traços fisionômicos.

Essa análise tem como objetivo mostrar como o enunciado da Youtuber, mesmo que não intencionado, reitera o discurso do poder hegemônico. Para entender esse conceito, basta imaginar o oposto, quando se fala em beleza branca, ou quando se vai descrever uma pessoa branca, as mesmas “categorias” são usadas? Fala-se dos traços finos do rosto, nariz ou do tom de pele mais claro ou mais escuro? Normalmente, ao se descrever um indivíduo branco e privilegiado, se atenta às características mais singulares, como adjetivos que remetam à personalidade e ao tipo de beleza. Quando se fala do negro, ao contrário, a discussão se pauta em reconhecer se há beleza ou não naquele corpo. Ao se descrever um negro, interessa falar das potencialidades que agradam ao perfil branco da mentalidade ainda escravagista: é um negro forte? Tem dentes bonitos? Traços finos? Esse discurso só mostra o quão ainda é estruturado o racismo no Brasil. Por isso, nesse trecho publicado pela Youtuber, e mesmo ela sendo uma das poucas que discutem e denunciam o racismo em seu canal e o vídeo ser uma resposta a uma discussão generalizada sobre ela ser ou não negra, ainda há o discurso hegemônico branco em sua fala, apesar de declarar-se negra.

4.1.5 Afroconveniência

Outra Youtuber argumenta sobre “afroconveniência”:

Primeiro ponto, ser cacheada não te faz ser negra ponto. (...) entendeu essa parte, né? Segundo ponto, o pai da minha avó era branco e isso não me faz branca. Se eu falar pros outros por aí que eu sou branca porque meu bisavô era branco, pessoal vai achar estranho. Né não? Eu acho que vai. (Nina)

O uso da expressão “primeiro ponto” para indicar uma relevância, chamar atenção para o encadeamento das informações que serão postas é um importante ponto na estrutura textual desse trecho, pois aponta a importância da desvinculação entre cabelo e ser negro, na opinião da influenciadora. Nesse texto também são perceptíveis as perguntas retóricas das tradições orais, para chamar o ouvinte de volta ao texto e gerar envolvimento.

Na prática discursiva, há intertextualidade usada com ironia, visto esse excerto parecer uma resposta a todos aqueles que se declaram negros argumentando ancestralidade ou cabelos cacheados.

Na prática social, a Youtuber em questão expressa um posicionamento da militância negra, tomando para si o questionamento de lugares de fala das mulheres negras. A mesma Youtuber prossegue:

Gente tem uma coisa que *tá* rolando no Brasil é afroconveniência. (...) Mas gente é verdade, cara. Eu nunca pensei que ia fazer esse vídeo, mas realmente as pessoas estão tentando se aproveitar da autodeclaração de ser negro ou não. Aí você vai me perguntar: “Mas Nina quem quer ser negro num país racista como o Brasil?”. Apesar de amar a minha raça, a minha etnia, eu juro que eu também me pergunto isso gente. Mas na verdade a gente já sabe quem quer, *né*? O pessoal dos likes, o pessoal que quer fechar com as empresas, *né*? O pessoal aqui do Youtube, o pessoal lá das cotas, que quer falar meu bisavó, meu *tataravó* era negro e agora eu sou negro, vou me autodeclarar negro. Aí vem um e fala assim: “Mas Nina, o país é uma mistura, não dá pra saber quem é negro e quem é branco”. Quería te falar que dá sim, dá, dá pra você saber se você é negro ou se você é branco, aliás dá pra você saber se você é lido como negro ou se você é lido como branco na nossa sociedade. Aqui, no Brasil, obviamente é mais complicado do que, por exemplo, nos Estados Unidos, mas vamos assim por partes. Por exemplo, eu tenho primas que são como eu, negras, sem questionamento. Eu tenho primas também que são negras, mas que são mais meio termo, porque elas tem os pais no brancos e tal, mas são negras. E tenho primas, principalmente primas de segundo grau que sempre vão ser lidas como brancas. Independente da gente ter antepassados negros em comum elas vão ser lidas como brancas, elas pela miscigenação, elas são pessoas claras, são lidas como pessoas brancas. Em contrapartida, tem as mais claras do que eu, mas que são negras também e são lidas como negras. Elas já sofreram preconceito racial, já foram olhadas tortas onde trabalhavam por ser perceptível, elas são lidas como pessoas que são negras ou que as pessoas tentam inventar que são mulatas, morenas escuras, mas que não são brancas, elas nunca vão ser lidas como brancas, nunca vão passar despercebidas. Eu acho que esse é o grande ponto se você sempre passou despercebida das questões raciais, se ninguém nunca notou a sua negritude, se você nunca foi olhada torta por causa da sua negritude, sinto muito, mas você não é negra e não adianta pagar de preta pra ter curtida ou sei lá se inscrever em cota racial, porque cara, *tá* feio, *tá* feio demais gente. Aí quando a gente fala, quando a gente fala isso, vem logo uma pessoa: “Ah! Mas é colorismo isso, isso é culpa do colorismo, porque a pessoa, ela, não sei, não sei o que lá”. Gente, calma o conceito do colorismo, foi criado, vamos dizer assim, para denunciar um privilégio que os negros mais claros têm sobre os negros mais escuros. Eu, eu vou te tirar essa palavra privilégio, porque eu acho que privilégio nos livros mais clássicos é uma palavra difícil. Mas eles têm mais fácil acesso do que os negros mais escuros. Não, a gente não *tá* dividindo o movimento, não *tá* rachando, não é nada disso. *Tá* todo mundo junto, na união, vocês sabem, até porque seja negro mais claro, seja negro mais escuro sofre racismo. (...) Tem gente

que não é negra mesmo tendo a mãe negra, o pai negro, a pessoa nunca vai ser lido como negra. Então a gente vai fazer o que? Vocês querem fazer o que? (Nina)

A primeira palavra afro conveniência¹² é relativamente nova, assim como auto declaração e ambas surgiram após a efetivação das cotas raciais. As palavras estão sendo utilizadas no novo contexto social brasileiro, onde se fala de direitos raciais, onde o negro está tendo maior relevância e está sendo porta-voz do seu próprio movimento.

O substantivo masculino “pessoal” também é muito utilizado para referenciar um grupo sem citar nomes e para destacar a atitude repreensível dos mesmos na visão da influenciadora.

O termo “mistura”, substantivo feminino, é empregado para enfatizar a miscigenação e a mistura de raças na sociedade brasileira, algo visualizável para ela. A expressão “ser perceptível” chama a atenção por indicar que traços físicos são indicadores de negritude e que podem ser vistos sem dificuldades, o que ocasiona preconceito e racismo. O adjetivo “desapercebida” também é empregado no mesmo sentido.

A expressão “tá feio” é repetida enfaticamente várias vezes a fim de demonstrar a contrariedade em relação ao grupo de indivíduos que se utiliza da auto declaração negra para conseguir privilégios.

Na prática discursiva, há a intertextualidade manifesta, com referência a outros vídeos de Youtubers e pessoas que utilizam a auto declaração de ser negro para ter vantagens, mas no sentido de negação. A influenciadora aqui toma o discurso alheio para negar a sua veracidade, afirmando não serem negros aqueles que assim o fazem por afro conveniência.

A intertextualidade também se apresenta no seguinte trecho: “Aqui, no Brasil, obviamente é mais complicado do que, por exemplo, nos Estados Unidos”, para mostrar como as discussões raciais são difíceis entre os brasileiros, diferentemente dos estadunidenses. Para Carneiro:

(...) o mito da democracia racial ao desracializar a sociedade por meio da apologética da miscigenação que se presta historicamente a ocultar as desigualdades raciais. Como afirma o sociólogo Carlos Hasenbalg, esse mito resulta em “uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças inter-raciais fora da arena política, criando severos limites às demandas do negro por igualdade racial”. (2012, p.17)

¹²Afro conveniência é um termo surgido após a lei de cotas raciais nas instituições federais brasileiras, e em um primeiro momento serviu para designar aqueles que são brancos, porém utilizam-se da auto declaração de negritude para conseguir uma vaga em universidades públicas. Hoje, o termo também se refere a todos que de alguma maneira usam a declaração de negritude para obter vantagens, mesmo não sendo negro, ou seja, são os “falsos negros”, fraudadores.

Por consequência, na prática social novamente vem à pauta o lugar de fala do negro, o roubo de espaços e vantagens. Quando pontua que brancos estão sendo afro convenientes, ela fala de roubo de direitos, ou seja, novamente se vê brancos utilizando-se dos negros para seus fins, assim como ocorreu no processo escravocrata brasileiro.

Em termos de prática social quando a Youtuber fala “se você nunca foi olhada torta por causa da sua negritude, sinto muito, mas você não é negra e não adianta pagar de preta pra ter curtida ou sei lá se inscrever em cota racial”, é válido ressaltar Munanga sobre a difícil tarefa de saber quem é negro no Brasil:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana. Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro. Portanto, por mais que tenha uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negro. (2004, p.52)

Ainda na prática social, cabe discutir o seguinte trecho: “Não, a gente não tá dividindo o movimento, não tá rachando, não é nada disso. Tá todo mundo junto, na união, vocês sabem, até porque seja negro mais claro, seja negro mais escuro sofre racismo.” A Youtuber, que além de se declarar negra, tem a pele escura e cabelo crespo, fala nesse momento para o movimento de militância, na tentativa de unir negros de diversos tons de pele e que são “lidos” como negros pela sociedade. Como na militância negra há uma resistência a discussões como essa, ela esclarece que na verdade esse tópico une o grupo e não o oposto, como naturalmente seria considerado.

4.1.6 Ser mulata

Sobre o mesmo macrotema outra Youtuber adiciona:

Existem mulheres em que a mulata chega. E quando a mulata chega, o que acontece? Quando a bunda chega, quando o peito chega, o que acontece com essas mulheres? Elas pedem pra nunca ter nascido, porque elas não suportam a forma como são tratadas, porque elas não suportam a forma como são objetificadas o tempo inteiro, em todas suas relações, em todos seus espaços. Quando a mulata chega, é insuportável, porque elas não conseguem andar na rua, porque elas não conseguem conversar com pessoas sem sentir o desconforto dos olhares, das piadas direcionadas aos seus corpos. Quando a mulata chega, essas mulheres pedem a Deus: "Por que você me fez mulata?" E eu pedia pra Deus: "Por que não me faz mulata?" (Teca)

Na estrutura textual há utilização de perguntas retóricas para prender atenção do público e deixar mais didática a apresentação, como também o uso de repetições. O léxico “objetificadas” significa tratar algo como objeto, que nesse caso é o corpo negro feminino. Segundo Maluf (2001), a objetificação do corpo é um processo construído histórica e culturalmente e o corpo negro começou a ser objetificado ainda na escravidão (mulheres e homens). A mulata é objetificada sexualmente principalmente na juventude, como coloca Sant’Anna (1985, p.34) “procura-se apresentar a mulher de cor como sedutora. E a palavra sedução etimologicamente significa tirar do caminho, desviar (*seducere*).” Ou seja, para a Youtuber é insuportável viver com a hegemonia do pensamento machista e racista, tão naturalizado na sociedade brasileira.

Na prática discursiva, a intertextualidade constitutiva se apresenta no tema “mulata”, pois a palavra tem um significado potencial e simbólico. O discurso do senso comum, da mulata de curvas, quadris e busto largos, é trazido de maneira questionadora ao discurso da Youtuber, que contesta a ordem do discurso vigente (ideal hegemônico de beleza branco e machista). Ao demonstrar o problema da objetificação da mulher negra e o “eufemismo” da mulata, uma maneira de falar do corpo negro, ressaltando-o sexualmente e diminuindo-o como mulher, a abordagem mostra o desafio dessa mulher negra em sobreviver em um ambiente hostil de violência simbólica, discursiva e psicológica. Enquanto muitas questionam o ser mulata/negra, a Youtuber pontua como desejava participar desse grupo, mesmo sofrendo o ônus de estar nele, era melhor do que não estar em nenhum e viver sob o esquecimento.

Na prática social aqui também aparece a ideologia vigente do homem branco, que desde os portugueses coloca a mulher em estado submisso e de mera objetificação de seu corpo. Como pontua Carneiro, “é comum as negras bonitas serem ‘promovidas’ a mulatas ou morenas por um galanteador. Essa promoção, usada como forma de elogio, exige, em contrapartida, um sorriso envaidecido” (2011, p.65). Porém, ao falar abertamente sobre a condição das mulatas e mulheres negras no Brasil, a Youtuber luta discursivamente contra os aparelhos hegemônicos de força.

E prossegue:

Foi com uns 11, 12 anos que eu entendi o (...) que eu era mulata. Eu entendi que as pessoas me tratavam e me viam como a mulata. E o que era a mulata naquela época? Naquela época, pra mim, mulata era uma categoria menos pior de negra. As pessoas falavam: " Teca, você é feia pra *caramba*, nem alisando esse seu cabelo ruim, dá jeito. Sorte sua que você não é tão preta". Eu erguia minhas mãos pro céu e falava: "Sorte minha que eu não sou tão preta. Deus não me fez branca, me entristeço por isso, mas obrigada por ter me feito mulata. É um sofrimento a menos". Com meus

13, 14, 15 anos, por aí, eu comecei a entender o que a mídia, o que a sociedade dizia sobre o que era a mulata. Eu comecei a entender que ser mulata não era tão ruim. Que ser mulata era ser da cor do pecado, que ser mulata era ter curvas envolventes, sensuais, que a mulata me colocava na poesia, que a mulata colocava o meu corpo na bossa-nova. Eu não era "a mulata", mas me tornaria a mulata. E era a expectativa de que meu corpo se desenvolvesse, que as curvas aparecessem e eu pudesse, enfim, ser a mulher que sambava, fazia com que eu recebesse elogios. Esses eram os únicos. Eu aceitei. Me chamavam de mulata, sabe: mulata, de "mula", que é um híbrido de cavalo e jumenta. Foi um termo que foi cunhado no passado colonial pra classificar os filhos feitos dos estupros cometidos pelos donos das casas grandes, nas negras escravizadas. E que, hoje em dia, é um termo racista que caracteriza mulheres negras de pele clara, magras, porém curvilínea que, com certeza, por uma determinação biológica, sabem sambar. Afinal, está no sangue saber sambar. Com 16, 17 anos, eu fiquei esperando a mulata. "Ah, cadê a mulata? Falaram a vida inteira que a mulata ia chegar, tô aqui esperando essa mulata. Tô aqui no ensino médio querendo perder o BV¹³. "As pessoas precisam achar que eu sou bonita de alguma forma. E o único elogio que ouvi minha vida inteira é que eu só seria bonita no dia em que meu corpo se desenvolvesse e eu efetivasse a mulata, então cadê a mulata? (...). A mulata não vinha, eu ficava preocupada, minhas amigas peitudas, *bundudas*, e eu ainda reta, eu falava: "Cadê essa bosta dessa mulata que me prometeram a vida inteira?". Cadê a minha autoestima que estaria com ela? Cadê a única expectativa de amor-próprio que eu coloquei dentro de uma bunda e de um peito, que me prometeram durante toda a minha vida?"(...). Eu esperei a mulata, a mulata não apareceu, e aqui está eu hoje. Com 13 anos eu não cresci mais, não me desenvolvi fisicamente, então com 13 anos eu comecei a entrar em pânico. Com 15 anos eu estava desesperada. E comecei a perceber que, de fato, a mulata não chegaria, e que eu precisaria compreender e achar outras formas de lidar com meu corpo. (Teca)

No significado das palavras muitos termos tomam relevância, porém dois se destacam, a saber: o uso do verbo “desenvolver” e o substantivo “mulata”. Durante todo o discurso, a Youtuber fala sobre um esperado desenvolvimento físico de seu corpo, na expectativa de que curvas aparecessem nos quadris, assim como bunda e peitos avantajados. O significado potencial da palavra é utilizado no sentido metafórico do termo, pois desenvolver pode significar desembrulhar, tirar o que envolve ou cobre; fazer crescer ou crescer, tornar(-se) maior, mais forte; fazer aumentar ou aumentar a capacidade ou possibilidade de fazer progredir ou progredir; expandir(-se) no(s) plano(s) intelectual, moral, espiritual; aprimorar (capacidade mediúnica); expor ou ser exposto, por escrito ou oralmente; desenrolar(-se), prosseguir; aumentar sua área de atuação; evoluir.

O substantivo “mulata”, por sua vez, é colocado ideologicamente, ou seja, a influenciadora disserta sobre a construção do vocábulo, mostrando não apenas o significado potencial do termo, mas como o mesmo é utilizado dentro de uma cultura escravocrata e racista.

¹³ "bv" significa "boca virgem", usada para descrever alguém que nunca deu um beijo, nem mesmo um selinho. Existe também a sigla "bvbl" que significa "boca virgem de beijo longo", usada no caso de pessoas que só deram beijos de curta duração. Entre os adolescentes e jovens, existe alguma discriminação em relação às pessoas que ainda não perderam o "bv" ou "bv1", ou seja, que nunca deram um beijo ou um beijo de língua. Isso gera uma grande pressão sobre essas pessoas, e o primeiro beijo, que deveria ser uma ocasião romântica e especial, muitas vezes se torna em um ato forçado, mecânico e banal. Fonte: <https://www.significados.com.br/bv/>

Em termos de prática social, observam-se os mesmos pontos apontados anteriormente.

A Youtuber finaliza discorrendo sobre o corpo negro e suas expectativas de desenvolvimento:

Com 17, 18 anos passei a odiar o meu corpo, porque a mulata não veio. Então, não tinha nada que me salvasse, não tinha expectativas de melhoras. Eu odiava o meu corpo muito. Eu odiava quem eu era de uma forma muito profunda, a ponto de me bater em noites de crise, quando eu estava mal. A ponto de esmurrar os meus próprios seios porque eles não cresciam tanto que as pessoas diziam que deveriam ter crescido. Com 17, 18 anos, passei por um período de odiar meu corpo; odiar o meu corpo magro. Este corpo aqui, um corpo magro. Como eu, uma adolescente, tão dentro do meu tempo, tão fruto da minha época, que lia revistas femininas, que via TV, que via novela, que sabia que o ideal era o corpo magro; como consegui odiar o meu corpo magro? Como eu consegui odiar um corpo que era padronizado? Como eu consegui odiar um corpo que era valorizado? Como eu consegui odiar um corpo que em todos os espaços diziam que era o melhor? Eu odiava o meu corpo magro. E por quê? (Teca)

Na estrutura textual do excerto acima se emprega o uso de perguntas retóricas objetivando exemplificar e explicar o contexto vivenciado pela Youtuber e o que se destaca é a prática social.

Em relação à mídia, tanto revistas como a própria televisão, presentes no discurso da jovem influenciadora, é interessante relatar que a mídia tem duas faces:

De um lado, o da emoção, dos afetos, da paixão, do medo ou da sedução, que pode dever muito às imagens, aos sons, a um espetáculo; e de outro, o da análise, dos argumentos, da informação que se apresenta como factual. Essa dualidade, em que cada suporte age à sua maneira e mesmo cada rubrica de um mesmo cotidiano ou cada emissão de uma mesma cadeia de televisão, deixa aberto o espaço para desvios, tensões, para uma dinâmica na maneira como os dados transmitidos pelas mídias são percebidos; significa, pelo menos virtualmente, que uma certa ambivalência é possível na percepção das coisas, o que obriga aí, ainda, a resistir à ideia de uma influência uniformizante de sua parte. (WIEVIORKA, 2017, p.122)

Na finalização desse depoimento é mostrado como a hegemonia branca e suas consequências exercem poder sobre as minorias. O caso relatado é de violência física, praticada pela própria Youtuber contra si mesma porque não tinha o corpo que achava necessário para sua inserção na sociedade. A dura realidade de muitas jovens negras se faz presente, pois a ideologia sobre o que é belo, beleza e estética não são assuntos de menor importância. A mulher negra sofre violências físicas, psicológicas, discursivas e, também, ideológicas.

4.1.7 Processos de descoberta

O microtema “processos de descoberta” revela mais uma questão:

Então hoje a convite de Seda, eu vim falar sobre os meus processos de descoberta, eu vim falar em que momento eu me entendi uma pessoa negra, tive orgulho disso e de que forma isso *tá* diretamente, intimamente, ligado à construção da minha autoestima e ao desenvolvimento da minha estética. Eu acho que eu fiquei tão chocada por ter percebido que eu nunca tinha falado disso no canal, porque é algo que eu falo sempre, porque é algo que as pessoas me perguntam sempre, em qualquer mesa que eu vá, qualquer espaço que eu vá, as perguntas de mulheres que se parecem comigo, que são muitas quando a gente fala de Brasil é “Teca em que momento você se descobriu negra? Teca você já tentou se embranquecer? Teca como você construiu sua autoestima?” Bem, é eu sempre tive consciência de que eu era negra, na verdade consciência não, consciência é uma palavra que não necessariamente eu goste pra isso, eu sempre me vi como uma pessoa negra isto é um fato. As pessoas sempre me viram com uma pessoa negra isto é um fato (...). Na verdade, a primeira vez que eu escutei que eu não era uma pessoa negra foi no Youtube porque eu comecei a falar de racismo, *né?* E as pessoas: “O que você *tá* falando? Porque você não é negra, *né?*” Porque a gente só é negra quando a gente fala de racismo, mas eu nunca na história da minha vida ouvi que eu não era uma pessoa negra, muito pelo contrário. E isso não necessariamente tornou a minha vida mais fácil, mais simples, por eu ter consciência *né?* Eu acho que essa minha formação ela vem muita dos meus pais, que não são necessariamente ativistas, militantes, são pessoas comuns. Uma coisa que eu lembro, que era maravilhosa, que às vezes eu ia encontrar minha mãe em algum espaço e aí eu (...) perguntava informação: “A minha mãe é uma mulher baixinha assim, morena”. Aí meu pai virava e falava assim: “Teca, a sua mãe não é morena, a sua mãe é negra, você também é negra, você não é morena”. E aí eu ficava: “Ah! *Tá* bom, negra *né*, pai?”. Sentindo aquele incômodo de tipo 06, 07 anos de falar negra, eu preferia falar morena, porque já naquela época eu sentia sem saber porquê que falar negra era errado. E minha mãe igualmente, a minha mãe sempre falou: “Teca, porque pra gente que é preto a coisa é assim, porque é diferente se você é negra”. A minha mãe sempre falou de racismo, minha mãe sempre mostrou que o racismo existia. A minha mãe nunca me criou num conto de fadas, muito pelo contrário, ela sempre me mostrou a realidade e sempre fez com que eu estivesse preparada para lidar com ela. (Teca)

Em termos de vocabulário no trecho acima, percebe-se o uso da palavra “descoberta” com o intuito de mostrar em que tempo a Youtuber percebeu-se negra, levando à reflexão sobre existir um processo de autoconsciência da negritude. É como se o negro (a) não se identificasse com a própria cor e em determinado momento, inseridos em um conjunto social hegemônico, sofrendo racismo e posteriormente tendo um estado crítico sobre esse fenômeno, “descobrissem” a respectiva cor. Depois, palavras como “diretamente” e “intimamente”, mostram que a descoberta da negritude está associada à beleza estética e a autoestima, assuntos muito abordados entre as influenciadoras.

O vocábulo “chocada” também aparece para definir a surpresa de falar sobre um assunto que é pauta entre todas as demais Youtubers, inclusive ela mesma, mas que até aquele momento nunca tinha sido discutido em um vídeo. Outras palavras como “embranquecer”, “consciência” e “realidade” também estão presentes nesse discurso revelando o processo de

negritude. Expressões como “muito pelo contrário”, “pra gente que é preto” “isso é um fato”, pontuam asserções importantes, pois revelam a força e a indignação das sentenças posteriores.

Na estrutura textual aparecem vários questionamentos/indagações de seguidoras/seguidores, pessoas que questionam a Youtuber.

Além da introdução de memórias, de vivências quando em família, formando um discurso pessoal, íntimo e singular, uma característica forte entre as Youtubers. Os vídeos depoimentos têm o caráter de aproximar o público a partir das próprias vivências, revelando-o realista, com a sensação de “gente como a gente”.

No campo da prática discursiva, a interdiscursividade (intertextualidade constitutiva) se faz presente quando a Youtuber comenta o seguinte: “as perguntas de mulheres que se parecem comigo, que são muitas quando a gente fala de Brasil”, para declarar a negritude do país, uma negritude por vezes não declarada. Segundo o PNAD 2016, “a população branca representava 44,2% da população residente, ao passo que 8,2% era preta, e 46,7%, parda” (2017, p.03). Houve um aumento de 14,9% da população declarada negra e isso se deve não somente às políticas públicas, como cotas e leis para instituir a cultura negra nas escolas, mas também por movimentos digitais, como o representado pelos Youtubers.

Na intertextualidade manifesta, encontra-se a seguinte declaração: “tipo 06, 07 anos de falar negra, eu preferia falar morena, porque já naquela época eu sentia sem saber porquê, que falar negra era errado.”. A ideologia em questão mostra a universalização da dicotomia negro/errado e branco/certo, inculcado desde a educação básica, na ausência do contato com a cultura negra, inviabilizando a memória histórica e coletiva. Sabe-se, como pontua Munanga, “a história da população negra quando é contada no livro didático é apresentada apenas do ponto de vista do “Outro” e seguindo uma ótica humilhante e pouco humana” (2005, p.16). Posteriormente, comenta a importância da história, pois um povo sem história é como um indivíduo sem memória, um ser errante. Dessa maneira, a Youtuber afirma através de sua própria experiência a dificuldade de aceitar-se como negra, tendo em vista o contexto social na qual cresceu como foi acima colocado.

Ressalta-se também o trecho onde a jovem comenta: “A minha mãe nunca me criou num conto de fadas, muito pelo contrário, ela sempre me mostrou a realidade e sempre fez com que eu estivesse preparada para lidar com ela” É possível perceber não apenas a interdiscursividade como também a prática social na questão ideológica. Há uma tendência de

pais de meninas constroem uma visão fantástica do mundo com referência a personagens do imaginário popular, como princesas, príncipes, fadas e magia. Ao fazer uma alusão a esse mundo fabuloso, os pais tendem a falsear a realidade, tornando-a mais amena e digerível para as crianças. Porém, nesse trecho do depoimento a influenciadora diz ter crescido distante desse mundo, onde ela poderia ser considerada princesa, como muitos pais chamam suas filhas. Pelo contrário, sua mãe sempre fez questão de lhe mostrar a realidade nua e crua, sem as apologias mágicas, onde desde pequena ela sabia que era negra e das dificuldades que enfrentaria, realidade muito distante das princesas dos livros, brancas e ricas.

Na prática social também é possível perceber que para o negro existe o momento de descoberta de ser negro, diferentemente do branco que já nasce dentro do modelo de beleza e não precisa ter um momento de “descoberta”. Essa parte do depoimento desdobra-se na questão da beleza negra, das realidades estéticas brasileiras, visto que há uma legitimação do ideal de cabelo liso em detrimento do crespo/cacheado, o que leva a mulheres negras a se odiarem e retardarem o processo de autoestima. Normalmente a mulher negra tenta se embranquecer de diversas maneiras, demorando a se ver como preta, vindo a existir assim a descoberta do “ser negro”. Nesse aspecto, pontua Gomes:

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ou negar. Além disso, são vistos como marcas de inferioridade. A presença desses sinais é rejeitada pelo ideal do branqueamento e tratada de maneira eufemística no mito da democracia racial. (2007, p.313)

Em outro momento, a influenciadora comenta:

Conversando com vocês nas ruas, nos espaços que eu vou, muitas pessoas, às vezes muito mais escuras do que eu, param e me falam “Teca, eu me descobri negra a pouquíssimo tempo”. “Teca, eu me descobri negra assistindo o seu vídeo”. Eu fico tipo: “Mano, como assim né?”. Eu tenho plena consciência de que consciência racial é algo absolutamente raro, em termos de Brasil, (...) então sei que muitas pessoas na minha idade ou até mais velhas não necessariamente têm essa mesma visão que eu tenho a respeito da minha negritude, etc. Eu sei que muitas pessoas na verdade ficam naquele limbo do pardo, branco bronzeado por muitos anos, então acabam tendo essa construção sobre ser negro, sobre se identificar com pessoas negras tardiamente. (Teca)

Na estrutura textual são novamente perceptíveis inserções de questionamentos externos, que são aqui utilizados como ferramentas de coesão textual e estruturas retóricas.

No vocabulário, a expressão consciência racial também é explorado, assim como “em termos de Brasil”, deixando implícito que em outros lugares a sociedade comporta-se diferentemente

em relação às questões raciais. A palavra “visão” é utilizada no sentido conotativo e social, referindo-se à visão racial. E outra palavra que chama a atenção é “limbo”, sendo utilizada igualmente para exemplificar o que a outra influenciadora denomina de “pessoal”, o grupo dos receosos sobre a auto declaração.

Na prática discursiva, está presente a intertextualidade no trecho: “Eu tenho plena consciência de que consciência racial é algo absolutamente raro, em termos de Brasil”. Novamente, é feita referência ao já discutido tema da negritude brasileira e a sua declaração racial, o que é confirmado quando fala o seguinte: “Eu sei que muitas pessoas na verdade ficam naquele limbo do pardo, branco bronzeado por muitos anos, então acabam tendo essa construção sobre ser negro, sobre se identificar com pessoas negras tardiamente”. Ou seja, mesmo o Brasil tendo havido um aumento das estatísticas de pessoas se auto declarando negras, ainda há muitos que se intitulam pardos ou mesmo brancos, o que talvez não fosse a realidade se o país não fosse racista.

Já na prática social, esse processo de descobrimento ou negação do ser negro é explicado por Gomes:

O sentimento de negação é um componente do processo identitário do negro brasileiro ao longo da história. Podemos vê-la quando analisamos na relação estabelecida entre escravos e senhores durante o regime escravista, ou seja, o negro era visto como coisa e mercadoria e, também, nos dias atuais, quando encontramos negros e mestiços que recusam o seu pertencimento étnico/racial, o seu corpo, o seu padrão estético e o seu cabelo, demonstrando a incorporação do ideal do branqueamento. Nesse caso, esses sujeitos nem sequer suportam serem nomeados como negros e nem tampouco se autotificam dessa maneira. (2007, p.2203)

Infelizmente esse é um dos desafios de ser negro no Brasil, mas discursos que levantam essas questões e fazem as pessoas refletirem, como as das Youtubers, formam um primeiro passo para a mudança social necessária nesse cenário.

4.1.8 Ser você mesma

A mesma Youtuber também se manifesta sobre “ser você mesma”:

E aí eu adquiri personalidade assim, eu senti que pela primeira vez na vida eu não tava tentando ser alguém, estava sendo eu mesma e as pessoas estavam me valorizando e me reconhecendo e só depois de um tempo que tanto me criticaram *nê?* E me achando legal, interessante, bonita, porque eu estava sendo eu mesma e aí eu falei: “Nossa não é que esse negócio de ser a gente mesmo é legal? Não é que vai dar certo? Eu acho que eu vou tentar mais”. E aí eu extravasei, e aí eu comecei a me vestir de outras formas, aí eu mudei como eu me expressava, aí eu comecei a buscar mais informação de moda (...). (Teca)

No vocabulário, há a utilização dos adjetivos “interessante”, “bonita” e “legal” para designar o novo momento da personalidade da Youtuber, no qual ela consegue se enxergar dessa maneira e se declarar negra. Além de conseguir “extravasar”, mudar, se expressar nessa nova maneira de ser.

Em termos de prática social, revela-se aqui o intuito de ser si mesma pela primeira vez, ou seja, até esse momento a Youtuber declara que a sua vida foi uma tentativa de ser outra pessoa, de esconder-se e de tentativas de embaquecimento.

4.1.9 Amor próprio

A mesma Youtuber, do item anterior, assim discursa:

Quando você é a mulher negra os processos de amor próprio são muito mais tardios, isso quando o vem, o meu, por exemplo, faz mais ou menos uns cinco anos, ainda é meio truncado, a visão ainda cai, mas eu te digo que eu me amo há cinco anos. Só. É fácil a gente entender porque a gente se odeia tanto, porque a gente demora tanto pra desenvolver o amor próprio, quando desde uma idade tão pequena assim, quando você é tipo uma criança, um bebê, você já encontra dificuldade assustadora. Você já vê teu corpo, as tuas potencialidades negadas e aí você cresce um pouco. E eu acho que é a pior idade porque é a idade que você começa a realmente entender as coisas. É muito complicado quando seu ideal de beleza e a sua referência é uma boneca loira, de cabelo liso e longo, que você carrega de um lado para o outro e se aquilo representa o bom, o bonito e o perfeito. O que você representa? É uma lógica simples, qualquer criança pode fazer e todas as crianças negras fazem. Bem, mas eu não tô falando nenhuma novidade aqui, porque essa não é a minha história, essa é a história de todas nós mulheres negras. E não coincidentemente aos 18 anos eu me achava feia. E como eu pude me achar feia por 18 anos? Passei muito tempo cega, sem enxergar as forças que agiam sobre a minha vida. E aí aos 18 anos que tudo mudou. Com 18 anos os meus olhos se abriram. (Teca)

No trecho acima, a palavra “processo” foi utilizada fora do seu contexto cultural, pois habitualmente o termo tem uma conotação jurídica, administrativa, analítica e de operações. Aqui é usada como uma longa jornada de vida, de amor próprio.

Na prática discursiva, é possível perceber a intertextualidade presente quando comenta o trecho: “Quando você é a mulher negra os processos de amor próprio são muito mais tardios”. O trecho aborda falar do senso comum da mulher negra sentir-se feia. Naturalmente em uma sociedade de culto da beleza branca é possível enxergar que aqueles não participantes do processo hegemônico se esforcem para participar dele (com técnicas de embaquecimento) ou simplesmente, tenham sua estética negada e associado ao feio/ruim.

Ideologicamente, esse excerto demonstra o papel da sociedade na construção identitária das negras. Aqui são colocados pontos como o já pontuado crescimento infantil e processos escolares, e pela primeira vez as bonecas, revelando a importância da falta de

representatividade nos brinquedos. O consumo das bonecas fala muito por si, pois durante muitos anos a boneca mais vendida e mais famosa no mundo foi a Barbie: magra, loira e de olhos azuis. Sobre esse ponto é importante observar:

Impera aí um imaginário social em que a loirização se tornou o ideal de ego da sociedade em detrimento de sua realidade racial, majoritariamente negro/mestiça, extirpada ou estereotipada, reiteradora do que já se tornou lugar-comum dizer: a imagem da sociedade brasileira projetada nos veículos de comunicação de massa em geral e na publicidade em particular assemelha-se à de um país escandinavo. (CARNEIRO, 2011, p.164)

A sociedade brasileira trava problemas ao se olhar no espelho. A dificuldade de enxergar seus traços, amar sua beleza afrodescendente está enraizada em todos os aspectos da vida pessoal e pública. O que é visto na publicidade e nos meios de comunicação em geral, é apenas uma das maneiras de diagnosticar esse distúrbio do enxergar-se negro(a).

4.1.10 Autoestima da mulher negra

O próximo depoimento fala acerca da autoestima da mulher negra:

A minha autoestima foi massacrada durante toda a minha vida por eu tentar aparecer com alguém totalmente oposto a mim e acreditar que o padrão de beleza estava totalmente ligado ao oposto do que eu era, que minha boca fosse pequena, meu cabelo fosse liso, que eu fosse mais magrinha e todas essas coisas que não vão acontecer. Então, eu acho que a forma que a mulher negra tem de encontrar a sua autoestima, não só a mulher negra, todas as mulheres, mas é respeitando suas características, sabe? Sou super a favor da gente buscar ser feliz, eu não sou contra nenhum tipo de alteração sei lá, alisar o cabelo, colocar silicone, fazer uma plástica, eu não sou contra essas coisas, mas que faça porque se ama e não porque se odeia. É muito importante que a gente consiga se enxergar de forma positiva e seja honesto com a nossa aparência, de fora e de dentro. E cada vez mais, todas as mulheres se conscientizem de que é muito importante que a gente colabore umas com as outras. Que a gente coloque umas as outras pra cima, sabe? Você ofender alguém ou diminuir alguém não te faz melhor, pelo contrário, te faz pior. Então, sempre que você puder elogie, fale sobre a sua aparência, mas fale sobre sua inteligência. Seja uma pessoa positiva na vida das pessoas porque isso volta. (Juju)

No vocabulário desse trecho percebe-se a utilização do adjetivo “honesto”, que tem como significado potencial “que procede ou se enquadra rigorosamente dentro das regras de uma ética socialmente aceita”, assim como também alguém que revela dignidade ou elevação de caráter; pessoa honrada, digna, algo satisfatório, conveniente, razoável e por extensão algo em que há seriedade; consciencioso. Também significa “que tem comportamento moralmente irrepreensível (falando de mulher); casto, pudico”.

Nesse caso, a Youtuber não utiliza a palavra em seu significado potencial, já que o movimento que declara ser participante, verificável nesse e nos demais trechos aqui analisados, apoia justamente o oposto, a quebra de padrões rigorosos e uma nova perspectiva

do que seria a ética na estética. Porém, o significado explorado nesse excerto é um significado potencial universal, comum a todos os membros da comunidade de fala, que é o da dignidade e seriedade e um que extrapla o sentido do dicionário: que é o de ser verdadeiro e sincero consigo mesmo.

A jovem influenciadora ao empregar vocábulo na frase quebra com a maioria dos significados presentes no dicionário e dirige-se a um grupo de mulheres que está buscando uma “honestidade” capilar, onde assumem seus cabelos naturais.

Outro léxico igualmente relevante é “massacre”, para designar o processo vivido pela influenciadora digital. Utilizado em seu significado potencial, quer dizer morte (de pessoa ou animal) provocada com crueldade, chacina. Em sentido figurado, é um ato ou efeito de apoquentar ou de torturar mentalmente: afligir, cansar, estafar. Há também um resgate sociológico da palavra, isto que os negros, no processo escravagista, foram massacrados de diversas formas. Quando o léxico é aqui utilizado por uma negra, dizendo-se massacrada em sua autoestima, reconhece-se o movimento ancestral ainda na atualidade, ou seja, a violência física persiste ainda que permutada.

Na prática discursiva, a interdiscursividade se faz presente quando é posto que “o padrão de beleza estava totalmente ligado ao oposto do que eu era, que minha boca fosse pequena, meu cabelo fosse liso, que eu fosse mais magrinha e todas essas coisas que não vão acontecer”, mostrando novamente a naturalização do modelo hegemônico de beleza. Quando se enxerga como diferente do modelo, a Youtuber desacredita de sua própria estética, mas tenta reverter esse processo em seu depoimento.

É possível entrever na prática social a ideologia manifestada no excerto, na tentativa de quebrar o padrão conceituado como belo e apresentável. A Youtuber não é contra os processos de alisamento e modificações plásticas, apenas quando motivadas por tentativas de embaquecimento. Ela apóia e defende uma prática de estética negra e de reconhecimento desses traços na beleza. Nesse sentido, comenta Gomes, quando a sociedade retira dos negros o lugar da beleza:

[...] essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer. Esse processo vivido num nível mais amplo e mais geral se reproduz num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra. (2007, p.2185)

É o pontuado problema que na presente dissertação se discute. Ao negar a beleza ao negro, mas também reconhecê-lo como negro, a sociedade ajuda no auto ódio, fazendo com que a negra sinta-se feia por ser reconhecida por seus traços negróides.

4.1.11 Como ajudar um negro

Em outro vídeo a Youtuber comenta como ajudar um negro a se aceitar:

Sempre vem me perguntar: “Teca, eu sou branca, mas eu tenho uma amiga negra e ela não convive num ambiente com muitas pessoa snegras, então,ela tem vários problemas com a autoestima dela, só que eu quero ajudar ela, como eu posso fazer?”. Não vai ser uma amiga loira, branca, magérrima, de olho verde que vai chegar pra amiga negra e vai falar: “Amiga, se ama, ama a sua cor”. Tipo, querida é muito fácil.(...) Então quando você não *tá* próxima da sua amiga, se sua amiga é negra e você é negra e a baixo autoestima dela advêm do racismo, advêm do auto-ódio, do cabelo, da cor da pele, dos traços, então você, se você for negra, pode começar a mostrar a ela a leitura, filmes, levar ela onde a beleza da mulher negra seja valorizada, onde a estética negra seja valorizada. (...) Mas o que você pode fazer se você é uma pessoa branca e tem uma amiga negra, ou sei lá essas várias diferenças que existem entre amizades. Você pode aproximar sua amiga de pessoas como ela, que tem problemas como o dela. (...) Se sua amiga é uma mulher negra e você é branca, você vai mostrar o meu canal pra ela, Afros e Afins, você vai mostrar o canal da Nina, você mai mostrar Ana Paula Xongani, você vai mostrar todos esses canais, e você pode levar ela pra palestras, pesquisar palestras pra ajudar ela, você pode levar ela pra roda de conversas sobre essas questões, você tem várias alternativas, porque a gente não pode quando a gente *tá* falando do outro, das nossas amizades, é apontar os erros porque a gente se diferencia muito e tentar julgar quando a gente não entende o que a pessoa *tá* passando. (Teca)

No trecho acima, o vocabulário auto-ódio¹⁴ não foi criado pela influenciadora digital, mas a utilização feita por ela remete ao processo do que erroneamente muitos apontam enquanto um negro sendo racista. Como pontua Fairclough (2016), esse movimento é o que Halliday (1978) chama de “reexpressão”, ou seja, quando surge uma nova palavra como alternativa ou oposição a uma já existente. Nesse caso, o auto ódio se contrapõe ao termo racismo, que não é explicitado no excerto.

Outro ponto importante em termos textuais é a aplicação das palavras branco e negro como antônimos, o que acarretará em desdobramentos sociológicos. Durante todo o discurso, a influenciadora usa dessa estratégia para diferenciar dois grupos sociais distintos.

¹⁴Auto-ódio é um termo referente a “o racismo afeta a maneira como amamos a nós mesmos e como nos relacionamos com o outro, a partir desse amor. O racismo é a expressão de ódio a uma outra raça e, assim sendo, é comum que aqueles que são alvos desse ataque permanente – por meio dos diversos dispositivos sócio-político-econômicos que essa sociedade supremacista branca produziu – acabem por introjetar esse ódio que vem do exterior e passem com isso a experimentar um doloroso afeto de auto-ódio. Certamente já ouvimos alguém dizer que “fulano é preto, mas é racista”; “ciclano é preto, mas é mais racista que muito branco”, para se referir às atitudes de pessoas negras em relação a si mesmas e aos demais membros de sua raça. Afirmamos, porém, que não existem negros racistas; o que existe são negros vivendo processos de auto-ódio.” (VEIGA, 2018, p.84)

Uma última palavra destacada dessa passagem é o termo “erro”, usado em seu significado potencial, com a finalidade de destacar o equívoco produzido pelo outro, ou seja, um julgamento. O erro nesse caso refere-se ao auto ódio dos negros na visão da Youtuber.

A intertextualidade, nesse excerto, não se faz presente.

Na prática social, é interessante perceber os conselhos ministrados pela Youtuber. Primeiro, os grupos de iguais são citados, grupo importante abordado por Goffman (1978) ao elaborar o conceito de estigma. Os grupos de estigmatizados são importantes para darem força uns aos outros através do compartilhamento de experiências convergentes.

Ainda no microtema, a mesma Youtuber revela vídeos que podem ajudar outras jovens na descoberta de sua negritude.

Eu quero deixar duas coisas para vocês assistirem o Caio da JoutJout, que foi quando ele postou aquele vídeo algum tempo atrás, eu me vi muito, porque eu também não me enxergava sofrendo preconceito, apesar de não gostar do meu cabelo e é isso também é uma forma de preconceito que eu fui coagida a sentir contra o meu próprio tipo de cabelo. E uma outra coisa é a série “Dear, White people” que é do Netflix, é incrível, eu preciso assistir de novo também foi uma indicação da Teca, e é uma série muito complexa, com muitos personagens diferentes, mas eu acho que de muitos deles você consegue aprender muita coisa. (Juju)

Em termos de texto, a palavra “coagida”, adjetivo derivado do verbo coagir, foi usada em seu significado potencial: constrangido, que sofreu coação, que foi forçado a algo. Mostra que houve um investimento da sociedade dentro do processo de formação da identidade da jovem, visto que a partir do contexto no qual estava inserida, aprendeu que o seu próprio cabelo era ruim, feio e dessa maneira seguiu odiando-o.

Na prática discursiva, novamente a intertextualidade aparece na inserção de um outro vídeo depoimento para atuar como argumento. O vídeo pontuado pela Youtuber desperta os preconceitos vividos pelos negros de pele mais clara e que não são enxergados pelos mesmo, visto que há uma passividade dentro do contexto social no qual estão inseridos: jovens negros claros, com acesso à educação e financeiramente mais bem situados do que a maioria negra. Nesse recorte em específico, o preconceito e o racismo atuam de maneira mais efêmera e a discriminação acontece naturalmente a partir de metáforas, ironias e comentários do senso comum.

Outro vídeo também é inserido através da intertextualidade, a série Dear White People¹⁵ e de outra Youtuber, conhecida por sua militância negra. Essas duas inserções também trabalham como argumentos para o tema explorado pela jovem, que discute os preconceitos vividos por jovens negras de pele branca, especialmente os dirigidos aos cabelos.

Na prática social revelam-se novamente as nuances da experiência da beleza negra, mostrando a complexidade do assunto, pois as mulheres negras, escuras ou claras, são igualmente vítimas da hegemonia de beleza branca.

4.1.12 Visibilidade

Outro fragmento revela a visibilidade de ser negra:

Quando era mais nova eu odiava o meu cabelo e a minha boca grande, principalmente mais o meu cabelo do que tudo. Eu acho que a principal característica sobre a qual eu posso falar aqui é o meu cabelo crespo e eu não aceitar esse cabelo crespo, cacheado quando era criança, que é uma das milhares de centenas e milhões de características de uma mulher negra. Mas até eu me tornar o Youtuber, até eu postar os meus primeiros vídeos aqui no canal e gerar *polêmiquinhas* no Facebook e receber DM's¹⁶, *inbox*¹⁷ brigando comigo e me questionando e coagindo: “Você não é negra, eu não aceito que você seja negra”, antes de tudo isso acontecer eu não pensava sobre isso. Eu só sabia que eu odiava o meu cabelo e eu sabia que a Taís Araújo era uma mulher negra, que eu achava linda e maravilhosa, eu sabia que a Beyoncé era uma mulher negra, eu achava linda e maravilhosa, mas pra mim eu não olhava como uma mulher negra e também nem sabia que não era uma mulher branca, tipo morena, parda. Era como as pessoas me definiam e eu aceitava, acatava, tipo parda. E aí eu fiquei: “Ok, então eu sou parda”. Aí surgiu aquele vídeo eu até comentei com vocês em algum ‘Juju responde’, *polemiquíssimo* em cima do Felipe Neto¹⁸ onde ele diz: “E você se considera negra?” E aí eu falo: “Eu me considero parda”. Pobre menina inocente que não sabe do que está falando e não sabe que isso vai te perseguir por meses e meses e meses, porque você tava tentando ser legal Juju. Eu sei que você tava tentando ser legal, você tava tentando ser imparcial, não ofender ninguém. Não ofender os brancos, não ofender os negros de pele escura. E aí que aconteceu? O que aconteceu com você? Você se ferrou, né! Quando comecei no Youtube e comecei a pesquisar um pouco sobre isso, mesmo antes desse vídeo do Felipe Neto, *né?* Eu já tinha oito mil

¹⁵ “A série acompanha um grupo de estudantes negros de uma importante universidade dos Estados Unidos, pertencente à Ivy League, cuja maioria dos alunos é branca. Dear White People retrata como esses personagens lidam com o racismo no campus da universidade. Depois de uma festa de Halloween, com a temática blackface, organizada por um grupo de alunos brancos, várias tensões raciais se desenrolam no ambiente acadêmico. São 10 episódios, cada um focando um dos personagens centrais, incluindo Sam White (Logan Browning), a criadora do programa de rádio que dá nome ao seriado.”
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dear_White_People_\(webs%C3%A9rie\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dear_White_People_(webs%C3%A9rie))

¹⁶ DM é abreviação para DirectMessages, uma das funcionalidades das redes sociais como Twitter, Instagram e Facebook, onde é possível enviar uma mensagem privada para um contato.

¹⁷ “Na internet, a palavra inbox refere-se ao bate-papo privado, principalmente no facebook. É uma palavra inglesa que significa dentro da caixa. O inbox nas redes sociais refere-se às redes de bate-papo onde as pessoas podem conversar umas com as outras em conversas privadas, ou mesmo em grupos!”
<http://www.significando.com.br/inbox/>

¹⁸ Felipe Neto (Felipe Neto Rodrigues Vieira) é um empresário, Youtuber, vlogger, ator, comediante e escritor luso-brasileiro. É conhecido por ter um dos maiores canais brasileiros de Youtube em números de inscritos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Felipe_Neto

inscritos, e eu pesquisava sobre o assunto e eu dizia que eu era negra. Eu falava: “Eu sou uma mulher negra, de pele clara, mas eu sou negra”, eu publicava assim. Mas eu recebi alguns comentários extremamente diretos e ofensivos que me assustaram e me amedrontaram muito, principalmente porque a foto do perfil, aquela pequenininha, ser de pessoas de pele escura. Um cara, uma vez, comentou num vídeo dizendo: “Legal, você assume seu cabelo, mas e a cor da sua pele? Quando você vai assumir?”. “Nunca vi uma negra tão branca” ele escreveu. Outras pessoas mandavam em *inbox*, DM, dizendo: “Juju, desculpa mas você não é negra, você não sabe o que eu passei por ter a pele escura, você estudou em escola particular a sua vida inteira, você não sabe o que é racismo”. E eu falava: “*Tá* bom, então a causa é de vocês e já que é isso que vocês estão falando é nisso que eu acredito, é nisso que eu vou acatar.” Então, quando o Filipe Neto, perguntou se eu sou negra ou não, eu não sabia o que responder, de verdade tanto que eu falei: “Você pensa que eu sou? Então eu sou”. Porque era essa política que estava aplicando na minha vida, na minha volta. Tipo: “Como você me enxerga?”. “Ah! Eu enxergo você como negra”. “Ah!Então *tá*, eu sou negra”. “Ah! Como você me enxerga?”, “Ah!Eu te enxergo parda.” “Ah!Então eu sou parda”. Eu ainda não conhecia nada e ainda eu honestamente sei muito pouco e tenho aprendido muito sobre isso. Ah, sei lá, colorismo, feminismo negro, racismo reverso, que não existe. Todas essas coisas assim, eu não entendia de nada dessas coisas, sabe? Mas através de uma pessoa que eu adoro, eu admiro muito, que a Teca, assisti os vídeos dela, eu conheci outros argumentos e outras teorias que me fazem, sim, dizer que sou uma menina negra. Porque gente olha pra mim, é visível, olha o meu cabelo, olha minha boca, olha os meus traços, é visível que eu sou uma mulher negra, apesar de ter sido extremamente miscigenada e muito, muito misturada, porque quase todo mundo na minha família é misturado. Então, eu não posso nem dizer que sua filha de pai preto e mãe branca, porque minha mãe não é branca. (Juju)

Nessa passagem, em termos de estrutura textual percebe-se muito a utilização de perguntas retóricas e de momentos onde a Youtuber conversa consigo mesma, além do uso de repetições.

Em termos de vocabulário, apresenta-se o uso dos superlativos “milhares”, “centenas”, “milhões” e “polemiquíssimo”, expressando qualidade em seu mais alto grau. O emprego dos superlativos não dá espaço para comparações, visto que a finalidade é intensificar uma característica, nesse caso os traços fisionômicos de negritude.

O uso do diminutivo “polemiquinhas” também é “reexpressão”, “isto é, a geração de novas palavras que são estabelecidas como alternativas às existentes, ou oposição a elas” (FARCLOUGH, 2016, p. 249). O léxico “polêmica” tem como significado discussão, debate, disputa e divergência, mas ao assumir o formato no diminutivo recebe desvalorização, por assim dizer, do seu significado potencial. Ou seja, para a Youtuber a polêmica não é verdadeira, legitimada, seria uma discussão irrelevante, ridicularizada.

Ainda no vocabulário há o préstimo da ironia “pobre menina inocente”, explorando as consequências da entrevista concedida a um outro Youtuber. Sabe-se que a influenciadora não se considera dessa maneira e sim uma mulher negra de atitude.

Mais um termo é explicitado nesse discurso: política, usado no sentido figurado de habilidade no relacionar-se com os outros, tendo em vista a obtenção de resultados desejados.

Na intertextualidade é possível perceber a inserção de outro vídeo depoimento, uma entrevista concedida a um famoso Youtuber, onde a jovem influenciadora denominou-se parda. Por motivos expostos posteriormente, essa anexação é de uma testemunha trazida ao discurso, para não só exemplificar como comprovar através do fragmento e de comentários recebidos que a jovem se denomina parda por medo e para agradar a todos.

Na prática social é pontuada a ideologia do reconhecimento do negro na sociedade. Como se reconhece um negro, quais são as suas características? A Youtuber afirma o seguinte: “das milhares de centenas e milhões de características de uma mulher negra”, uma delas é o cabelo, perceptível característica negróide, um dos principais apontamentos para distinguir uma pessoa negra de uma branca. Quando criança, ela diz ter odiado o cabelo crespo e isso ocorreu porque “garotas não tiveram um referencial positivo sobre o padrão estético negro na sua infância e no seu círculo familiar, o que resulta na construção de uma baixa autoestima conquanto negras.” (GOMES, 2007, p.1818)

Ainda na prática social é importante observar o momento em que foi constrangida por usuários sobre a sua negritude. A influenciadora diz ter medo de desagradar os militantes e as pessoas de pele escura e revela uma preocupação a respeito de violência, de possíveis práticas que a colocariam em perigo, por isso sua atitude de mostrar-se compassiva a despeito do caso. Ideologicamente, mostra-se aqui o fenômeno de contra hegemonia, abordado por Gramsci (1999), um instrumento para criar uma nova forma ética e política, na tentativa de reverter as condições de exclusão impostas pela hegemonia, incorporando elementos simbólicos e práticos dessa mesma hegemonia. O oprimido ao lutar por novos ideais acaba por ter práticas e ações semelhantes do opressor. Em alguns casos, a militância que luta a favor de direitos iguais entre brancos e negros, torna-se opressora daqueles que não são partícipes do grupo, ou, oprimem aqueles que tentam tomar seus lugares de fala e que de alguma maneira tentam se beneficiar através do local do oprimido.

Outro ponto relevante é quando recebe uma mensagem do tipo: “Juju, desculpa mas você não é negra, você não sabe o que eu passei por ter a pele escura, você estudou em escola particular a sua vida inteira, você não sabe o que é racismo”. Segundo esse comentário, o racismo ocorre para pessoas de pele escura e em situação econômica inferior. Como a jovem tem a pele clara e não cursou escola pública, seria impossível ter passado por situações de racismo. Segundo

os dados do IPEA, “no Brasil a população negra tem rendimentos menores do que a branca em todas as situações que envolvem rendimentos auferidos via ocupação ou seguridade social, sem incluir os ganhos de capital” (2014, p.26). Apesar das melhorias nas desigualdades em relação à escolaridade, o estudo também mostra que existem divergências na prática escolar, onde os negros possuem os maiores índices de evasão e poucos conseguem chegar a graduação. Dessa maneira, é possível perceber um senso comum do comentário revelado à Youtuber, e que é comprovado pelos números da pesquisa citada. De fato, é mais provável uma negra em escola pública sofrer mais preconceito e racismo do que uma negra clara em colégio particular.

Em se tratando de miscigenação, aborda-se o seguinte:

A miscigenação tem constituído um instrumento eficaz de embraquecimento do país por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o “branco da terra”, oferecendo ao intermediários o benefício simbólico de estar mais próximos do ideal humano, o branco. Isso tem impactado particularmente os negros brasileiros, em função de tal imaginário social, que indica uma suposta melhor aceitação social dos mais claros em relação aos mais escuros, o que parece ser o fator explicativo da diversidade de expressões que pessoas negras ou seus descendentes miscigenados adotam para se definir racialmente, tais como moreno-escuro, moreno-claro, moreno-jambo, marrom-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzo, ou seja, confusos, de tal maneira que acabam todos agregados na categoria oficial do IBGE: pardo! Algo que ninguém consegue definir como raça ou cor. Talvez o termo “pardo” se preste apenas a agregar os que, por terem sua identidade étnica e racial destrocada pelo racismo, pela discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou, simplesmente, não desejam ser o que são. (CARNEIRO, 2011, p.67)

Dentro do microtema é discutido o reconhecimento de ser negra pelas demais pessoas:

E gente preconceito pelo cabelo cacheado não é mesma coisa do que o racismo. E por último eu queria falar que se você é uma negra mais clara e que tipo assim você percebe que você já passou por muitas coisas que foram racismo e que nunca se viu como negra. As pessoas ficavam falando que você é mulata, morena clara, morena escura, vários nomes, bombom, várias coisas se aceite como negra, aprenda mais e se alguém te falar que você não é negra você pode bater. Mas lembra gente que você tem que ter passado por alguma situação, a sociedade tem que te ler como negra. E pra quem não é negra e tá aí querendo, tentando pagar de preta aí no *rolê*¹⁹, por que ao invés de você ficar reivindicando o seu sangue negro, que ninguém vê, mas que você tem, porque você não usa o seu privilégio e o seu fácil acesso aos brancos, vamos dizer assim, pra tentar conversar com eles sobre a questão do racismo? Não tenta reivindicar uma negritude que tá só no seu sangue, mas que ninguém vê, tá bom? (Nina)

A palavra “bombom” também é usada como metáfora, para designar mulheres da pele escura. Como pontua Fairclough (2016), algumas metáforas “são tão profundamente naturalizadas no

¹⁹ Passear, dar uma volta, andar por ai sem preocupação nem compromisso.
<https://www.dicionarioinformal.com.br/rol%C3%AA/>

interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas no discurso, no pensamento [...]” (p. 251).

O verbo “ler” é colocado no discurso como uma prática da sociedade no sentido de percepção de negritude. A Youtuber discorre que “a sociedade tem que te ler como negra”. Isso significa que os traços de negritude têm de ser perceptíveis e que também se faz necessário ter sofrido preconceito e racismo. Se isso não aconteceu ela não considera a pessoa como negra.

A intertextualidade é vista nesse excerto através dos vocativos naturalizados para tratar da negra “mulata, morena clara, morena escura, vários nomes, bombom, várias coisas”, dado que existe um eufemismo ao tratar da mulher preta. Há também um sentido de ofensa ao referir-se a alguém por preta ou negra, e por isso o uso explicitado no depoimento, e também é possível enxergar o uso romantizado e erótico da identidade negra através dos vocábulos.

Na prática social, é interessante perceber que a Youtuber tenta esclarecer acerca do posicionamento de alguns em relação à sua negritude, sendo por vezes criticada por isso, mas ainda assim ela questiona o seu lugar de fala.

4.1.13 Aceitação

Mais uma influenciadora digital discorre sobre aceitar aspectos físicos:

Mas o que tem de errado com sua orelha, Juju? Não tem nada de errado, hoje em dia eu sei que não tem nada de errado, mas antes era motivo de chacota, porque era isso que as pessoas usavam para me humilhar, também, além do meu cabelo, além do tamanho da minha boca. Falar em tamanho da minha boca eu também não podia usar batom, coincidente eu tô com um super vermelhão agora, né? Brinco junto com meu cabelo, batom vermelho e minha orelha estranha, nossa tudo isso não vai dar certo. Quem disse? Quem disse mentiu pra mim. E quem disse pra você não que você pode ser o que você quiser, usar roupa que você se sentir confortável, por mais estranho que pareça, também mentiu pra você. Quem disse pra você que cabelo cacheado estava fadado a alisamento e era um cabelo ruim e deixava desarrumada também mentiu pra você. Então, esse mesmo cabelo cacheado, essa mesma boca grande, essa mesma orelha estranha são todos motivos de orgulho pra mim. Hoje, eu espero de todo o meu coração que se você tiver algo estranho em você, como eu tenho a minha orelha, você também tenha orgulho disso. Eu acabei. É tudo verdade. Aí, não tem mais nada pra falar. (Juju)

No texto do discurso é possível perceber o uso do superlativo “vermelhão” para evidenciar o uso do batom vermelho, símbolo de feminilidade pela moda hegemônica. Como a influenciadora sente-se fora do padrão de beleza imposto, a utilização do batom vermelho mostra uma quebra de padrões.

Nesse trecho também está presente o uso de vocabulários como ruim para designar o tipo de cabelo, explorando a opinião alheia a respeito do cabelo da mesma.

As práticas discursivas e sociais estão em simbiose nesse excerto, pois nele fala-se não apenas da interdiscursividade do senso comum, mas da ideologia do tema beleza. O corpo feminino é um assunto não apenas privado, mas público, pois as mulheres são vítimas do poder econômico e hegemônico de beleza. As diretrizes sobre de como devem vestir-se, comportar-se, dirigir-se aos outros está inserido no capital machista da sociedade brasileira. Quando a Youtuber enuncia: “Quem disse pra você que cabelo cacheado estava fadado a alisamento e era um cabelo ruim e deixava desarrumada também mentiu pra você”, é demonstrada a força da opressão estética em cima das mulheres. Um estudo patrocinado pela Unilever demonstrou o seguinte:

De acordo com a maioria esmagadora, mulheres ao redor do mundo se sentem mais à vontade usando as palavras natural (31%) ou normal (29%) para descrever sua aparência. Apenas 2% das mulheres do planeta elegeram bonita para descrever sua aparência, até menos do que as que escolheram “atraente” (9%), “feminina” (8%), “com boa aparência” (7%) ou “graciosa” (7%). A análise revela que essa falta de identificação com a o “bonito” é válida para todas as faixas etárias, com apenas 4% das mulheres entre 18 e 29 anos de idade optando por “bonita” como uma palavra para descrever sua aparência. (2004, p.9)

No estudo também foi possível identificar que as mulheres brasileiras são as que mais pensam em cirurgia plástica e revela que a palavra “bonita” não é “apenas uma palavra que as mulheres não estão propensas a escolher para descrever sua aparência; é também o tipo de palavra com a quais muitas se sentem, na verdade, ‘desconfortáveis’ ao usá-la para se descrever.” (UNILEVER, 2004, p.10). Esses dados indicam como existe um real distanciamento das mulheres em relação ao que é proposto como ideal de beleza feminina.

Ainda em termos de prática social, é relevante pontuar que o alisamento é entendido como comportamento social e também

[...] como resultado da introjeção da opressão branca imputada ao negro, o que inclui a imposição de um determinado padrão estético. Mas, por outro lado, esse comportamento também pode ser visto como integrante de um estilo de o negro usar o cabelo, construído dentro de um sistema opressor, porém, com características que são próprias da comunidade negra e do seu padrão estético. (GOMES, 2007, p.3158)

Assim, utilizar alisamento tanto pode ser reconhecido como introjeção à hegemonia branca, na tentativa de tornar-se branco, mas também pode ser “reformulado” e reutilizado dentro da cultura negra perdendo seu significado opressor.

4.1.14 Memórias

No próximo fragmento discursivo, a mesma Youtuber comenta uma situação vivenciada na adolescência:

Eu me lembro de um episódio, uma vez que eu tava na escola e algum amiguinho meu, não era amiguinho *né?* Eu tinha, sei lá, meus 13 anos, é bem humilhante o que eu vou dizer agora, *tá?* Mas talvez te ajude. Eu lembro que eu conheci um cara, que era de uma série mais velha, e aí ele disse que um outro amigo meu, fulano, tinha falado de mim pra ele, e ele falou assim: “Ah! seu amigo falou de você pra mim”. Aí ele olhou assim pra mim, de baixo pra cima, ele me escaneou e falou: “É! Dá pro gasto”. E o normal, hoje, eu me ofenderia com ‘dá pro gasto’, mas na época eu fiquei super, tipo, eu dou pro gasto. É absurdo *né?* Eu nem sei que porque eu *tô* falando isso, mas sei lá, eu achei que deveria conversar sobre isso com vocês hoje, talvez tenham pessoas passando, mendigando um pouquinho de elogio, um pouquinho de atenção, aí do outro lado. Eu sei que a maioria das minhas meninas já estão aqui super preparadas, mas gente, insegurança é uma coisa que acontece. De vez em quando acontece, comigo acontece de vez em quando. E é muito ruim. (Juju)

No depoimento acima, em termos de vocabulário ressalta-se o uso da palavra “escaneou”, um termo técnico que em seu significado potencial refere-se à digitalização de documentos através de um aparelho denominado escâner ou a varredura que se possa fazer em um paciente. Nesse caso, o escaneamento não é feito por um aparelho e sim por um rapaz, não movido por objetivos médicos ou técnicos e sim, machistas, de dominação homem/mulher.

Uma expressão também surge no discurso da Youtuber: “dá pro gasto”, referindo-se ao corpo físico, salientando as características femininas que ganham destaque social, como curvas, seios e bunda.

Na prática discursiva, não há evidências empíricas.

Na prática social, esse depoimento revela as nuances de ser mulher em um contexto machista. Para a Youtuber, que denomina esse momento como insegurança, são notórios o machismo e a ideologia da beleza, novamente. Durante um tempo de sua vida, foi preciso ter a garantia de estar nos moldes do imaginário masculino, atendendo às expectativas desse gênero. Por isso, ela se sente lisonjeada quando recebe a expressão “dá pro gasto”, mas alerta sobre as consequências dessa fragilidade e de como esse processo é cruel para a identidade feminina, mostrando-se assim em um movimento de contra hegemonia.

Dentro do microtema surge o relato da infância, destacando principalmente as experiências vivenciadas pelas influenciadoras nessa fase de suas vidas. O primeiro deles narra uma experiência de bullying na escola:

(...) Na verdade eu tava sentada numa mesa junto com várias outras meninas negras, e a gente tava lá conversando *né?* De boa, conversando de como a gente tava bonita e tal, como a gente tinha se descoberto, essas coisas assim. Aí de repente o papo

chegou no assunto mais triste da história de todas nós, o colégio. Sério gente, tava todo mundo assim conversando... Falou em colégio todo mundo começou... Oh época difícil essa da escola, meu Deus do céu, tantas lutas, tantos traumas e olha foi cada história, que meu Deus do céu. Desde aquelas clássica de chamada de macaca, fedorenta e essas coisas todas que a gente já sabe que acontece, até ser perseguida por um coleguinha, ter que andar pra *caraca* pra pegar o ônibus com medo de ser zoada, essas coisas todas aí. É claro que ninguém na mesa tinha sido escolhida a mais bonita da sala, porque isso *né?* Impossível, mas enfim. (Nina)

No texto revela-se a “superexpressão” através do conjunto de palavras: lutas, traumas, histórias. Usadas como sinônimos para mostrar a preocupação intensa com a fase do colégio.

Palavras como “macaca” e “fedorenta” aparecem como xingamentos ouvidos pelas jovens quando estudante, com o intuito de ofender a sua negritude. Também se faz uso de gírias como “caraca” e “de boa”, visto ser um depoimento elaborado por uma jovem, sendo assim natural o uso de tais expressões.

Na prática discursiva pode-se constatar a intertextualidade neste trecho: “Desde aquelas clássicas”, quando a Youtuber fala dos xingamentos e das situações de racismo vividas na escola. Ao denominar tal circunstância como “clássica” é legitimado o abuso através da violência discursiva (racismo) como algo comum e pertencente a todo o universo de pessoas negras. O mesmo processo ocorre quando ela enuncia o seguinte: “É claro que ninguém na mesa tinha sido escolhida a mais bonita da sala”, exemplificando uma prática escolar natural de certa faixa etária infanto-juvenil, porém por serem negras as jovens nunca foram escolhidas como as belas. Ou seja, as práticas racistas começam ainda na infância e se perpetuam ao longo do crescimento do indivíduo.

Em termos de prática social aqui se revela a urgência de novas modalidades educacionais onde se possam respeitar as diferenças, pois é preciso, como pontua Lopes que para “construir a cidadania numa sociedade pluriétnica e pluricultural, como é o caso da sociedade brasileira, é preciso que se tenha presente um elenco de objetivos com os quais se deve trabalhar.” (LOPES in MUNANGA, 2005, p.190), como ações didáticas de respeito às diferenças e valorização da cultura negra para alunos e professores, ações conjuntas que revejam o desafio nas suas múltiplas modalidades. Assim sendo, quem discrimina como revela a autora:

(...) menospreza ou despreza outras pessoas, grupos sociais, povos ou nações; desrespeita aquele ou aquilo que considera diferente e, por isso, inferior; domina, subjuga (pois assume o papel de amo e senhor em relação ao outro), pensa deter o poder, gera conflito, é intolerante, tem mania de superioridade, mesmo quando não é o melhor; pensa que os demais são inferiores e devem ser seus subalternos; escraviza; induz o outro a ter baixa auto-estima. (2005, p.190)

Também é interessante entender que “em todos os conflitos ou disputas entre brancos e negros, os adjetivos “crioulo”, “nega safada”, “macaco” etc. são usados para expressar o desprezo pela negritude e assim valorizar o oponente branco.” (CARNEIRO, 2011, p.125). A respeito do tema, Carneiro ainda comenta:

[...] diz-se que os negros brasileiros estão ficando muito melindrosos e vendo racismo em tudo. Afinal sempre toleraram sem problemas “essas brincadeiras” que ao máximo podem ser consideradas de mau gosto, jamais racistas. Atribui-se também esse melindre à influência dos negros norte-americanos. Deve ser a globalização Ou talvez seja simplesmente a consciência negra sobre as variadas manifestações de racismo que esteja aumentando no Brasil. (CARNEIRO, 2011, p.125)

Em próximo vídeo depoimento outra Youtuber discorre como se sentia feia quando criança e o que representava o apelo sexual:

Eu sempre fui considerada uma menina feia, pelo menos por mim, ou pela maioria das pessoas à minha volta. Meus pais, no caso, eram os únicos que realmente apreciavam esta beleza singular. Apesar de sempre ter tido uma autoestima muito baixa, como toda criança negra, com essa idade, existia um grupo específico de pessoas que me tratava de uma forma diferente. Com essa idade, existia um grupo de pessoas que, de fato, sabia que eu era uma menina não muito bonita, meio desajeitada, desengonçada, mas que também sabiam que, de alguma forma, eu me tornaria uma mulher muito bonita quando eu crescesse. Esse grupo de pessoas era formado majoritariamente por homens; homens mais velhos. Geralmente primos de segundo grau, amigos de primos de segundo grau, ou, então, desconhecidos. Que quando estavam na rua com meu pai, atrás de um balcão, devolvendo o dinheiro do troco do almoço, falavam pra ele: "Nossa, a sua filha é linda, vai dar muito trabalho quando crescer. Vai ter um monte de gavião". E ria. Oito ou nove anos, eu tinha. Eu ficava me perguntando: o que faz e o que fez com que homens como aqueles, atrás do balcão e com que tantos outros homens enxergassem em uma criança de oito, nove anos, alguma possibilidade de beleza. Como eles entendiam que, de alguma forma, eu daria "trabalho". Como eles entendiam que, de alguma forma, eu teria pretendentes. Como eles entendiam que uma menina que não se esforçava em nada pra ser sensual, pra ser bonita, que não sabia sobre maquiagem, sobre decote, que era só uma criança, como eles sabiam que essa criança feia daria trabalho? Essa foi uma das perguntas que eu sempre fiz ao longo da minha vida. Por que eu me vejo feia, por que as pessoas me vêem feia, mas por que existe uma parcela masculina que tem certeza que eu serei bonita? De onde sai isso? Eu comecei a me perguntar e eu passei a deixar de me questionar, porque eu me sentia feia, então era melhor alguém falar: "Teca, você é feia, mas você pode se tornar bonita", do que alguém falar: " Teca, você vai ser sempre feia". (Teca)

No texto é possível ver o uso da palavra “trabalho” e da expressão “vai dar trabalho” fugindo do seu sentido potencial. Trabalho significa um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim. Porém nesse trecho, a jovem fala de um trabalho sexualizado, um movimento que envolve o desenvolvimento físico da mulher e que é visto pela sociedade como trabalhoso para os responsáveis por ela. Na cultura machista, uma menina, mesmo ainda criança, pedirá mais atenção dos pais em comparação

aos filhos homens, pois seu corpo, objeto de desejo masculino, trará muitos olhares de cobiça, o que conseqüentemente dará “trabalho”.

O uso da metáfora “gavião” também chama atenção por ser referenciada ao homem, visto na cultura machista como um animal com boa mira, de instintos aguçados para as questões sexuais do corpo feminino. Nesse caso, a palavra mostra como vários homens iriam aproveitar-se da feminilidade da Youtuber e referir-se a ele como objeto de desejo.

Na prática discursiva a intertextualidade se faz presente a partir do seguinte dizer: “Apesar de sempre ter tido uma autoestima muito baixa, como toda criança negra”, novamente é possível enxergar a hegemonia branca de beleza instalada desde a infância e que cria baixa estima nas crianças negras. Como já pontuado, desde escolas à representatividade das bonecas, a criança negra se sente excluída e por isso feia.

Em termos de prática social, mais uma vez é visto o corpo da mulher negra sendo objetificado, mas nesse caso ainda quando criança. Como bem pontua a Youtuber, a sociedade vê nos corpos negros, corpos submissos, pois existe um olhar colonizador sobre os mesmos. Uma varredura sobre a produção literária reafirma esse ponto, visto que os poemas e romances tratam as mulheres sexualmente, mas com as negras surge um fenômeno ainda mais sintomático, como esclarece Sant’Anna: o canibalismo amoroso. Ou seja: “Desenvolve-se uma vontade de devorar as mulatas (negrofagia), um generalizado desejo pelas morenas (negrofilia) e um implícito e complexo sentimento de medo” (1985, p.21). A ação masculina denunciada pela influenciadora trata-se de um modelo mental e social do brasileiro desde a escravidão e Sant’Anna comenta que o discurso da sedução e da violência está implícito e explícito, ao se perceber “o corpo da escrava como lugar do prazer masculino e como dote na ascensão social. A festa, a dança, o lugar do prazer”(1985, p.22). A “mulata cordial” ainda está presente no imaginário do brasileiro.

4.1.15 Preconceito e Racismo

O microtema a seguir trata dos depoimentos a cerca do preconceito e do racismo:

Os mecanismos do racismo são muito mais complexo se muito mais profundos do que qualquer padrão de beleza. Será que odiei o meu corpo magro porque, de alguma forma, o fato de ter inferiorizado pessoas por conta de seus traços e de suas origens culturais, ao longo da história, valeu mais do que padrões de beleza que se transformam ao longo do tempo; será que é isso? Será que racismo, de fato, é uma

coisa séria? Será que racismo, de fato, é estrutural, não é conjuntura? Será que racismo está na sociedade muito mais profundamente do que a gente compreende? Será que a senzala ainda não acabou, será que a senzala ainda está aqui? Quando a gente acha um menino negro na rua e se assusta com ele. Será que é senzala quando menosprezam a pessoa que eu sou? Será que é senzala quando vocês se surpreendem ao perceber que nós, mulheres negras, somos inteligentes? Será que é senzala quando vocês se surpreendem por eu estar aqui falando pra vocês? Será que é senzala quando me surpreendo por estar aqui falando pra vocês? Será que a senzala não está em mim, será que não está em vocês? Será que a gente superou? (Teca)

A estrutura textual desse recorte revela múltiplas questões retóricas começadas pelo verbo “será”, a fim de questionar e trazer à tona as questões raciais históricas do Brasil para o contexto presente, levando a crer que a “senzala” ainda existe, mesmo diante do término do período escravagista. Afinal, o racismo e o preconceito ainda estão vigentes.

Na prática discursiva há intertextualidade quando comenta o seguinte: “Será que é senzala quando vocês se surpreendem ao perceber que nós, mulheres negras, somos inteligentes?”. No trecho percebem-se paralelos com o que Ribeiro escreve sobre como as mulheres negras foram construídas apenas na materialidade do corpo e não da mente, de como é difícil para a mulher negra ser vista como intrusa e como o sexismo e o racismo operam também na vida intelectual. (2017, p.30)

Na prática social, a Youtuber fala das consequências do racismo nos dias atuais e metaforicamente da “senzala” que ainda existe na sociedade brasileira. Questionando e denunciando as práticas rotineiras para afirmar que estruturas racistas existem e devem ser combatidas.

A mesma influenciadora digital prossegue:

Então, qual é a diferença? A diferença é que racismo é estrutura. E ele vai fazer com que você se odeie. Com que você odeie o seu corpo, a sua vida, as suas origens, independente de quem você seja, basta ser negro. Você pode ser magro, você pode ser gordo, você pode ser rico, você pode ser pobre, você pode ser intelectual, você pode ser analfabeto. A senzala está pra todo mundo. De maneira, talvez, mais intensa pra uns do que pra outros, mas a senzala está aqui. A senzala está quando odeio meu corpo, quando odeio a minha realidade, quando odeio quem eu sou, pra corresponder a um estereótipo de beleza dessa sociedade escravocrata atual. Se o racismo não mata na entrada, ele faz com que você queira morrer na saída. Se o racismo destrói de maneira clara e descarada, a negra de pele retinta, preta, escura, o racismo, fala meu nome como forma de amor: "mulata, bonita, sensual..." e depois me esfaqueia pelas costas. Parafrazeando Augusto dos Anjos, "o racismo escarra na minha boca enquanto me beija". A gente não precisa de senhor de engenho, a gente não precisa de chibatada brutal nos nossos corpos, porque a senzala ainda é aqui nas nossas mentes, de maneira virtual, não corpórea. Enquanto a gente ainda tiver pessoas negras que se sentem subjugadas por serem quem são; enquanto nós tivermos pessoas negras que não se sentem pertencentes, que não se sentem valorosas por serem quem são; enquanto eu ainda odiar um corpo que nunca me fez nada, porque a sociedade diz que devo odiar; enquanto eu achar que a única coisa que

me valoriza é um ideal racista, imposto sobre mim, quando meu corpo ainda nem havia se desenvolvido; enquanto isso acontecer, a senzala ainda é aqui. A senzala ainda é agora. E a chibata, mesmo que de maneira muito silenciosa, continua açoitando as nossas mentes. Obrigada. (Teca)

Na continuidade do depoimento a influenciadora se utiliza de múltiplas maneiras a palavra “senzala” de maneira metafórica para alertar sobre o racismo estrutural. O léxico em si, não é utilizado em seu significado potencial: alojamento que, nas antigas fazendas ou casas senhoriais, abrigava os escravos, mas sim como estado ideológico da sociedade brasileira atual. Nesse sentido, ela usa a palavra “chibata” com a mesma finalidade.

Dessa maneira, a intertextualidade e a prática social convergem para o já mencionado estado psicológico da população negra brasileira. No final desse depoimento é possível perceber que a Youtuber não fala apenas para as mulheres, mas para todos os negros e minorias que são subvertidos em mercadorias e esquecidos em suas individualidades. Munanga mais uma vez esclarece o seguinte:

Mas, o maior problema da maioria entre nós parece estar em nosso presente, em nosso cotidiano de brasileiras e brasileiros, pois temos ainda bastante dificuldade para entender e decodificar as manifestações do nosso racismo à brasileira, por causa de suas peculiaridades que o diferenciam das outras formas de manifestações de racismo acima referidas. Além disso, ecoa dentro de muitos brasileiros, uma voz muito forte que grita; “não somos racistas, os racistas são os outros, americanos e sul-africanos brancos”. Essa voz forte e poderosa é o que costumamos chamar “mito de democracia racial brasileira”, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. Assim fica muito difícil arrancar do brasileiro a confissão de que ele é racista. (2007, p.01)

O Brasil vivencia ainda o mito da democracia racial, onde não se consegue enxergar o racismo estruturado nas instituições e incorporado aos mínimos gestos de cada indivíduo. A senzala e a chibata, tão mencionadas pela Youtuber, operam silenciosamente, oprimindo e denegrindo vidas negras.

4.1.16 Estética

No penúltimo microtema sobre o ser negro, aborda-se a questão estética:

Vira e mexe tem alguém me questionando ou me criticando por eu falar sobre estética aqui no canal, sobre beleza. As pessoas costumam categorizar esse assunto como menos importante, inútil, fútil e eu entendo um pouco, porque realmente eles podem ser, principalmente numa sociedade como a nossa onde a gente *tá* sempre sendo induzido a consumir, consumir, consumir. Mas em contrapartida quando eu penso no histórico de exclusão das mulheres negras eu acho essencial falar sobre estética também. Nós passamos anos sem nos olharmos, sem entendermos as nossas características e também sendo muito mal representada nas mídias tradicionais. Foram anos de negligência de campanhas totalmente estereotipadas e isso fazia com que nossa autoestima ficasse onde? Lá embaixo. Por isso pra mim não faz o menor

sentido essa demonização do tema beleza. O que a gente precisa é falar, falar sobre tudo que está relacionado à nós, inclusive beleza, estética, porque, por exemplo, hoje em dia quando eu falo a palavra beleza, pra muitos de vocês que me assistem aqui a imagem que se forma na cabeça talvez seja a de uma mulher negra, mas alguns anos atrás isso era praticamente impossível. Nós éramos ligado somente à coisa ruim sabe? Cabelo duro, mulher feia essas coisas *tavam* muito, muito ligadas às mulheres negras e hoje por esse movimento da gente *tá* falando de estética, principalmente através da transição capilar, esse imaginário tem mudado. Por muitos anos a estética negra foi desvalorizada, marginalizada e hoje a gente *tá* num processo de quebra de padrões e de auto cuidado e isso faz com que várias mulheres negras estejam num processo de estruturar a sua autoestima ou de reestruturar. Normalmente é estruturar *né* gente, porque a gente sabe que a maioria de nós tinha a autoestima lá embaixo ou nem tinha autoestima. Então, a gente *tá* construindo isso juntas. Eu já contei aqui pra vocês que quando eu tava na universidade eu fiz uma pesquisa sobre o papel das redes sociais na valorização da estética da mulher negra. E nesta pesquisa eu percebi que é no coletivo que a gente trabalhava, sabe? Uma apoiando a outra e também gerando novas referências. E, além disso, esse processo de mulheres negras construindo sua autoestima influencia também nas próximas gerações. Hoje em dia é muito mais fácil você vê crianças de cabelo natural gostando da sua cor, gostando do seu coleguinha que também é uma pessoa negra. (...) E como esse ano, Seda está com a campanha juntas arrasamos, tem como foco a colaboração feminina, eu decidi colaborar com a exaltação de algumas mulheres que quebraram padrões de beleza. Essas mulheres negras fizeram história usando as suas estéticas, sim elas usaram a sua inteligência, expertise, poder de comunicação, usaram isso tudo nas suas carreiras. A gente não está ignorando, mas além disso tudo, elas mostraram como a estética pode ser sim sinônimo de resistência, e na real, essas mulheres abriram caminho nas suas profissões para que nós pudéssemos estar tendo essa conversa hoje, aqui, porque gente na minha concepção nada é isolado, a gente está sempre seguindo em caminhos que outras pessoas abriram. Então vamos a minha lista de mulheres. A primeira mulher da minha lista é AlekWec, pra quem não conhecia ela foi uma modelo sudanesa que ganhou destaque no final dos anos 90 e virou um ícone por ser a primeira top model com a pele escura e os traços negróides. A primeira vez que eu vi a foto da Alek foi depois do discurso da LupitaNyong, a Lupita que também quebrou internet após ser eleita a mulher mais bonita do mundo contou que foi através da Alek que a própria começou a enxergar beleza em si mesma e nos seus traços. E voltando a falar sobre modelos 2 mulheres que há poucos anos ousaram romper padrões nesse meio foram ChantelleWyne e a Maria Borges, a Chantelle é uma modelo negra com vitiligo e a Maria Borges, em 2015, depois de muito insistir conseguiu desfilas no Victória Secrets Show com seus cabelos naturalmente crespos, que antes eram obrigatoriamente escondidos debaixo de perucas lisas. Mas agora chegando aqui na nossa terra temos Ryth de Souza, no Brasil onde ainda hoje quando a gente pensa é em protagonistas a gente tem de imaginário pessoas brancas e foi aqui que Ruth quebrou esse paradigma se tornando a primeira protagonista negra em uma telenovela brasileira. E falando em primeira temos também Glória Maria que foi a primeira repórter negra da TV aqui no Brasil, eu não sei se vocês viram mas a Glória contou recentemente sobre a dificuldade que foi para ela começar a mostrar o seu rosto já que todos os outros repórteres eram brancos e as pessoas não estavam acostumadas a ver uma mulher negra nessa posição. E gente essa e outras mulheres com certeza abriram caminho para uma das nossas principais referências nos dias de hoje que é a Taís Araújo, que se tornou um ícone de beleza no mundo tão branco como o da TV e principalmente o das capas de revistas. Taís ainda hoje faz capas de revistas que nunca tiveram uma capa com uma mulher negra. Ah!E depois que eu tinha acabado a minha lista e percebi a minha capacidade de visualizar mulheres como, por exemplo, Queen Latifa e Gabourey Sidibe, que são mulheres gordas, numa indústria gordofóbica, como é em Hollywood. Ah!Eu também não tinha lembrado de citar Lavern Cox, que atualmente é uma das dez mulheres trans com maior destaque no mundo e o que dizer da visibilização de mulheres como Mart'nália, que não performa feminilidade. Então, no final disso tudo ficamos alerta, quanto menos uma estética é vista, valorizada, maior é o nível da exclusão, por isso eu insisto sim, a gente precisa falar da nossa

beleza, da nossa estética e mostrar como ela pode ser representada de várias formas. Eu de coração aplaudo a coragem dessas mulheres, e gente se isso não é um ato político de resistência eu não sei que é. (Nina)

Analisando o texto surge a “superexpressão” mencionada por Fairclough, palavras usadas como sinônimos, mas que revelam preocupação por parte da emissora. É o que se percebe no uso de “menos importante”, “inútil” e “fútil”. Como também no período, “sem nos olharmos, sem entendermos as nossas características e também sendo muito mal representada nas mídias tradicionais”.

Em termos de vocabulário surgem três palavras de suma importância no texto: estética, beleza e autoestima. Utilizadas também como sinônimas, são o conteúdo do depoimento, esses temas são normalmente explorados por pessoas brancas e quando a Youtuber fala sobre eles mostra a relevância da temática no contexto negro.

A expressão “cabelo duro” também faz ligação semiótica com as questões estéticas e de beleza, visto que a Youtuber denuncia essa expressão racista assim como “cabelo ruim” e “mulher feia”.

Na prática discursiva é possível perceber a interdiscursividade no trecho “mulher feia essas coisas *tavam* muito, muito ligadas às mulheres negras”, para falar do senso comum da mulher feia ser normalmente uma mulher negra, tema já discutido anteriormente. Estudar esse movimento tem sido importante para desmascarar o racismo, pois como escreve Carneiro, as Ciências Sociais, e a Linguística através dos Atos de Fala, “vem decodificando os sentidos dessas frases supostamente inocentes, como entende o senso comum, e demonstrando as diversas ações que se realizam pela linguagem, dentre elas a produção e a reprodução de estereótipos” (2011, p.30)

Em prática social, percebe-se a marca da sociedade de consumo na qual o mundo está inserido, referindo-se especificamente ao mercado estético e de produtos de beleza onde o consumo é inculcido através de promessas de embelezamento com o uso de argumentos voláteis. Dessa maneira, a Youtuber comenta que é difícil falar de estética e beleza negra em um contexto onde essas áreas são tidas como fúteis e superficiais. Isso é esclarecido por Carneiro, do seguinte modo: “A primeira vez que vi uma mulher negra na capa de uma revista foi na Alemanha, em 1989. No Brasil, país com a maior população negra fora da África (quase 50% da população), isso continua fato raro.” (2011, p.165)

Em relação a mídia e seu poderio torna-se necessário entender que elas categorizam e qualificam as pessoas:

[...] localizando uma informação em uma rubrica ou em outra, outorgando-lhe um lugar e uma importância mais ou menos grande. A maneira como procedem exerce uma influência que variará enquanto houver aí modos distintos de qualificação, mas também, suportes e jornalistas. (WIEVIORKA, 2017, p.122)

Percebe-se o movimento de mudança social, tão discutido por Fairclough (2016), que leva em consideração a democratização, comoditização (processo no qual setores/domínios/instituições sociais são tratados e vendidos como mercadoria) e tecnologização (treinamento de práticas discursivas por várias organizações através de profissionais técnicos) do discurso. A Youtuber, por sua vez, comenta o seguinte: “hoje por esse movimento da gente *tá* falando de estética, principalmente através da transição capilar, esse imaginário tem mudado”. Reafirma também: “a estética negra foi desvalorizada, marginalizada e hoje a gente *tá* num processo de quebra de padrões e de auto cuidado”. Reforçando o argumento, existe outro fragmento no discurso: “O que a gente precisa é falar, falar sobre tudo que está relacionado à nós, inclusive beleza, estética”.

Novamente, denuncia a prática ideológica vigente quando diz o seguinte: “Foram anos de negligência de campanhas totalmente estereotipadas e isso fazia com que nossa autoestima ficasse onde? Lá embaixo. ”Os produtos de beleza e os respectivos comerciais só exploraram o modelo hegemônico: mulheres brancas, magras, em sua maioria loiras e de cabelo liso.

Continuando com a microtemática, outra influenciadora aborda em um de seus vídeos o empoderamento estético, a saber:

Eu ouço muito por aí a gente ironizando empoderamento estético né? Falando sobre o empoderamento estético como se ele fosse uma coisa ruim, falando sobre a geração tombamento²⁰ como se fosse uma coisa ruim, e eu entendo, eu entendo que se a discussão ficar só na estética a gente não avança, eu entendo que é preciso muito mais do que pessoas se amando e se sentindo maravilhosas pra a gente mudar a realidade do Brasil, pra gente mudar a realidade das pessoas negras. Mas eu levanto a bandeira de que a estética é muito importante quando a gente fala de população negra no Brasil, que foi por meio dela que eu me iniciei nessas discussões. Sei que empoderamento estético às vezes cansa, empoderamento estético é muito “aí meu cabelo natural...” e às vezes parece meu Deus é só empoderamento estético obviamente, eu também avancei, obviamente, não fiquei só nas tranças e nos dreads. Aí eu conheci meu cabelo natural, aprendi a cuidar, aprendi a amar, fui

²⁰Trata-se de um movimento urbano encabeçado por jovens negros que buscam recriar a própria estética e resgatar a identidade negra, tendo em vista o cenário de invisibilidade em uma sociedade racista. (...) A recriação estética inclui cabelos crespos estonteantes, tranças coloridas, estampas étnicas, turbantes além de muito estilo. A expressão “tombar” (presente no hit “Tombei” da cantora Karol Conká) significa “arrasar” ou “causar impressão por onde passa”. Disponível em: < <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/2017/02/geracao-tombamento-juventude-negra-e-empoderamento-estetico/>

pra a universidade busquei informação, aprendi a entender quem eu era, o porquê de não gostar do meu cabelo, o porquê da minha mãe, da minha vó, da minha família inteira que tinha cabelo crespo, não necessariamente saber cuidar de um cabelo crespo. E aí eu utilizei esse mundo de informações que explodiram na internet porque aí veio o *Youtubenê*? O meu processo com as tranças ele foi bem solitário, foi eu, as tranças e minhas apostilas. Só que quando eu comecei a acessar a internet, eu descobri o Youtube, o mundo dos tutoriais *nê* de cabelo? Aí eu pude tirar meus dreads, eu pude cuidar do meu cabelo com carinho, aí eu pude cuidar, eu pude perceber como é importante me amar, como era importante me valorizar como eu era. Essa é uma discussão muito ampla, é uma discussão que tem prós e contras, mas eu sou uma pessoa que definitivamente eu nunca vou ironizar o que é empoderamento estético, porque só eu sei como isso foi importante na minha vida, só eu sei como isso foi porta de entrada pra empoderamento muito mais pesados. Péssimo esse! É muito importante você saber que você não está sozinha nessa, se você está passando pela transição, se você está passando pelos seus processos de compreensão racial, do que é ser ou não ser negro, do que é estar ou não estar no seu corpo, se é confortável se não é. É um momento de muita confusão, um momento de muita intensidade, é um momento de muitas reformulações, de muitas revisitações, é momento em que você vai crescer muito se já não tiver acontecido, se não estiver acontecendo. Você não está sozinha você sabe, hashatag juntas arrasamos como sempre, mulheres juntas crescem mais, mulheres juntas são mais fortes, mulheres negras juntas crescem mais, mulheres negras juntas são muito fortes. Deixe aqui nos comentários como foi o seu processo de consciência racial. Quero muito saber se ele passou ou não pela estética. Será que o empoderamento estético vale tão pouco assim? Eu acho que não, eu tenho certeza que não (...). (Teca)

Na categoria texto aparece a expressão “empoderamento estético” usada em seu sentido potencial para demonstrar que o empoderamento feminino, alvo de grandes discussões, também perpassa pelo estético, corpo e as suas características.

Na estrutura textual aparecem as repetições e as perguntas ao destinatário da mensagem, como ocorre em outros depoimentos de todas as meninas, por ser um discurso oral e por características próprias da rede social na qual se encontra, o Youtube.

Na prática social é possível perceber os processos de mudança já relatos por Fairclough (2016) e de como é importante dialogar sobre esses temas. Aqui há uma mudança não apenas ideológica, mas estrutural, pois a Youtuber negra contraria os dados aqui postos, ao conseguir concluir a graduação, diferentemente de muitos negros no Brasil. Também há nesse depoimento, a relevância da transformação digital na vida dos seres, pois como ela mesma pontuou a internet e as mídias digitais foram fortes influenciadores de seu processo de empoderamento.

4.1.17 Técnicas de Embranquecimento

O último microtema disserta sobre técnicas de embranquecimento:

E eu tentei embranquecer muito, de todas as formas possíveis, e essa é uma coisa muito específica de mulheres como eu, mulheres que tem os traços da miscigenação mais aparente, não só havia um esforço da minha parte por me embranquecer, mas as

peças ao meu redor tentavam me salvar da negritude e foi assim que a maquiagem, que a estética entraram na minha vida fundamentalmente. Eu demorei muito tempo para comprar base, porque na minha época eu só usava pó, realmente não sabia fazer maquiagem. (Teca)

Na categoria de texto observa-se o uso do verbo “embranquecer” que tem como significado potencial fazer ficar ou ficar branco; abrançar(-se), abranquecer (-se), embrançar(-se). Dessa mesma maneira o verbo é utilizado no discurso, apontando para as inúmeras vezes que a Youtuber tentou deixar de ser negra e passar a ser branca, ou esconder os traços mais aparentes de sua negritude.

Na prática discursiva, a interdiscursividade aparece na generalização do contexto da mulher negra na beleza e na estética, porque devido à falta de representatividade, muitas negras tentaram ficar o mais próximo do modelo hegemônico de beleza branco, disfarçando os traços de sua negritude.

Na prática social, a jovem mostra mais um exemplo da hegemonia branca, quando aborda a sua falta de interesse por assuntos relacionados à estética, por não se sentir representada. Ela não era igual às modelos fotografadas nas capas de produtos e revistas, havendo uma ausência de incorporação de uma prática universalista do âmbito feminino: o consumo de cosméticos.

E prossegue:

Aí eu passei pelo ensino médio tentando me embranquecer na maquiagem, naquela época eu não tinha idéia do que era contorno, não necessariamente era uma prática que existia, então ainda bem, pois se não eu teria feito o Michael Jackson no nariz, no rosto *né?* Não que meu nariz seja muito grosso, mas era aquilo, se há uma possibilidade de tornar mais fino eu vou aproveitar. Pra vocês terem idéia eu usava pregador dentro de casa no nariz, porque eu achava o meu nariz, um nariz grosso, porque eu achava o meu nariz, um nariz grande, porque eu sentia que já que eu estou tão perto desse ideal branco, é só eu me esforçar um pouquinho que eu me torno uma garota branca. (Teca)

No texto há a utilização da metáfora “fazer o Michael Jackson”, pois sabe-se que o astro pop ficou conhecido não apenas por seu talento musical, mas também pelas plásticas e tratamentos estéticos desenvolvidos para que a cor de sua pele fosse branca. Até hoje existem dúvidas se o comportamento estético do mesmo foi feito por questões dermatológicas ou porque não suportava sua negritude. No contexto inserido, a expressão denota apoio à corrente que acredita na busca pelo ideal branco de beleza. Por isso, a Youtuber diz ter tomado atitudes parecidas com o do falecido cantor na tentativa de ser branco, o que se configura também como prática discursiva.

Na prática social, compreende-se, mais uma vez, os resultados da hegemonia branca na construção da identidade e da autoestima de jovens negras.

4.2 Vídeos sobre transição capilar

No próximo quadro são apresentados os temas das Youtubers sobre transição capilar.

Quadro 5 – Macrotema do Discurso de Quatro Youtubers Sobre Transição Capilar

MACROTEMA	MICROTEMAS
4.2 Transição Capilar	4.2.1 O início da Transição Capilar
	4.2.2 Primeiras percepções
	4.2.3 Modelos de beleza
	4.2.4 Transição não é moda
	4.2.5 Transição e Aceitação
	4.2.6 Motivações
	4.2.7 Valorização de si mesma
	4.2.8 Como incentivar uma amiga
	4.2.9 Apoio digital
	4.2.10 Dicas
	4.2.11 Consequências da Química

4.2.1 O início da Transição Capilar

Em se tratando do macrotema “Transição Capilar” surgem diferentes microtemas, sendo o primeiro denominado “O início da Transição Capilar”:

Pra mim transição, pra muitas pessoas, é muito mais do que cabelo, pelo menos pra mim foi assim. É com a transição eu acordei para muita coisa, pra muita coisa que eu sabia por alto, mas eu não entendia direito. Muitas coisas envolvendo a questão de ser mulher negra, questões sobre o racismo, questões sobre várias outras coisas. Inclusive a transição, um grupo do Facebook, o “Cacheadas em transição”, foi tema da minha monografia²¹ [...] e isso abriu meus olhos para muita coisa. (Nina)

Em termos de texto, uma palavra do vocabulário torna-se relevante: “transição”. Em seu significado potencial, é a passagem de um lugar, de um estado de coisas, de uma condição a outra. No caso das Youtubers, o léxico é sempre utilizado no sentido de passagem entre um cabelo com química para um cabelo natural, porém nesse trecho a influenciadora fala de um tipo de despertar, de “tomar consciência”. Então, transição seria uma mudança ideológica e social.

²¹ A youtuber é formada em Comunicação Social (UERJ).

Em termos de prática discursiva, apresenta-se a intertextualidade o que para Fairclough é a presença de elementos de outros textos no que está sendo investigado “(e então, potencialmente, de outras vozes além da voz do[a] autor[a]), que podem estar relacionados (discutidos, assumidos, rejeitados) de várias maneiras” (2003, p.218). Desse modo, a intertextualidade é aparente quando a influenciadora digital fala sobre como a transição capilar modificou a sua vida, até o ponto de ser tema de sua monografia na graduação. Assim como a presente dissertação, outras áreas das ciências têm estudado os fenômenos ocorridos nas plataformas digitais e como essas influenciam a vida dos sujeitos. Shirky (2012) é um dos maiores especialistas nas conexões de pessoas nas redes sociais digitais e Martino (2017, p.143) faz uma leitura sintética de seu trabalho, quando argumenta que a força dos grupos digitais é proveniente da velocidade e da quantidade de pessoas agregadas, vindo juntas a agirem política e culturalmente de maneira micro e macro.

Em termos de prática social, esse trecho fala da importância da mudança social, discutida por Fairclough (2016) A transição capilar é um movimento legítimo, iniciado através das redes sociais digitais e impulsionado fora das telas pelo público participante. Através desse movimento, outras questões tomaram visibilidade, aqui pontuado pela Youtuber: “de ser mulher negra, questões sobre o racismo”.

No mesmo microtema, umas das Youtubers fala sobre como conheceu a transição capilar.

Aí quando foi no começo desse ano, mais ou menos em fevereiro, a Carla²² entrou na transição, e a Carla também sempre fez muita química no cabelo dela e ela resolveu voltar aos cachos. Como eu não sabia que eu também tava meio nessa de parar com a química e tal. Aí a gente conversando ela pegou e falou que existia uma coisa chamada transição capilar, que tinha grupos no Facebook pra isso, que também tinha gente passando pela mesma coisa que eu. Aí a partir desse momento minha mente foi abrindo, sabe? Eu fui vendo o que é que era transição capilar. Enfim, a partir desse momento a minha cabeça foi transformando, sabe? Eu fui mudando muito os meus conceitos, eu fui, fui conhecendo outras pessoas e foi a partir desse momento que tudo começou a mudar. A Carla me adicionou no grupo Cacheadas em Transição no Facebook e ela me indicou um cabeleireiro muito bom (...). E aí, não, eu falei tal, agora eu vou começar a minha transição pra valer. E aí (...) cortei o cabelo, eu fiz um corte legal e tal. Parei de passar chapa, larguei de toda chapinha que eu passava na raiz antes, porque a chapinha que eu passava só na raiz tava alisando meu cabelo, gente, *cês* acreditam? Meu cabelo não tava crescendo natural por causa da chapa. (Mary)

Na análise do texto é possível perceber a utilização da palavra “química” para designar as técnicas de alisamento e/ou relaxamento feitas pelas jovens de cabelo crespo e/ou cacheado. Mas a sua utilização não foi feita em seu significado em potencial, pois o léxico “química”

²² Irmã da Youtuber.

equivale ao estudo científico da constituição da matéria, suas propriedades, transformações e as leis que as regem.

Outra palavra não usada em seu significado potencial é “chapa”, aqui resignificada pelo movimento de jovens mulheres em transição capilar para caracterizar umas técnicas de alisamento mais populares no Brasil: a chapinha.

O termo “transição capilar” também aparece nesse trecho como sinônimo de transformação de “abrir a cabeça”.

Na prática discursiva é possível reconhecer a intertextualidade, quando novamente se aponta a experiência no Facebook para certificar a legitimidade de sua história e para mostrar que muitas garotas passavam pela mesma situação.

O que se revela na prática social, pois as redes sociais digitais servem também como rede de apoio digital, é possível compartilhar experiências pessoais e trocar informações sobre procedimentos, técnicas e tirar dúvidas sobre o processo de transição capilar.

Outra Youtuber também fala sobre o começo de seu processo em transição capilar:

Eu entrei em transição, (porque) teve um dia que me marcou, porque eu estava em casa e eu separei três dias para fazer uma leitura bíblica contínua com as minhas amigas. E aí, um desses dias é o dia do meu aniversário. O meu aniversário é perto do Natal e do Ano Novo. [...] eu *tava* nesse desafio e eu pedi à minha outra amiga, que fazia o meu cabelo, pra vir aqui em casa pra fazer meu cabelo durante o desafio. Então, ela fez o relaxamento durante o desafio, porque eu não podia ficar sem relaxamento. Depois desse dia eu comecei a pensar nisso e falei: “Cara, eu acho que essa vai ser a última vez que eu vou fazer isso, eu vou relaxar meu cabelo assim” [...]. E a minha preocupação é tanta, o meu vício é tanto com isso, que eu precisei que ela viesse aqui para fazer o relaxamento no meu cabelo. Aí eu decidi vou parar, vou parar de fazer. Parei e não pensei no depois. Deixei assim, vou continuar a usar megahair²³, só que não vou passar mais química. Aí começou a passar o tempo né? [...] meu cabelo *tava* super crespo na frente e o megahair assim colocado. *Tava* ridículo, gente. (Nina)

Em termos de texto, a palavra que sobressalta é “vício”, pois usualmente o léxico é usado no sentido de um hábito, uma mania censurável. Por vezes para alimentos, drogas e jogos, e não para o hábito de alisar os cabelos.

Na prática discursiva percebe-se uma interdiscursividade em um contexto histórico anterior, pois como esclarece Gomes:

²³Mega hair, mega-hair, ou ainda, megahair é, no Brasil, um termo em inglês utilizado para se referir a alongamento de cabelo (também, alongamento capilar) ou extensão de cabelo (também, extensão capilar).

Se refletirmos valendo-nos do ponto de vista do mito da democracia racial, poderemos pensar que, dada a nossa intensa miscigenação, a coexistência de diferentes padrões estéticos é algo possível e até mesmo aceitável. Contudo, a realidade encoberta por esse tipo de interpretação é de que, no Brasil, convivemos com um racismo ambíguo, que alimenta e reproduz de maneiras diversas a imposição do padrão estético branco e mestiço em detrimento do negro. Há uma hierarquia estética introjetada pelos próprios negros. Se parto do pressuposto de que o cabelo, a auto-estima e a identidade negra mantêm uma relação complexa e imbricada, então o comportamento dessas garotas ainda me suscita mais algumas questões. Ele me induz a refletir que, na realidade, os motivos que levam essas jovens negras a adotar o alongamento se aproximam muito daqueles usados pela antiga geração de mulheres negras que preferiam a pasta com soda cáustica ou o ferro quente à utilização de um outro padrão estético negro ou de afirmação racial. Esse comportamento me fala de um outro tipo de “consciência racial”, que se constrói num misto de aceitação e rejeição do ser negro. (2007, p.1857)

Na prática social, a Youtuber demonstra o quanto a hegemonia de beleza branca interferiu em sua existência. Em momento de prática religiosa, onde se espera total atenção ao vínculo com a divindade, a influenciadora fala que o vício pelo alisamento não poderia esperar. Mesmo estando em uma leitura bíblica, ela não para de pensar em como gostaria de ter os cabelos lisos. Em um segundo momento, ela relata o começo de sua transição capilar, com os cabelos naturais (crespos) e uma parte ainda alisados (megahair), denominando-se ridícula, por não estar dentro de nenhum dos dois padrões de cabelo: o liso e o natural. Para Nogueira:

À medida que o negro depara com esfacelamento de sua identidade negra, ele se vê obrigado a internalizar um ideal de ego branco. No entanto, o caráter inconciliável desse ideal de ego com sua condição biológica de ser negro exigirá um enorme esforço a fim de conciliar um ego e um ideal [...]. (NOGUEIRA, 1998, p.88)

Outra Youtuber também relata sua experiência com a transição:

Aí quando foi no final de 2011, quase 02 anos aí fazendo relaxamento, a gente decidiu que tava na hora de parar com isso, porque a gente pensou “*Caraca*, vai ter que esperar crescer tudo de novo, pra cortar”. E foi aí que eu meio que entrei na transição, sem saber o que é que era transição. Sério gente, eu não tinha nem noção de que existia a palavra transição, não sabia mesmo, só achei que ia parar de fazer relaxamento. Aí eu fiquei do final de 2011 até o começo de 2012 sem nada assim, sem passar nada no cabelo e tal, usando ele natural. A raiz tava alta? Tava. Tava feio? Tava, mas eu usava. (Mary)

Em termos de texto, não houve que se destacasse.

Na prática discursiva, a intertextualidade é expressa quando há a inserção de mais uma voz no discurso da Youtuber. Na primeira parte do depoimento, existe uma referência a “nós” que seria a influenciadora digital e a sua mãe. Pois na continuidade desse relato, ela mostra que todas as decisões alusivas ao seu cabelo sempre foram feitas com o apoio materno. A figura da mãe está presente o tempo todo, mostrando como essa representação é significativa na construção da identidade e das escolhas capilares, o que também se revela como prática social.

Em termos de prática social, propriamente dita, existe nesse depoimento uma necessidade de expor que a transição capilar, nesse caso, não foi intencional, que não houve influência das redes sociais digitais, a não ser da irmã da Youtuber.

4.2.2 Primeiras percepções

O próximo depoimento relata a percepção de uma Youtuber sobre o respectivo processo de transição capilar:

Quando eu comecei a relaxar²⁴ o cabelo, com uns quatro anos (de idade) mais ou menos, então eu nem conheci meu cabelo e aí eu fiquei naquela necessidade de ver, de ver o cabelo de novo e tal. Aí depois de um mês mais ou menos eu tirei a trança, depois de fazer o BC²⁵. Eu, sinceramente, eu me senti muito bem quando eu cortei o cabelo. (...) Hoje em dia, quando eu olho essa foto eu falo “*Caraca* mano, como eu tive coragem de cortar o cabelo tão curto assim?”. (Nina)

Em termos de texto, a palavra “relaxar” e a sigla “BC” chamam atenção por serem léxicos referentes a técnicas específicas do contexto dos cabelos crespos e cacheados. E são naturalmente incorporados ao discurso, de maneira por vezes tecnicista, sendo necessário o conhecimento de seus significados para entender do que se trata o vídeo.

Segundo Giampá (2016), o termo “big chop” é proveniente de um movimento político idealizado por mulheres e que teve seu início nos Estados Unidos, popularmente conhecido como The Big ChopMovement. A autora assinala que mulheres negras, exaustas pela imposição da estética lisa e preocupadas com as consequências químicas em seus cabelos, uniram-se contra a “ditadura da beleza”. Assim sendo, as mulheres envolvidas no movimento raspam as suas cabeças para retirar todo o cabelo quimicamente tratado e dar espaço ao cabelo natural. Para Giampá, a aceitação dos fios naturais fez com que passassem a “aceitar a si mesmas. Esse resgate do cabelo natural trouxe de volta a autoestima perdida, o que permitiu que elas saíssem da zona de opressão do racismo e do machismo” (2016, p. 32)

Na prática discursiva há a interdiscursividade (inserção de outros discursos dentro de um texto), quando comenta a respeito da coragem de cortar os cabelos tão curtos, haja vista ir contra a imagem do cabelo longo como símbolo da feminilidade, cultivado na cultura brasileira. Por ser uma mulher negra, esse processo fica ainda mais evidente, pois a negra de

²⁴O relaxamento capilar é um tipo de alisamento químico dos cabelos, indicado para cabelos cacheados ou crespos. Ele pode alisar os fios completamente ou apenas abrir mais os cachos, depende do objetivo da cliente. Normalmente ele é feito com um produto químico chamado tioglicolato de amônia, mas também pode ser feito com guanidina e hidróxido de sódio”. Fonte: <http://www.minhavidade.com.br/beleza/tudo-sobre/18395-relaxamento-capilar>

²⁵ BC é abreviação para big chop.

cabelos longos é também símbolo da sexualidade, e os cabelos curtos são referências à masculinidade, tão questionado pela cultura machista. Gomes elabora o seguinte comentário:

Além de ser vista socialmente como mais bonita, uma mulher de cabelos longos acredita estar mais próxima de um clima de sensualidade. Quando somamos a esse significado quase universal do cabelo uma perspectiva étnica e racial, podemos inferir que, para as mulheres negras e mestiças, o cabelo longo pode apresentar um duplo simbolismo: sensualidade e aproximação do cabelo da mulher branca, visto como referencial de beleza feminina. (2007, p.1518)

Na prática social ganha notoriedade a parte final do enunciado, quando a Youtuber diz precisar de coragem para passar pela transição. O argumento justifica-se pelo fato da sociedade brasileira ser ainda racista e por não valorizar a beleza negra. Assim, sendo o cabelo crespo não é bem visto e o momento de transição, quando se resolve usar os cabelos naturais, é um processo longo e que precisa de coragem, tendo em vista os julgamentos e por ser um cabelo não hegemônico.

Mais uma influenciadora fala sobre a percepção pós deixar de alisar:

Esse foi o primeiro dia que eu saí depois de cinco anos mais ou menos fazendo muita chapinha, muita, muita chapinha. Era um cabelo com o comprimento legal só que como eu estiquei muito com chapinha, e se eu não me engano, não tenho certeza sobre isso, eu havia trocado de relaxamento, feito um relaxamento mais forte na época, então o cabelo ficou mais esticado. Isso, foi isso mesmo. Mas mesmo assim eu consegui que eles voltassem aos poucos, os cachinhos, voltassem aos poucos. E eu percebi que quanto mais volume era melhor pra mim. E isso sim seria legal. E os cachinhos começaram a aparecer de volta. Não era aquele cacho super definido, mas eles começaram a aparecer. Depois nós tivemos mais uma ideia brilhante, que na verdade não foi tão brilhante assim, usar *babyliss* pra ajudar a definir as partes que não ficavam boas. Olha, eu fico muito feliz porque eu fiz isso, porque foi um start pra eu gravar o primeiro vídeo do Youtube e falar: “Gente, é assim que eu faço *babyliss*, é assim que eu faço meu cabelo em algumas partes”. Mas por outro lado fazer *babyliss* todos os dias antes de ir para o trabalho ou antes de ir pra escola danificava demais o meu cabelo, as pontas dele caíam. Todos os dias eu conseguia ver pedaços e pedaços do meu cabelo, por isso eu perdi tanto comprimento. (Juju)

Na análise do texto aparecem palavras que se referem aos cabelos, mesmo quando o substantivo não aparece presente, é o caso de “volume” e “definido”. Ambos falam de características capilares importantes para a Youtuber e para sua percepção, como cacheada/crespa.

Na prática discursiva desse trecho há interdiscursividade, caracterizando-se como um reforço do que foi pontuado acima, no discurso de outra Youtuber sobre o comprimento dos cabelos. Para essa influenciadora, também há “um comprimento legal”, ou seja, um tamanho aceitável de cabelo. É importante destacar que ao contrário da jovem anterior, essa não fez o BC, ou seja, ela não cortou o cabelo super curto, mas esperou pelo seu crescimento à medida que a química desaparecia. Mais uma vez mostra-se como o público feminino é vítima da

hegemonia branca e machista e mesmo lutando contra muitas das propostas do que é o belo e aceitável, ainda há amarras ideológicas. O cabelo curto tão referente aos homens causa estranhamento quando usado por mulheres, e por isso tem sido uma das grandes simbologias do feminino e do empoderamento do grupo. A mulher de cabelo curto tem sido um símbolo da autônima e da força da mulher.

Em termos de prática social, é enfatizado novamente o uso do “nós” importante para afirmar que com essa Youtuber também há um movimento materno amparando as decisões capilares. Em outros vídeos dessa Youtuber é possível perceber a importância que sua mãe tem em toda a sua “vida capilar”, desde a referência de cabelos escovados e lisos até as primeiras interferências químicas.

É possível identificar ainda na prática social, a transição, que é o meio do caminho entre o cabelo hegemônico e o cabelo natural, um processo importante, mas que acaba por atuar na ideologia branca de valor. Durante o *scabhair* e suas diferentes texturas, as jovens tentam uniformizar o cabelo com técnicas e ferramentas que o deixem mais “aceito”. O limbo em que fica esse cabelo que nem é liso e nem é cacheado não é aceito esteticamente. Por isso, as Youtubers falam desse período como um espaço de tempo necessário para se chegar ao objetivo final: o cabelo natural.

4.2.3 Modelos de beleza

No próximo excerto há um depoimento sobre o modelo de beleza:

(...) Todo mundo sabe que minha priminha, que hoje é pequena, todo mundo sabe não, todo mundo diz que ela vai ter que alisar o cabelo quando ela crescer porque esse cabelo aí não tem jeito. Então ela é muito pequena e ela cresce ouvindo isso: “Esse cabelo não tem jeito, esse cabelo não tem jeito”. Então, ela vai alisar o cabelo por muito provavelmente. A não ser quando eu conversei com ela e a gente senta e troca uma ideia. Fora isso não dá pra culpá-la por isso a e não dá pra me culpar também. Eu era completamente escrava de outras coisas não só do meu cabelo, mas de tá sempre imperfeita. Hoje eu sou muito, muito tranquila em relação a isso, de ir à padaria maquiada, de estar sempre de salto alto. E a minha libertação depois que eu parei de fazer chapinha veio com muitas outras coisas. Eu consegui reconhecer, na verdade, o amor de Deus por mim e isso foi o que mudou completamente a minha cabeça, porque se ele pode me amar eu também consigo me amar. Nem tudo estava perfeito, eu não podia ir a piscina, não podia ir a churrascos, porque meu cabelo ia ficar fedendo. Eu não podia dançar muito, porque eu gostava de dançar, e ele ia transpirar demais, aquela raiz ia ficar muito feia (...). (Juju)

Em termos de texto é relevante o uso da palavra “escrava” para demonstrar a escravidão estética e cultural vivenciada por várias mulheres negras, crespas e cacheadas que se veem em um regime ditatorial de beleza, por isso os termos escravidão e libertação são tão presentes no

discurso das influenciadoras. Pois falam de um estado escravagista moderno, porém não menos importante do que anteriormente vivido pelos negros no Brasil.

Na prática discursiva, a intertextualidade se faz presente quando a Youtuber traz para o discurso a experiência de sua prima ainda criança, ao demonstrar que a cultura do cabelo liso é disseminada desde tenra idade e que o discurso escutado pelas meninas de cabelo crespo/cacheado a influenciam negativamente, acreditando-se que os seus cabelos são feios e não prestam. O discurso da jovem é relatado como o único capaz de inspirar e mudar a opinião da criança, visto que a influenciadora digital é uma referência no combate ao alisamento e aceitação da estética negra. Pois como se sabe, essas situações “nos mostram que, desde muito cedo, as crianças negras e mestiças, principalmente as meninas, aprendem a construir na família uma imagem distorcida de si mesmas.” (GOMES, 2007, p.2609). Ainda sobre a temática, o mesmo autor ainda escreve:

[...] os ciclos da infância e da adolescência são momentos significativos. E é durante esse período que a relação negro/cabelo se intensifica. O desejo manifesto pela criança negra de alterar o “estilo” do seu cabelo é algo complexo. Ele diz respeito à construção dessa criança conquanto sujeito em relação à própria imagem e também é resultado de relações sociais assimétricas, baseadas na imposição de modelos de homem, de mulher, de adulto, de raça e de etnia. Mudar a forma e a estrutura do fio do cabelo através do alisamento pode parecer um detalhe sem muita importância, uma vez que essa prática já está incorporada na cultura ocidental, principalmente pelas mulheres negras e mestiças de cabelo crespo. (GOMES, 2007, p.3105)

Na prática social é possível ver a ideologia religiosa presente no discurso quando a jovem invoca Deus para manifestar um apoio divino à sua causa. O relato de fé diz acreditar na figura divina que ama a todos como são, e nesse caso, os corpos como são, incluindo os cabelos. Também há o cárcere ideológico de não poder fazer o que se quer, como ir à praia, dançar e suar, pois os cabelos sairiam do modelo hegemônico, algo abominável na perspectiva social na qual a jovem está inserida. Não se pode esquecer do julgamento poderoso que a juventude passa, principalmente entre amigos e no ambiente escolar ao sofrer *bullying*, por serem diferentes do que é esperado.

4.2.4 Transição não é moda

O quarto microtema, dentro do macro Transição Capilar, reflete sobre o movimento de transição dos cabelos não ser apenas uma moda passageira:

Olha, se tem uma coisa que me deixa muito feliz, muito mesmo, é ver que a cada dia que passa tem mais gente assumindo os seus cabelos crespos e cacheados em geral e isso é maravilhoso, porque eu e quem mais for, assim, que seja, que já passou pela transição capilar sabe que vai muito além de estética é uma mudança de vida, você passa a se aceitar, se amar, sua auto estima muda para melhor né? Você se sente

mais confiante, mais segura porque você se livra de uma coisa que te escraviza a muito tempo. Só que como transição capilar tem se tornado uma coisa bastante conhecida, não só entre as cacheadas e crespas assim, mas pra todo mundo. Muita gente vem confundindo moda com a aceitação, essa revolta que tá acontecendo contra chapinha e os alisantes em geral não é modinha. Gente, quem tem o cabelo liso assim, liso natural, talvez não entenda, mas nós cacheadas e crespas que já fomos escravas de um cabelo que não era nosso a gente sabe o quanto é sofrido. Há uns anos passar a chapa virou moda realmente *vamo* combinar. Você ligava a televisão só tinha propaganda de chapinha da Polishop. Mostrava a mulher com metade do cabelo natural, tipo cacheado e a outra metade com o cabelo alisado com chapinha, e eles queriam mostrar pra gente que o lado cacheado era o lado errado, tipo lado feio, mas se você analisasse aí sim você ia ficar bonita, aí sim você ia ficar certa. Eu lembro muito bem disso, porque quando passava essas propagandas, eu não sei se passa mais porque hoje em dia eu mal assisto televisão, mas eu era pequena, tinha o cabelo cacheado, volumoso, aí quando eu via aquilo na televisão eu ficava pensando: “Poxa, o meu cabelo não é bonito, eu não posso ser bonita de cabelo cacheado, não posso, já era, já era!”. E aquilo me deixava mal, sério. (...) A propaganda foi um dos poucos exemplos, vou nem citar novela e outros comerciais, filmes, sei lá, que mostravam que a mulher bonita era só a que tinha cabelo liso. Aí quando a gente foi perceber, eram poucas, pouquíssimas mesmo, as mulheres, meninas e até crianças que nunca tinham usado algum tipo de alisante no cabelo. Os anos foram se passando e essa situação foi se tornando tipo chata, cansativa, sofrida. Não adianta o pessoal falar: “Eu aliso o cabelo e sou feliz”. Não, não vou exagerar, a pessoa pode até ser feliz e tal, mas que é bom, não é. Não tem coisa pior do que ir no salão retocar química, relaxamento, progressiva. Aquele negócio arde a cabeça, arde o olho, sapeca tudo, eles ficam puxando o seu cabelo, sua cabeça dói e é demorado, não vou nem falar quando estraga o cabelo né? Quando dá corte químico²⁶, quebra, essas coisas. É esse sofrimento todo pra na hora que terminar você ainda olhar no espelho e sentir lá no fundo: “Eu não gosto do meu cabelo assim, tá cheio de ponta dupla, frizz, mas *tá* liso, *né?* É o que importa, acho que agora vou ser aceita na sociedade”. Pra você não sair do salão pensando no mês que vem, que a sua raiz vai começar a crescer e vai pra festa não pode nem dançar, que o cabelo começa ó. E quando seus amigos te chamam pra nadar no sábado à tarde e você não pode porque você tem que guardar o seu cabelo pro sábado à noite. Gente, isso não é vida, depois de tanto tempo, de tantos anos, escondendo o que a gente é, escondendo o nosso cabelo de verdade, a gente não *tá* passando por uma modinha, a gente *tá* caindo na real é diferente. Transição capilar é aceitação, é aquele momento que você diz: “Chega! Eu não quero mais esconder o que eu sou, eu não quero mais esconder o que Deus fez”. Eu sei que tem menina que realmente resolve passar pela transição porque é modinha, mas essa aí não consegue, pode reparar. Desiste quando vê um pedacinho da raiz aparecer, porque percebe que não é preciso tomar uma atitude só aqui fora tipo: “Ah, *tá* todo mundo assumindo o cabelo cacheado, acho que eu vou passar pela transição capilar também.” Acorda! a decisão é tomada aqui fora, mas aqui dentro também. É quando você resolve quebrar todas aquelas inseguranças, aqueles complexos, você resolve chutar pra longe todos aqueles comentários maldosos que você já ouviu, todo o preconceito, pra deixar crescer aqui fora o que já tava esmagado, te esmagando aqui dentro. Gente, é por isso que eu me preocupo quando alguém me fala que tudo isso é moda, parece que torna tudo tão insignificante. Moda passa, mas isso não pode passar. Precisamos que mais e mais pessoas se conscientizem, que se aceitem, se amem, e se for só moda e as crianças e essa nova geração que *tá* vindo, elas não podem passar por tudo isso que a gente passou. Tudo bem que tem se tornado frequente muitas meninas passando pela transição capilar, isso é verdade, e isso é muito bom, mas não digam que isso é modinha, porque isso não pode ser assim. Mais loucura ainda é falar que o meu

²⁶ O corte químico costuma acontecer quando utilizamos químicas incompatíveis nos cabelos, o que pode resultar em uma quebra muito agressiva, geralmente na divisa entre os fios virgens e os quimicamente tratados. Fonte: http://www.fiquediva.com.br/noticia/corte-quimico-o-que-e-e-como-recuperar-os-cabelos-com-tratamentos-apos-a-queda-por-excesso-de-quimica_a3158/1

cabelo é uma moda. Para pra pensar um pouquinho, não nem precisa parar pra pensar, só escuta o que eu vou falar agora. Meu cabelo é obra de Deus, isso aqui cresce de mim é a minha natureza, eu só resolvi aceitar *cês* conseguiram entender? Esse vídeo aqui não é pra ofender ninguém que faz chapinha, que alisa, lógico que não, eu tô rodeada por pessoas que passam chapa, que alisam o cabelo e fazer o que? É a vida, mas sei lá eu acredito que ainda vai chegar o dia que todo mundo vai ser aceitar, que todo mundo vai cair na real, que todo mundo vai parar de esconder o que realmente é e eu sonho muito com esse dia, porque só quem já passou por transição capilar sabe, sabe o que é que a gente sente. É assim, é mudança de vida, gente, eu falo assim de todo o coração. (Mary)

Na análise do longo texto aparecem duas palavras colocadas como opostas: “modinha” e “aceitação”. Durante todo o discurso, a Youtuber afirma que a transição capilar, colocada como sinônimo de “aceitação” é o oposto do diminutivo “modinha”, em sentido ideológico. Trata-se de uma manifestação em defesa do cabelo natural e da angústia de ver o movimento de transição capilar como algo passageiro, modal.

Como esclarece Giampá:

Ao contrário do que muitas revistas promovem, o movimento do cabelo cacheado não tem nada a ver com moda ou tendência. Ela faz parte do resgate da autoestima através da valorização do cabelo natural por milhões de pessoas, que, sim, nasceram naturalmente cacheadas e crespas, mas que foram influenciadas durante anos pela mídia e pela sociedade em geral a renegar a própria natureza e identidade. (2016, p.33)

Também se vê o uso da palavra escravidão e libertação, como já pontuado no excerto anterior, configurando como intertextualidade entre os discursos das Youtubers. Também se manifesta quando comenta o seguinte: “E quando seus amigos te chamam pra nadar no sábado à tarde e você não pode porque você tem que guardar o seu cabelo pro sábado à noite”, pontos já comentados pela Youtuber anterior. Cabe aqui ressaltar que essa influenciadora digital se inspira muito nesse discurso pretérito, notando-se sempre a intertextualidade em seu discurso.

Na prática discursiva nota-se a intertextualidade constitutiva quando ela aborda o seguinte: “mais gente assumindo os seus cabelos crespos e cacheados”, para reconhecer o movimento de transição capilar como legítimo justificado pelo número crescente de adeptas.

Na prática social é apreciável o momento no qual é dito o seguinte: “Muita gente vem confundindo moda com a aceitação”, e há aqui uma preocupação de que o movimento seja rebaixado a modismo, no sentido de desvalorizá-lo, como algo passageiro e sem importância política. Continua o discurso: “Gente, é por isso que eu me preocupo quando alguém me fala que tudo isso é moda, parece que torna tudo tão insignificante. Moda passa, mas isso não pode passar”. E completa: “Gente, isso não é vida, depois de tanto tempo, de tantos anos, escondendo o que a gente é, escondendo o nosso cabelo de verdade, a gente não tá passando

por uma modinha”. Por isso, a Youtuber argumenta a favor da transição capilar justificando socialmente os movimentos que a fizeram acreditar que seu cabelo era feio e errado e como agora é possível pensar e agir diferente do que os meios televisivos propagam. Mesmo a Youtuber em questão não se declarando negra, cabe aqui a reflexão de Costa “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e a dor de recusar e anular a presença do corpo negro” (1986, p.104). Continuando Carneiro afirma:

A branquitude como sistema de poder fundado no contrato racial, da qual todos os brancos são beneficiários, embora nem todos sejam signatários, pode ser descrita no Brasil por formulações complexas ou pelas evidências empíricas, como no fato de que há absoluta prevalência da brancura em todas as instâncias de poder da sociedade: nos meios de comunicação [...]. (CARNEIRO, 2011, p.91)

O movimento da transição capilar não é entendido por todos, pois trata-se de um discurso de minorias, não necessariamente a menor quantidade, mas como pontua a Youtuber: “quem tem o cabelo liso assim, liso natural, talvez não entenda, mas nós cacheadas e crespas que já fomos escravas de um cabelo que não era nosso a gente sabe o quanto é sofrido”.

Em outro trecho a jovem revela que não assiste mais TV e por isso, não sabe dizer se ainda há propagandas como as que marcaram sua memória. Esse excerto evidencia uma geração que não assiste mais os meios de comunicação massivos, e preferem estar conectados na Internet, na era da tecnologia.

E ainda comenta: “Não adianta o pessoal falar: ‘Eu aliso o cabelo e sou feliz’. Não, não vou exagerar, a pessoa pode até ser feliz e tal, mas que é bom, não é.”. Nesse caso, a influenciadora digital aborda os processos vividos por ela e por sua geração dentro da cultura hegemônica do cabelo liso. Mesmo diante das dores e sofrimentos para deixá-los esteticamente aceitáveis, há ônus e bônus nessa relação, o que revela seu comentário e prossegue: “Não tem coisa pior do que ir ao salão retocar química, relaxamento, progressiva. Aquele negócio arde a cabeça, arde o olho, sapeca tudo, eles ficam puxando o seu cabelo”. As consequências físicas da química colocadas no cabelo é um exemplo do ônus a ser pago para se encaixar no modelo de beleza branco. Mas tudo parece valer a pena para ser aceita. Completa: “É o que importa, acho que agora vou ser aceita na sociedade”.

O discurso ideológico religioso novamente se apresenta: “a gente tá caindo na real é diferente. Transição capilar é aceitação, é aquele momento que você diz: ‘Chega! Eu não quero mais esconder o que eu sou, eu não quero mais esconder o que Deus fez’.” E reforça: “Meu cabelo

é obra de Deus, isso aqui cresce de mim, é a minha natureza, eu só resolvi aceitar, *cês* conseguiram entender?”

Em contrapartida em outro momento, a Youtuber entra em *contras senso*:

Parece tão clichê falar isso, mas eu acho que é sempre bom a gente lembrar, porque às vezes tem alguém assistindo esse vídeo que tava com essa ideia na cabeça de tipo: “Não, mas as pessoas têm que passar pela transição capilar sim, tem que fazer transição, tem que se aceitar”. Mas transição não *tá* totalmente ligada à autoaceitação, tanto que tem gente que começa a transição e começa a não se sentir bem, sabe? Só que a gente também tem que entender que a transição é um momento difícil. É! É difícil você não se sentir bem ali por causa das texturas, mas se você realmente quer se livrar do alisamento que era uma coisa ruim pra você, você vai aguentar firme até o final. Mas tem gente que não tem problema com alisamento, tem gente que alisa do tipo: “Ah eu gosto, me sinto bem” e tudo bem, quantas e quantas pessoas eu conheço assim, eu tenho tantas amigas que alisam o cabelo, por uma questão de escolha, realmente porque ela quer, porque ela gosta, isso é muito normal. Às vezes a pessoa *tá* com a autoestima lá em cima, sabe? *Tá* com o cabelo alisado, *tá* com a autoestima lá em cima, *tá* se sentindo bem, está se sentindo confortável e é isso que importa. (Mary)

Em termos de palavras, a influenciadora usa o termo “auto aceitação” para significar o processo de acolhimento de si mesma, de resignar-se e tolerar a si e a seu corpo, especialmente os cabelos. A expressão “aguentar firme” também aparece como léxico importante, visto ter um valor simbólico forte, pois os escravos também passavam pelo processo de ir além dos limites físicos e psicológicos, de um aguentar firme que foi além do que o corpo poderia suportar.

Na prática discursiva, há uma interdiscursividade presente no discurso quando fala que ninguém é obrigado a nada e que as mulheres têm direitos de escolha (alisamento ou cabelo natural) ao discurso abolicionista de direito à liberdade e também do feminismo.

Na prática social, a Youtuber fala de uma geração de mulheres empoderadas, que podem escolher seus caminhos independente da hegemonia da beleza vigente. Que é possível escolher entre ter cabelos lisos ou naturais por escolha própria e não porque é imposto pela sociedade. Porém é imperioso lembrar que:

[...] a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração. (CARNEIRO, 2011, p.128)

A desigualdade entre mulheres negras e brancas é um dos fatores mais evidentes no discurso das Youtubers. As diferenças entre elas são gritantes e a mulher negra, mais uma vez, sofre as consequências dessa diferenciação.

4.2.5 Transição e Aceitação

Outro microtema que aparece é denominado Transição e Aceitação:

Mas a outra coisa que eu queria falar é que durante esses 03 anos eu fui percebendo que cada vez mais se torna menos cabelo e mais eu, não é só o cabelo que começou a crescer aqui natural e tal. Cada vez mais a gente vai se encontrando, a gente vai se olhando no espelho e vendo quem a gente realmente é. (Mary)

Nesse excerto não há evidências nas categorias do texto e da prática discursiva.

Na prática social há referência ao cabelo como forma de desenvolvimento pessoal, identitário e amadurecimento emocional. A Youtuber propõe que o cabelo é um dos passos que a fez crescer como pessoa, que a partir da transição capilar ela pode enxergar possibilidades e situações sobre si mesma.

E prossegue:

Então assim, o que é que mudou na minha vida? Começo lembrando de antes da minha transição, de mais ou menos da época que eu tava decidindo começar a transição. O que eu consigo mais reparar é que eu amadureci muito gente. Acho que lógico que pela idade, porque em 03 anos muda muita coisa na sua vida, você amadurece normalmente né? Eu sinto que pela transição, pelo cabelo, eu amadureci muito e *tô* amadurecendo muito ainda. Então é aquela coisa que eu falo enquanto meu cabelo tá crescendo muita coisa cresceu aqui dentro de mim sabe? E continua crescendo. Aqui vocês tão vendo ele tá assim, é o meu cabelo, mas se você chegar perto e vê direito ele cresceu mais do que aparentemente parece. E é assim com a gente, quando a gente assumi o nosso cabelo, as pessoas olham pra gente e vê que a gente cresceu, mas se você começa a conversar, se você começa a entender aquela pessoa por dentro, entrar mais a fundo, chegar mais perto, você vê que vai muito além daquilo que você tava só vendo. (Mary)

Em termos de vocabulário é significativo o uso da palavra “amadurecimento” e conjugações do verbo “amadurecer”, que quando associado a pessoas é comumente empregado em seu sentido figurado: dar a ou adquirir experiência; tornar(-se) consciente, maduro. O léxico é usado em associação ao processo de transição capilar levando a crer que a transformação capilar também age na personalidade da jovem, fazendo-a mais consciente e conseqüentemente madura. O que leva a prática social, pois a Youtuber continua a comparar o crescimento capilar com o crescimento pessoal, propondo uma reflexão sobre transição capilar e amadurecimento emocional.

Na prática discursiva é possível perceber um discurso de empoderamento feminino na interdiscursividade, pois o relato fala de uma mulher tomando para si os processos de descoberta de sua beleza e de suas raízes.

4.2.6 Motivações

O próximo microtema revela as motivações para passar pelo processo de transição capilar:

Então vamos lá, eu tenho percebido que depois que eu passei pela minha transição capilar, que eu aceitei meu cabelo, que eu conto toda a minha história aqui, as pessoas elas começam até ficar com medo de me falar que alisam o cabelo, gente e até estranho, juro que eu já passei por situação da pessoa falar assim: “É eu aliso o meu cabelo”. Tipo, fica meio sem jeito de me falar isso, sabe? Mas é uma coisa que não faz muito sentido pra mim, que eu acredito que a autoaceitação ela não *tá* ligada ao seu cabelo, ela não *tá* ligado só a isso entendeu? É uma coisa assim, que eu sempre falo e vou ter que falar de novo aqui, o problema não é que você passe a chapinha, mas porquê você passa chapinha. Você passa a chapinha por que você gosta, por que você se sente bem, por que você gosta do seu cabelo alisado ou é pra agradar a sociedade? Pra agradar as pessoas? Pra querer se enquadrar no padrão? Porque no meu caso gente, a minha história de autoaceitação, a minha auto-estima mudou por causa do meu cabelo *cês* sabem. Eu tinha muita dificuldade de me aceitar por causa do meu cabelo, eu alisava não porque eu queria, mas porque eu queria ser aceita, porque eu achava que as pessoas iriam me achar mais bonita dessa forma. Não era uma vontade minha era uma coisa que me fazia triste, que me deixava pra baixo, eu não me sentia confortável, sabe? Só que eu sei que existem pessoas que alisam o cabelo e se sentem bem, sabe? Se sentem confortáveis com isso. Eu acho que aí é que *tá* gente. O problema não é se alisa ou se você não alisa, mas se você *tá* confortável com seu cabelo, sabe? (Mary)

Em termos de vocabulário revela-se o uso do léxico “confortável”. A palavra é usada em seu significado potencial, pois o cabelo e a maneira como é moldado deve proporcionar conforto físico, bem-estar, livre de tensão, estresse, tranquilo. Como se sabe, o cabelo crespo/cacheado é motivo de preocupação entre o público feminino por ser divergente do proposto como belo pela sociedade. Por isso, quando a Youtuber comenta que o cabelo deve ser motivo de conforto, ela está lutando contra esse processo hegemônico, dizendo que é possível ter bem-estar, sentir-se tranquila e bela com os cabelos naturais ou alisados.

Na prática social, nesse depoimento a influenciadora digital fala sobre o receio de que certas jovens que alisam o cabelo têm de expressar esse desejo perante ela, uma idealizadora dos cabelos naturais. As Youtubers carregam o valor da militância, nesse caso capilar, o que acaba por angariar medo naquelas que divergem ideologicamente dela. No exemplo aqui citado, algumas jovens possuem receio de alisar o cabelo e partilhar o sentimento com a influenciadora digital com medo de serem julgadas ou repreendidas pela mesma.

Também é possível perceber na prática social, a influência social em cima da mulher, pois a influenciadora questiona o seu público, da seguinte maneira: “você passa a chapinha por que

você gosta, por que você se sente bem, por que você gosta do seu cabelo alisado ou é pra agradar a sociedade? ”. Mais uma vez se está abordando a pressão hegemônica em torno da beleza e do cabelo da mulher. Ela, igualmente, confirma com sua própria experiência de ser vítima do poder legitimador, a saber: “Eu tinha muita dificuldade de me aceitar por causa do meu cabelo, eu alisava não porque eu queria, mas porque eu queria ser aceita, porque eu achava que as pessoas iriam me achar mais bonita dessa forma”.

Em outro longo trecho do discurso da Youtuber, há incentivo para aquelas que ainda estão na dúvida sobre passar ou não pela transição capilar:

Sério, eu escuto muito isso, tipo muita menina que: “Ah! Transição capilar não é *pra* mim, eu tenho muita vontade, mas acho que não é pra mim”. Como assim o seu cabelo não é *pra* você? Ele nasce assim da sua cabeça. Então, se você não aguenta mais alisar o seu cabelo, se você tem vontade de passar pela transição, por que você ainda não tem coragem de fazer isso? Essa coisa de ter medo do que os outros vão pensar, vou falar muito assim pelo que eu passei, sabe? Muita gente acha só por causa do blog, do canal, acha que eu não passei por isso, que eu não ouvi comentários maldosos, que eu não vi gente falando mal de mim, muito pelo contrário, eu passei por isso sim. Mas vou explicar uma coisa aqui pra vocês, vou dar um conselho de amiga. Eu tinha um foco tão grande na minha transição, a minha visão era assim, me enxergava lá frente com meu cabelo todo natural e lindo, mesmo estando na transição com aquele cabelo louco, com duas texturas. Parece que essa minha visão tava tão fixa, naquilo que eu queria, que eu não ligava pra o que tava acontecendo de lado, dos comentários maldosos, das pessoas falando que eu não ia conseguir, que não ia dar certo comigo, que o cabelo cacheado não era pra mim. Mas eu tava tão focada naquilo que simplesmente ignorava tudo que tentava me atrapalhar sabe? E é assim que vocês têm que ser. Tenham um foco na transição de vocês. Isso é você ter coragem de olhar pra frente e de olhar pra dentro de você. É a sua vida. Eu até falei disso em outro vídeo. A gente perde tanto tempo vivendo em função dos outros, pensando nos outros, que a gente esquece que é a nossa vida. Eu digo com todas as minhas forças, de todo o meu coração, que passar pela transição capilar foi a melhor que eu coisa que fiz na minha vida. Não tenham medo, tenham coragem. A gente tem coragem pra fazer tanta coisa. A gente tem coragem de ir no salão, pagar caro pra uma pessoa fazer química no nosso cabelo e não tem coragem de assumir o nosso cabelo como ele realmente é. Não tem coragem de ficar um tempinho com aquelas duas texturas, não tem coragem pra ignorar essas coisas bestas que a gente ouve, sendo que o resultado é maravilhoso. É uma liberdade que você adquire que ninguém te tira mais. Então seja confiante acredite em você, que você pode ser melhor, que você é linda. Porque os outros ficarem falando são coisas bestas, sabe? Ignora. Porque eu não vou mascarar aqui que não vai ter comentário maldoso, porque vai gente. Eu ouvi muito, vocês vão ouvir. Eu ainda escuto até hoje. Então assim é uma coisa que a gente nunca vai conseguir se livrar totalmente. Mas quando a gente tem coragem, a gente pega e corta nosso cabelo, quando a gente se olha no espelho mesmo com o cabelo curtinho a gente não liga pros outros, a gente se sente linda, a gente se sente poderosa. E outra você não nasceu pra viver num padrão de cabelo comprido, de cabelo liso, porque eu sei que muitas meninas tem medo do cabelo curto, tem medo do big chop. Acho que esse é principal, talvez nem seja a textura cacheada, acho que a maioria tem medo do corte sabe? Do cabelo curtinho. Gente, cabelo cresce. A gente cultivava tanta coisa que não presta, se importando com tanta coisa que se renova o tempo inteiro, tipo cabelo, unha, e esquece de cultivar coisas que são muito mais importantes, sentimentos como coragem, auto confiança, autoestima. A gente esquece de cultivar amor pelos outros, pelas pessoas. Gente, não tem nada melhor do que aquela sensação de cabelo natural, sabe? Mesmo curtinho. Gente, quando eu fiz o meu big chop vocês não tem

noção. No início é difícil acostumar, mas a sensação de liberdade é uma coisa que te preenche, que te move, sabe? (Mary)

Em termos de texto, duas palavras chamam atenção no depoimento acima: “coragem” e “louco”, essa última referindo-se a cabelo. A primeira é a palavra chave do excerto, pois coragem significa firmeza de espírito para enfrentar situação emocional ou moralmente difícil, bravura, intrepidez. A Youtuber fala que é preciso uma dosagem de coragem para assumir algo natural, como ela mesma sugere que nasce no corpo, inerente à mulher. É preciso bravura para ser o que se é em uma sociedade racista e preconceituosa.

A segunda palavra, “louco” refere-se a um momento da transição capilar, no qual o cabelo adquire duas texturas, ficando uma parte alisada e outra parte já natural. Essa expressão de cabelo “louco” também diz muito, pois trata-se de um cabelo igualmente estigmatizado. Nas entrelinhas desse texto fala-se de cabelos aceitos e repugnados. Mesmo estando no modelo contra hegemônico, a favor dos cabelos naturais, o cabelo que aparenta duas formas está desligado da cultura aceita, ainda que transitoriamente.

Em se tratando de prática discursiva, a influenciadora traz dois momentos de intertextualidade. No primeiro, ela fala da importância da opinião alheia, do medo de ser repreendida por usar o cabelo naturalmente crespo ou cacheado, de ser motivo de chacota ou ser depreciada, incentivando outras jovens a tomarem a decisão na transição com coragem e determinação. Em um segundo momento, ela expõe outras marcas textuais, vindo de seu blog e do próprio canal do Youtube, para mostrar que apesar da exposição e do que normalmente se comenta sobre pessoas “famosas”, a sua vida no processo de transição capilar também foi desafiador, pois teve de tratar com más opiniões e comentários a respeito de seu cabelo e de sua decisão. As Youtubers têm muitos seguidores e um público fiel que as acompanha em todas as redes sociais digitais, mas é preciso esclarecer que há também os *haters* (odiadores) que xingam, fazem comentários preconceituosos e praticam uma violência discursiva.

Em termos de prática social, a Youtuber trabalha em um processo de naturalização do cabelo natural, do ser nascido de sua própria cabeça, de amar o corpo como ele se apresenta. Esse é um movimento das últimas gerações, de aceitação e empoderamento feminino, de amar a si mesma, antes de amar as regras sociais e as opiniões alheias. Enfim, um processo de contra hegemonia. Outro movimento, já citado anteriormente, ressalta as dificuldades em cortar os cabelos curtos, visto que existe no imaginário sexista, a sedução dos cabelos longos, as

mulheres se sentem sensuais e femininas. Dessa maneira, usar o cabelo curto, parecido com os cortes masculinos é um grande desafio para a mulher que deseja passar pela transição.

Ainda na perspectiva social, há outro momento importante, visto que essa Youtuber não se declara negra, quando fala “não tem nada melhor do que aquela sensação de cabelo natural, sabe? Mesmo curtinho. [...] No início é difícil acostumar, mas a sensação de liberdade é uma coisa que te preenche”. A liberdade aqui citada é usada no contexto do empoderamento feminino, de libertar-se das amarras sociais, mas ao tratar-se do cabelo crespo, e por este estar associado à negritude, fala-se também na liberdade buscada pelos negros.

A próxima fala aborda as reais motivações de passar pela transição:

Gente, eu gosto muito de falar sobre cabelo, gosto porque eu acho que ainda falta essa representatividade aqui, principalmente das meninas tipo 4, tem muita blogueira aí de cachos e a gente tá tipo assim jogada pro lado, né? Pelas empresas, pela mídia, mas eu acho que a primeira coisa que você tem que pensar: você tá sendo influenciada pra entrar em transição? Você tá entrando em transição por uma onda ou você quer realmente se descobrir? Se aceitar, se entender, conhecer o seu cabelo, conhecer quem você é, conhecer suas origens. Olha, a transição me abriu muito a mente sobre essas coisas assim. Eu li muita coisa por causa da monografia também e eu te incentivo a isso: a buscar se conhecer. Não passe pela transição só porque as outras pessoas estão passando pela transição. Não, passe pela transição porque você, e eu tenho certeza no final você não vai se arrepender, porque você vai descobrir quem é você, simplesmente, um você que você tinha renegado durante a vida toda. (Nina)

Na análise textual surpreende o uso da palavra “renegado”, pois ele está associado a dois momentos: o renegado cabelo e a pessoa renegada. Sabendo que o cabelo faz parte da personalidade e da identidade cultural do ser humano, aqui a influenciadora digital explicita tal consciência na perspectiva do significado potencial do léxico. Renegado constitui aquele que renega sua própria religião em nome de outra crença religiosa; apóstata. Ou aquele que renega suas antigas opiniões ou convicções; ou mesmo diz-se de indivíduo mau, odiado, rejeitado. Quando fala de um ser ou de um cabelo renegado, a Youtuber reflete sobre si mesma e a tantas outras mulheres rejeitadas por suas escolhas capilares, ou cores de pele. Porém, deve-se atentar para o fato do léxico também exprimir uma negação a convicções anteriores, mas nesse caso, as jovens mulheres que passam pela transição capilar não detinham de uma convicção naturalizada a respeito do cabelo crespo/cacheado. Esses sujeitos foram aculturados na perspectiva das ideias, crenças e valores hegemônicos relacionados com o cabelo liso e não o contrário. Então, na verdade, o léxico aqui utilizado refere-se apenas a uma parte de seu complexo significado potencial. Pois quando as Youtubers falam de uma volta ao cabelo natural, falam na perspectiva temporal, visto que ninguém nasce com cabelos

quimicamente tratados e sim naturais. A volta não quer dizer ideologicamente, pois elas não desejam voltar para a época quando não tinham consciência racial.

Na prática discursiva é latente perceber a intertextualidade entre as diferentes Youtubers. O discurso de uma permeia o discurso da outra e há várias pontes entre os textos. Isso ocorre porque essas jovens influenciadoras são parceiras dentro do contexto digital, indicando umas às outras em seus canais, fazendo entrevistas entre si e dividindo contratos comerciais com marcas de cosméticos.

Na prática social, a Youtuber fala sobre a diferença existente entre o cabelo crespo e cacheado, fala da falta de representatividade no Youtube de jovens de cabelo crespo, sendo a maioria das influenciadoras capilares de cabelo cacheado, mais aceitos socialmente do que os primeiros. Novamente, se aborda a cultura hegemônica e a falta de representatividade do negro na mídia, assim como se questiona-se os reais motivos para se passar pela transição capilar, como também já foi feito por outras influenciadoras digitais.

4.2.7 Valorização de si mesma

Outra influenciadora digital prossegue ao falar sobre a valorização de si mesma:

Nós crescemos ouvindo que cabelo liso é legal, cabelo tem que ser cumprido, liso, macio, brilhante e etc. Cabelo macio e brilhante todo mundo quer, é muito legal, mas existem texturas diferentes pro cabelo e existem proporções diferentes para quem tem o cabelo macio, brilhante ou não. Mas enfim, (...) eu queria te encorajar, sabe? A continuar, especialmente você que *tá* em transição, ou você que por mais que agora você se sinta super confortável com seu cabelo, trouxe outras inseguranças, talvez seu corpo, seu rosto. Gente, vocês sabem que eu não sou contra mudanças, eu acho que a gente tem que aprender a conviver com a gente, eu amo meu cabelo hoje e acho que todo mundo deveria dar uma chance pro seu cabelo natural, se quisesse, se sentisse que isso seria o melhor pra você. E eu sou suspeita, muito suspeita pra falar sobre isso, mas isso deve acontecer de dentro para fora. Eu já disse isso diversas vezes, eu acho que depois que a gente aprende a se valorizar, com nossos defeitos e nossas qualidades com os nossos prós e contras a gente muda completamente de postura. Eu espero de todo o meu coração, que vocês enxergam em mim, não uma cacheada bonita, eu sei que na posição que eu *tô* é muito gratificante, muito gostoso receber elogios de vocês, vocês sempre estão me colocando pra cima. E isso é óbvio, que eu mudei completamente, eu mudei muito depois que eu conheci vocês, literalmente, porque eu tenho me esforçado pra ser alguém melhor em muitos sentidos e eu quero falar pra você uma coisa, acho que é a coisa mais importante desse vídeo, condiciona sua mente e se olha no espelho. Se olha no espelho com os olhos de quem você realmente é essencialmente, não do que o meio te torna, de que você deve acreditar, de que você precisa ser assim ou agir assim e etc. ah eu acho que a gente deve, hoje eu vi uma pregação da Joyce Mayer²⁷

²⁷ Joyce Mayer “é uma professora bíblica e autora cristã, muito profícua para tratar no campo da cura da alma, dos traumas de infância, e também sobre as idiossincrasias humanas. Seu ministério tem sede em St. Louis, subúrbio de Fenton, Missouri. Meyer e seu marido Dave têm quatro filhos adultos, e vivem fora de St. Louis, Missouri. Escreveu *O Campo de Batalha da Mente*, um livro que ensina que as maiores batalhas são travadas na mente humana, e ensina que se o homem trabalhar sua fé e seu espírito humano, para essa guerra interior, ele

falando a gente precisa viver maravilhado e hoje eu tive um momento a tarde de estar maravilhada e ficar maravilhada pensando de onde eu vi, onde eu estou. E eu espero que daqui a mais algum tempo eu fale novamente: “lembram daquele vídeo no dia 22 de janeiro de 2015? lembram daquele dia? Então, agora eu estou ensinando isso pros meus filhos”. Quem sabe? Eu quero dizer especialmente obrigada, que vocês contribuíram para que eu me transformar-se e dizer que eu sou muito honrada por fazer parte da sua vida, ler o seu comentário dizendo muito obrigado, porque você me transformou. Você me ajudou a me encontrar, você me ajudou a me transformar de dentro pra fora, não foi só o meu cabelo, mas foi me olhar com outros olhos e não esperar ser outra pessoa, mas me encontrar em mim. Ame seu cabelo, ame sua voz, seu rosto, seu corpo e cuide das coisas que você não ama tanto assim, você pode mudar, mas com calma. Seu sorriso pode ser alinhado com aparelho, você pode fazer alguma coisa, se você quiser, emagrecer, se você quiser, e seu cabelo é lindo. Eu sou alguém que tinha crises de choro por não se aceitar, por se achar feia, por ser magra demais, que eu era, eu era mesmo eu tinha pernas fininhas e hoje eu sou alguém que fala pra mais de 220 mil pessoas no Youtube e mais milhares de pessoas em outras áreas, em outras redes sobre beleza. Se eu fui transformada você também pode. (Juju)

Em termos de texto chama atenção a expressão “é óbvio” para relatar o que não se pode pôr em dúvida, o que é evidente e incontestável: a transformação física e moral passada pela influenciadora digital desde sua entrada no Youtube. Nesse momento, o léxico foi usado em seu sentido potencial.

Na prática discursiva, a Youtubertraz a intertextualidade com outros depoimentos feitos por ela mesma quando diz o seguinte: “Eu já disse isso diversas vezes”, mencionando outros vídeos em seu canal que falam sobre transição capilar e mudanças.

Na prática social, mais uma vez é possível identificar a responsabilidade social das jovens Youtubers, quando questionam o modelo social aceito, a saber: “cabelo tem que ser comprido, liso, macio, brilhante”. Existe, também, uma necessidade de incentivar outras jovens meninas, encorajando-as no processo de aceitação e da naturalização dos cabelos.

Por serem figuras públicas, há também a intenção de não magoar aqueles que porventura divergem da opinião das influenciadoras, como se pode ler no seguinte trecho: “Gente, vocês sabem que eu não sou contra mudanças, [...] eu amo meu cabelo hoje e acho que todo mundo deveria dar uma chance pro seu cabelo natural, se quisesse, se sentisse que isso seria o melhor pra você. ”

Há também a revelação das dificuldades da vida pública e cheia de fãs quando comenta outro trecho: “Eu espero de todo o meu coração, que vocês enxergam em mim, não uma cacheada bonita, eu sei que na posição que eu tô é muito gratificante, muito gostoso receber elogios de

vocês”. Mas elas, as influenciadoras, querem ter uma atribuição mais política e não meramente estética e da moda. Existe um engajamento ideológico e elas pedem para serem reconhecidas por tal.

No depoimento acima, se percebe o argumento religioso e ideológico para justificar o tema do vídeo. A Youtuber fala de uma pregação de Joyce Mayer, pregadora cristã, que a despertou para viver em estado de felicidade mesmo diante dos desafios que enfrenta, sejam eles estéticos ou não, como no seguinte exemplo: “Seu sorriso pode ser alinhado com aparelho, você pode fazer alguma coisa, se você quiser, emagrecer, se você quiser, e seu cabelo é lindo.”

Também revela suas dificuldades em aceitar seu corpo e seu cabelo e fala da transformação disponível para todos, além de comentar a importância do seu lugar de fala e de sua voz nas redes sociais digitais, afirmando: “eu sou alguém que fala pra mais de 220 mil pessoas no Youtube e mais milhares de pessoas em outras áreas, em outras redes sobre beleza. Se eu fui transformada você também pode”.

4.2.8 Como incentivar uma amiga

No depoimento seguinte, uma influenciadora diz como incentivar uma amiga a parar de alisar o cabelo:

Se você que incentivar uma amiga sua a parar de alisar o cabelo, não fala pra ela que ela é feia de cabelo alisado, isso só vai piorar ainda mais, isso só vai deixar ela mais insegura e é no momento em que ela tiver muito segura sentindo realmente bem, talvez que ela vai se sentir motivada a mudar. Então, o primeiro passo para ajudar a sua amiga é começar a elogiar ela de maneira despretensiosa e o segundo passo é tentar aproximar sua amiga de narrativas próxima a dela, de casos parecidos com o dela. (Teca)

Em termos de vocabulário desperta o uso do verbo “incentivar”, utilizado em seu significado potencial: dar incentivo a; despertar o ânimo, o interesse, o brio de; encorajar, estimular, incitar; empenhar-se para que (algo) seja criado, realizado ou intensificado; impulsionar, promover. Ou seja, lugar de fala dos Youtubers que promovem e divulgam crenças e ideologias.

Dentro da prática discursiva, percebe-se a intertextualidade entre as influenciadoras de cabelo crespo/cacheado quando falam em seus vídeos para incentivarem amigas a usarem os cabelos naturais e de como agir com a baixa estima de quem as rodeia.

Nesse trecho é importante pontuar, dentro da prática social, que mesmo respeitando a escolha de quem opta pelo alisamento, as Youtubers pregam e defendem o cabelo natural, por isso dão dicas de como “incentivar” amigas e conhecidas a passar pelo procedimento. É o papel dos influenciadores digitais.

4.2.9 Apoio digital

Outro microtema aborda a importância do apoio digital para o movimento de naturalização dos cabelos:

Em um momento, que eu não lembro qual, eu decidi então entrar em um desses grupos, em vários na verdade. Porque eu nunca entrei em um só, eu sempre entrei em vários: Cacheadas em Transição, Transição Cacheada, Deixando a Química, vários desses grupos. Cheguei lá e comecei a entender mais desse universo, porque eu não entrei transição por causa do grupo. Eu entrei em transição e depois descobri os grupos. Comecei a pesquisar, pesquisar, pesquisar, pesquisar, pesquisar. Descobri que meu cabelo era tipo 04 logo de início, porque aqui em casa todo mundo é crespo, então não tinha assim. Eu já achava mesmo que era crespo, o tipo 04, e eu não tinha muita dificuldade com isso não, sinceramente (Nina)

Na prática discursiva, a influenciadora digital, assim como os demais fragmentos aqui analisados, enfocam a importância do digital em seus processos de transição capilar, se configurando desse modo como intertextualidade.

No excerto acima, em termos de prática social, a Youtuber fala da importância do apoio digital, de ter um grupo de apoio entre internautas para aprender e cuidar dos seus cabelos.

A Youtuber ainda revela que não teve problemas para identificar seu cabelo de tipo 04 (crespo), pois há uma negação por parte de muitas jovens negras com relação ao seu tipo de cabelo. De maneira eufemística, muitas consideram os cabelos crespos como cacheados, pois negam sua negritude e não se enxergam como negras. Por isso, a influenciadora comenta que para ela isso não foi um problema visto que todos em sua família possuíam os cabelos naturalmente crespos e ela sempre os enxergou assim.

Ainda a respeito dessa temática a Youtuber comenta:

Quando você entrou em transição e foi contar pra sua amiga me diz se essa cena aí não aconteceu: “Aí amiga, super apoio você entrar na transição, você vai ficar linda com aqueles cachos, eu posso até te indicar uns canais, tem o canal da Juju, tem o cana da Gio, olha você vai amar os cachos delas.” Aí foi você né, toda contente procurar os canais que ela tinha te falado, chegando lá o que aconteceu? Você olhou aqueles cabelos e começou a falar: “Gente, quando acabar a minha transição eu vou fazer todas essas receitas pro meu cabelo ficar assim”. Mas já no começo da transição você começou a perceber que seu cabelo não era tão assim parecido com o das meninas do canal e tal. Aí você ficou pensando: “Ah, não é o início, é aquele cabelo que eu esqueci o nome agora, que saí, aquele cabelo que saí depois das

químicas, sabe? Aquele cabelo que o pessoal fala que é o cabelo que tá prejudicado ainda. Aí você decidiu relaxar: “Não, daqui a pouco essas receitas vão fazer efeito no meu cabelo e eu vou virar uma cacheada”. Esperando então por esse milagre, você virou a louca dos cremes, passou no Youtube eu vou comprar. Depois de um bom tempo você começou a entender o seu cabelo e perceber que ele só precisava ser aceito do jeito que ele é. A textura dele, do jeito dele, o encolhimento dele, tudo dele. Mas aí você vai encontrar aquela sua amiga que te deu uma super força pra você voltar ao natural, “natural”: “Amiga, você sabe que eu super apoio essa sua onda de natural, mas você não acha que deveria dar uma soltada assim na raiz? Ou sei lá fazer alguma coisa pra ficar assim mais legal, pra não ficar tão armado, pra dar um jeitinho, sabe?”. Vai me dizer que você nunca houve isso? Gente, sério, acho que essa é a frase que a gente mais escuta na vida, mas enfim, o que eu quero te falar é que você precisa encontrar referências, referências que pareçam com você (...). (Nina)

Nesse trecho, a palavra “milagre” refere-se às receitas e procedimentos estéticos ensinados pelas Youtubers em seus canais para arrumar os cachos. Como a influenciadora em questão tem os cabelos naturalmente crespos, ela fala sobre a falta de representatividade desse tipo de textura dentro da plataforma. Alerta para a busca por um ideal de cabelos crespo que não pode ser atingido visto que crespo e cacheado são cabelos distintos. Infelizmente, muitas jovens se entusiasmam ao ver os cachos definidos das influenciadoras digitais e tentam através de receitas, produtos e técnicas atingir esse modelo, mas a frustração aparece quando o objetivo não é alcançado. Também discorre sobre o “apoio” recebido por amigas no momento da transição capilar, pois ao perceberem que o cabelo não está inserido no que seria “aceito”, mesmo dentro da textura natural, influenciam as amigas a voltarem aos alisantes, relaxamentos e técnicas para tirar o volume.

Na prática discursiva, a intertextualidade se faz presente quando a Youtuber traz depoimentos de suas seguidoras com respeito a frustração quanto ao cabelo natural. Muitas jovens ficam desapontadas ao verem que os cabelos naturais não são cacheados e sim crespos, pois aqui ainda há a hegemonia branca de beleza, o que se configura como prática social.

Ideologicamente, a mulher se espelha em padrões de beleza que quando não atingidos geram desapontamentos e novamente, baixa estima.

A próxima Youtuber faz o mesmo comentário:

Se inspire, mas não se compare. Hoje a gente tem uma quantidade enorme de informações, de pessoas para se inspirar, tipos de cabelo diferente. A gente conhece nomenclaturas de cabelo que vai do 1 ao 4, A, B, e C. (...) Só que muitas vezes quando você passa por transição você nem conhece, de fato, como é o seu cabelo, porque você nunca fez uma fitagem, uma finalização ou simplesmente passou um creme e nunca deu uma chance do seu cabelo ser natural, de como é o seu cabelo, de quando você só lava e passa um creme. (...) Cada cabelo é um e não necessariamente você vai ter o cabelo cacheado como meu, ou um cacho mais aberto ou um cabelo crespo. Enfim, a passar pela transição pode ser uma surpresa. (...) Depois dessa surpresa é importante que você esteja aberta para conhecer o seu cabelo. Acreditem,

existem muitas, muitas, muitas formas de cabelo cacheado e só com o tempo, testando você vai entender como cuidar do seu e qual é o seu tipo de cabelo cacheado, crespo. (Juju)

Ou seja, a comparação, a expectativa de sair de um padrão para entrar em outro é uma situação recorrente entre o público de seguidores das Youtubers, pois não sendo assim elas não fariam vídeos falando sobre o tema. Algumas seguidoras adeptas ao alisamento e inspiradas pelas influenciadoras, se sentem encorajadas a passar pela transição capilar na promessa de terem cabelos anelados, cacheados, iguais aos de algumas Youtubers. Dessa maneira, há também um padrão de cabelo natural veiculado pela mídia, que preferem as meninas de cabelos cacheados em detrimento aos crespos e de mulheres brancas em relação às negras, o que leva à procura de padrões pelas mulheres. Ao levar-se em consideração o contexto machista e de cultura hegemônica branca no Brasil, com um passado escravagista e uma sociedade racista e preconceituosa é possível entender os vídeos depoimentos veiculados no Youtube.

4.2.10 Dicas

O próximo microtema contém dicas das Youtubers para quem está passando pela transição capilar:

(...) encare com uma fase de transição, a palavra já fala, é uma fase, é um período transitório e você tem que colocar isso na cabeça todos os dias. “É só uma fase, não é definitivo, eu tô passando por isso agora para ter um resultado diferente depois.” A sexta dica é que você não é obrigada a fazer big chop. Você também não é obrigada a passar por transição, eu tô aqui te motivando, mas você não é obrigada a fazer big chop. Pra quem não sabe o que é, é cortar o cabelo curtinho. Você pode sim passar por transição pelo tempo que você quiser, se você tiver um cabelo enorme, se tiver com as pontas lisas e metade do cabelo enrolado, que seja, e não quiser se livrar dessas pontas você não é obrigada a isso. Passar pela transição é uma decisão que tem que vir de dentro pra fora. Os fatores externos, as pessoas, os vídeos eles vão te motivar, a fazer big chop mais ainda, porque eu sei como a gente é apegado a cabelo. Então, calma, calma vai cortando aos pouquinhos. E a sétima dica complementa a sexta dica, apesar de você não ser obrigada a fazer big chop, você não é mesmo, também não tenha medo de cortar as pontas um pouquinho. Vai cortando, sei lá, uma vez no mês, um dedinho, vai se desapegando daquele cabelo antigo, porque quanto mais você cortar, mais rápido você vai vê o resultado final do seu cabelo natural. (Juju)

Na análise do texto é importante destacar o uso da palavra “obrigada”, usada em seu significado potencial que é algo obrigatório, imposto por lei. Para a Youtuber, o processo de transição capilar não pode ser algo imposto por alguém ou por algum movimento e sim espontâneo e natural.

Na prática discursiva, a intertextualidade se faz novamente presente no discurso através de outras jovens influenciadoras, pois dentro da temática dos cabelos crespos e cacheados muitas dão suporte e dicas de como enfrentar a transição capilar.

Na prática social há o esforço de motivar o público a tornar-se aquilo que se é, com paciência. A Youtube tenta acalmar aquelas jovens que estão ansiosas para chegar ao objetivo final, os cabelos naturais, e propõe que mesmo sendo um processo contra hegemônico, não há regras para tal. O padrão de beleza proposto para a mulher ideal, também é igualmente feito para aquelas que decidem voltar aos cabelos crespos e cacheados, como passar pelo “big chop”, conforme pontuado pela influenciadora digital.

E prossegue:

A oitava dica pode até parecer uma coisa meio óbvia assim, mas você sabia que você pode voltar a alisar o cabelo? Pois é, você pode voltar a alisar o seu cabelo, às vezes a gente sente que: “Aí, eu vou passa pela transição, mas se eu não gostar do meu cabelo natural? E se eu não consegui me adaptar?” você pode voltar a alisar. Se você encarar como uma fase e perceber que se você alisar o cabelo você não vai tá dando um passo pra trás, mas pelo menos você deu uma chance pra o seu cabelo natural. Pronto, Plenitude, amor. A nona dica é que calma, scabhair²⁸ passa. Se você conseguiu sobreviver a todas essas etapas e já está com o cabelo totalmente natural mesmo curtinho ou mais longo, é muito provável que nas primeiras semanas, nos primeiros meses talvez, você tenha um cabelo novo chamado scabhair. É um cabelo mais difícil de cuidar, você não sabe muito bem pra onde ir. É um cabelo novo, diferente, mas calma, passa, vai testando. Quanto mais tempo você tiver com o cabelo natural, mais longe você vai ficar do scabhair. (Juju)

A palavra destacada nesse excerto é “scabhair”, um conceito técnico, para expressar um momento do cabelo durante a transição capilar.

Na prática discursiva é possível perceber o mesmo excerto anterior em relação à intertextualidade.

Em termos de prática social surge uma proposta inesperada, a da volta ao alisamento, de maneira consciente e não porque a mulher se sente pressionada a participar de um padrão de beleza. A respeito da temática, esclarece Gomes:

[...] nenhum padrão estético é fixo e puro. Por isso, quando a crítica ao alisamento se pauta sobre um discurso que, pela sua intenção ideológica, tende a considerar a existência de um padrão estético único e puro, ela é passível de muitos questionamentos. Se a estética é a relação do sujeito com o mundo sensível, a discussão sobre a expressão estética negra não pode incorporar uma visão de mundo

²⁸ “ScabHair (...) é o cabelo natural – novo, em crescimento – que se encontra danificado devido ao uso de relaxantes químicos os quais tenham acarretado danos ao couro cabeludo.” Fonte: <http://www.acordabonita.com/2015/06/o-que-e-e-como-tratar-ressecamento-localizado-e-scab-hair-o-guia/>

cristalizada. Caso seja essa a visão que orienta a crítica sobre o uso do alisamento, ela poderá acabar reforçando e reproduzindo a opressão racial contra a qual deseja lutar. Uma coisa é problematizar esse comportamento no contexto da sociedade racista em que vivemos e outra é descontextualizá-lo, não se abrindo ao diálogo para tentar compreendê-lo e interpretá-lo. E, o que é mais grave, produzir um discurso e um julgamento que atribuem aos sujeitos que alisam o cabelo o lugar do embranquecimento e da negação da raça. Se falar sobre a existência de padrões estéticos incorpora o trânsito entre diferentes culturas, quanto mais na sociedade brasileira, amplamente miscigenada racial e culturalmente. Vivemos em um contexto intercultural e, dessa forma, tendências, estilos e padrões aqui existentes expressam o encontro de diferentes grupos étnico/raciais. O fato de ser intercultural não impede, porém, que alguns símbolos, ritos, gestos, imagens e costumes sejam mais demarcados por uma presença étnica específica. Também não omite que tais fatores são construídos num contexto histórico e social marcado por desigualdades raciais e sociais que afetam a existência desses. (2007, p.3168)

Ainda sobre o mesmo tema, a Youtuber prossegue:

E por último: seja paciente. No período de transição, mesmo que depois que você cortar o cabelo, tenha paciência. Porque não é fácil lidar, principalmente com volume, durante a transição, depois da transição. É uma coisa muito nova e muito diferente para quem tinha cabelo alisadinho, todo encostadinho no rosto. Aquela coisa em volta: “Mas e o calor? Mas e se chover?”. A gente quase sempre têm medo de novidade, todos nós, e com o nosso cabelo que é tão importante pra gente não seria diferente. Eu sempre costumo dizer que quem passa pela transição, não passa só pela transição de cabelo, passa pela transição de dentro para fora, passa por uma transição de mente, que é a mais difícil, e mais quem consegue encarar o esse período de transição tá pronto para encarar qualquer coisa na vida. Só quem passa sabe do que tô falando. (Juju)

Na análise do texto, destaca-se a palavra “paciência”, usada em seu significado potencial que é uma virtude que consiste em suportar dissabores e infelicidades; resignação; capacidade de persistir em uma atividade difícil; perseverança. Ou seja, é preciso ser resignado com o cabelo natural e o período de transição capilar, pois se trata de um processo difícil e não natural, como defendem as Youtubers. Percebe-se que mesmo na tentativa de naturalização dos cachos, ainda há a ideologia dominante. Ainda existe no discurso das jovens, a hegemonia branca dos padrões de beleza. Como também há referência, já mencionada por outras influenciadoras, de que a transição se trata de um movimento capilar e pessoal.

Ainda na observação do texto, verifica-se o emprego de “lidar”. Para Gomes, a “expressão ‘lida’, numa perspectiva racial, incorpora a ideia de trabalho forçado e coisificação do escravo e da escrava. Lembra, também, as estratégias do regime escravista na tentativa de anular a cultura do povo negro” (2007, p.208). Assim, quando empregada na perspectiva capilar, a expressão mostra que a coisificação ainda existe e que está presente na simbologia do cabelo crespo/cacheado.

Na prática discursiva percebe-se a intertextualidade constitutiva quando a Youtuber profere o senso comum, a saber: “Mas e o calor? Mas e se chover?”, frases ditas por mulheres adeptas a

algum tipo de alisamento. Normalmente, existe uma preocupação com as intempéries, como a chuva ou o calor em excesso, pois as escovas e chapinhas e os diversos tipos de alisamento ficam comprometidos em contato com essas situações. Conseqüentemente, os cabelos perdem o efeito liso e adquirem “frizz” (pequenos fios que ficam no topo da cabeça, dando uma estética de “nuvem”) e texturas enroladas ou encrespadas.

Na prática social, é possível apreender mais uma vez a associação do movimento capilar com o crescimento pessoal das jovens, da libertação da cultura hegemônica capilar, estética e identitária, como é possível destacar nesse excerto, a seguir: “Eu sempre costumo dizer que quem passa pela transição, não passa só pela transição de cabelo, passa pela transição de dentro para fora”.

Ao relatar que apenas os seus iguais, jovens mulheres que passam pela transição capilar, podem compreender o seu discurso, a Youtuber fala para um grupo estigmatizado e específico. Ou seja, existe um compartilhamento e um cenário no qual somente pode ser interpretado por quem partilha dos contextos aos quais ela está inclusa: jovens, por vezes negra, mulheres, de cabelos crespos e cacheados e que já fizeram algum tipo de alisamento.

4.2.11 Consequências da Química

Sobre as consequências do relaxamento, uma das Youtubers comenta o seguinte:

Com o tempo, o relaxamento foi esticando e tipo, acabando com o meu cabelo, sabe? E detonou mesmo, detonou total o meu cabelo. E eu lembro que eu gostava de ir *no salão*, porque eu sabia que ia baixar o volume, mas eu odiava ir porque fazer relaxamento é muito sofrido gente, o produto é muito forte, então quando aplicava assim no cabelo ardia pra *caramba*, gente, ardia muito a raiz do meu cabelo, ardia o couro cabeludo, ficava dando ferida no meu cabelo. Eu lembro que tipo assim, eu lembro que se eu puxasse assim ó saia a mecha, sabe? Arrancava. Pra vocês terem noção de como o negócio é forte. (Mary)

Nesse excerto, a influenciadora digital comenta sobre o sofrimento do que é submeter-se ao processo de alisamento capilar.

Em termos de prática social, mostra-se o quanto a jovem passa por um processo de dicotomia no processo de busca pelo ideal de beleza. Apesar de gostar de praticar e sentir-se “bela” ao final do procedimento, ela demonstra o quanto precisa diminuir-se e negar suas raízes para chegar ao padrão de beleza estimado. Mesmo passando por processos químicos que modificam fisicamente a estrutura capilar e trazem consequências desagradáveis, ela insiste no procedimento, mostrando o quanto é forte a subjugação cultural. A cultura hegemônica é

uma grande fonte de poder e de sustentação das instituições vigentes, que alegam ordem e padronização.

Em outro momento, uma das Youtubers fala sobre o motivo de parar o alisamento e buscar a transição capilar:

Já faz dez anos atrás que eu parei de alisar o meu cabelo. E aí quando eu falo pras pessoas, as pessoas falam “Nossa Teca você teve consciência então, muito antes de todo mundo, né? Muito antes dessa desse movimento geral de mulheres indo parar de alisar o cabelo”. Não gente, eu parei de alisar o meu cabelo porque eu estava ficando careca, eu parei de alisar o meu cabelo porque eu não conseguia lidar com ele, eu parei de alisar o meu cabelo porque eu queria fazer a guanidina²⁹ na raiz duas vezes por mês. (Teca)

Em termos de texto, percebe-se o uso da palavra “consciência” em seu significado potencial, como já feito em outros fragmentos, para falar do processo de tomada de consciência de ancestralidade, raízes e negritude.

Na prática discursiva existe uma intertextualidade com o movimento na qual a Youtuber pertence, o de reconhecimento e valorização dos cabelos naturais, com o discurso de outras jovens que popularizam o movimento, mas com uma ressalva. Poucas influenciadoras digitais assumem as agressões químicas vivenciadas de maneira tão clara quanto esse depoimento, relatando a perda de fios, e a possibilidade iminente de ficar careca, lembrando que o cabelo é um dos grandes símbolos do feminino.

Em termos de prática social, é possível perceber o processo de desconstrução da realidade cultural. O real motivo para sua transição capilar não foi o processo de tomada de consciência, mas sim as consequências químicas provenientes do relaxamento/alisamento capilar. Se não parasse ficaria careca, e novamente percebe-se a importância da simbologia do cabelo para o ser feminino. A influenciadora também comenta que gostaria de alisar os cabelos com o produto químico mais de uma vez por mês, mas não era possível devido à forte química.

Em mais um momento, a Youtuber fala das consequências do alisamento:

E aí eu tentei mutilar meu corpo de todas as formas possíveis apertando nariz, alisando o cabelo, me machucando. Teve um dia que eu alisei e o alisamento machucou tanto que acordei assim com o cabelo todo grudado no couro cabeludo, porque saiu pus. Enfim, a gente realmente se machuca, e não só sentimentalmente,

²⁹ “O relaxamento capilar nada mais é do que um tipo de alisamento químico dos cabelos, indicado para cabelos cacheados ou crespos. Ele pode alisar os fios completamente ou apenas abrir mais os cachos, depende do objetivo da cliente. Normalmente ele é feito com um produto químico chamado tioglicolato de amônia, mas também pode ser feito com guanidina e hidróxido de sódio.” Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/beleza/tudo-sobre/18395-relaxamento-capilar>>. Acesso em: 10 jul. 2018

não só mentalmente, a gente se machuca fisicamente por conta do racismo, por conta dos padrões cruéis de beleza. (Teca)

No vocabulário utiliza o verbo “mutilar” para caracterizar o processo de alisamento, ou seja, para essa Youtuber a tomada de consciência já é real. Para ela o processo de alisamento dos cabelos já está caracterizado como racismo estrutural. Ela percebe que faz parte da cultura hegemônica, a alienação cultural.

Em termos de prática social, percebe-se a cultura hegemônica mostrando seu modo de operação e como é possível desconstruir um processo de alienação cultural. A Youtuber mostra como sofreu nesse cenário, a despeito dos padrões de beleza e do esforço necessário para quebrar esse padrão.

4. CONCLUSÃO

Ao elaborar o presente trabalho me remeto a minha própria infância, quando ainda pequena perguntava alto, na porta do banheiro, se aquele era dia de lavar os cabelos e ansiosa para que eles secassem, pois “cabelo bom voava ao vento”. Meu cabelo cacheado nunca foi só meu, pertencia também à minha comunidade familiar, essa predominantemente feminina, que sempre se preocupou com meus cabelos “rebeldes” e volumosos. As mulheres de minha casa eram as responsáveis pelas compras de xampus, hidratações, cremes para pentear, tudo na expectativa que os cachos ficassem mais disciplinados. Especialmente, uma de minhas tias, que sempre gostou de cuidar dos cabelos, e apesar de ter cabelos ondulados e volumosos, sonhou com seu cabelo liso, e era a maior responsável por “domar” os meus. Apesar dessa busca implacável por um cacho definido, sem “frizz” e sem volume, nunca me aconselharam a alisar os cabelos, pois meus cachos estavam na linha tênue do socialmente aceito, bastava apenas alguns cuidados domésticos. Não eram crespos, eram cachos que só precisavam de cuidado. Penteados dos mais diversos, tranças, laços, diademas, presilhas e lenços fizeram parte de minha infância de cabelo rebelde e armado, que precisava estar sempre “decente” e apresentável.

Ao ler os depoimentos das Youtubers em favor dos cabelos crespos e cacheados relembro de quando pegava piolho, o “fuá” que ficava com o pente fino passando naquele cabelo seco do produto de limpeza. Situações como essa “sobravam” para a minha avó, que em todas as tardes, no período da infestação escolar, sentava junto a mim e passava horas procurando pelos visitantes.

Perdi as contas de quantas vezes o meu cabelo foi chamado de “fuá” e acusado de estar “armado”. Realmente uma arma, que hoje uso para dissertar sobre, vangloriando meus ancestrais e antepassados, aquelas que me ajudaram a aceitar e entender ainda mais meus cabelos. Parafraçando Chico Cesar no começo da presente dissertação “se eu quero pixaim, deixa, se eu quero enrolado, deixa, se eu quero colorido, deixa, se eu quero assanhado, deixa, deixa, a madeixa balançar! ”.

Na presente dissertação, variadas construções ideológicas são observadas e que romperam a ancestralidade e a cultura do povo negro, mas que hoje conseguem ser transmutadas e reverenciadas. As jovens Youtubers estão em luta para transformar não só os cabelos, mas todas as simbologias do corpo negro, a fim de libertá-lo da inferiorização.

“Ora, para libertar-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro. O caminho seria reassumir a negritude pelo resgate das técnicas e artes relacionadas com o corpo a partir do repertório das artes corporais africanas, não apenas no sentido de uma continuidade, mas também no sentido de uma operação de decodificação/ recodificação e reinterpretação no universo da diáspora africana.” (MUNANGA apud GOMES, 2007, p.36)

As influenciadoras digitais estão no universo da conectividade em um novo mundo que se abriu no século XXI, antes da era digital o mundo estava no poder das grandes mídias de comunicação de massa e o público só tinha acesso a informação fornecida por esses grupos. Hoje a situação é diferente, todos estão conectados, os públicos operam por nichos e é possível a qualquer pessoa ser esse canal de comunicação. Mas ainda nesse novo cenário, alguns conseguem falar de maneira massiva, como as jovens Youtubers. Segundo a pesquisa do Google Consumer Survey³⁰ 76% dos brasileiros conhecem o termo “youtuber” e sabem o que eles são e 77% acompanham algum canal específico. Ou seja, o movimento lançado por esses influenciadores não é apenas notório, como já tem mudado a relação pessoa-informação. Ainda na mesma pesquisa, foi constatado que os youtubers só perdem para familiares e amigos no ranking de formadores de opinião.

Porém, um questionamento que foi abordado e refutado na presente pesquisa é o da relevância que um Youtuber tem de fato. Para o Google Consumer Survey 30% dos brasileiros assistem a canais no Youtube porque procuram conteúdos específicos. Ou seja, nesse site a audiência é construída, diferentemente do que ocorre na TV, onde os artistas utilizam do público de maneira passiva, pois eles já estão assistindo ao programa. Com os Youtubers é diferente, pois o público entra na internet na busca pela opinião específica do Creator. Isso explica o fato de grandes nomes da televisão brasileira terem ido para o site criar seu próprio canal. Assim, quando se fala que as Youtubers aqui pesquisadas são as responsáveis pelos maiores números na categoria delas, fala-se de milhares de pessoas querendo saber o que essas jovens falam sobre cabelo, estética, racismo, poder e negritude.

Por terem um discurso mais próximo e direto, as jovens Youtubers apresentam ser “gente como a gente”, usando de uma linguagem emocional e íntima. Assim o público se sente identificado, pois todos desejam se reconhecer como indivíduos, se identificar com algum grupo. Por terem sofrido durante tanto tempo com a falta de representatividade, o site

³⁰ Disponível em :<<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/dossie-brandlab-diversidade/>> Acesso em 02 fev 2019.

Youtube oferece não só identificação, como também inspiração para quem busca alguém para olhar. E a pesquisa dos VideosViewers 2018 reforça que 70% dos brasileiros conectados na plataforma acredita que o site é um lugar democrático, onde todos têm direito a voz e que defende a autenticidade, diversidade e liberdade de expressão.

A diversidade, a representatividade e expressão individual tem sido objeto de busca pelos brasileiros nos últimos anos, tanto que a temática é uma das mais buscadas no Google³¹. E dentro da temática um dos mais procurados é o racismo, ou seja, o brasileiro tem procurado se informar e se envolver mais com as questões ligadas a negritude. Ainda segundo o site, a busca pelo feminismo negro aumentou 65% em relação aos anos anteriores e quantidade de vídeos publicados sobre feminismo negro só em 2017 foram 13 mil.

Nesse cenário de empoderamento, feminismo e questões raciais, assumir os cabelos crespos e cacheados é uma modalidade de luta. E a fim de responder aos questionamentos a respeito da construção discursiva das jovens Youtubers, militantes, há sim no discurso das jovens uma conscientização das questões raciais combinadas ao elemento estético e capilar, pois como foi mostrado, esse é um movimento nacional. Se a militância não nasceu junto com o canal das influenciadoras digitais, ele se desenvolveu ao longo das vivências no âmbito online e offline e amadureceu o discurso das Youtubers. Afinal, como esclarece Fairclough (2016), nem sempre as pessoas têm consciência da ideologia presente em seus discursos e por isso, muitos recursos hegemônicos ainda não são percebidos em suas falas, especialmente por elas. Essa visibilidade de que a ACD descortina, mostrando todas as camadas do discurso, só é possível perceber aos olhos atentos dos respectivos analistas.

A transição capilar, tão pontuada nos depoimentos, é um processo de volta aos cabelos naturais, responsável pelo despertar de consciência para as questões de identidade negra. Através dessa experiência, as jovens percebem o peso da cultura hegemônica em suas vidas e conseguem enxergar as agressões físicas, psicológicas e sociais utilizadas no processo de encarceramento cultural. A crueldade também foi vista em muitos dos depoimentos aqui analisados, como a sociedade “esmaga” o negro, os seus corpos e as suas potencialidades. As personalidades de jovens meninas, desde criança, são moldadas para acreditar que nasceram para servir, que são feias, menores e diferentes. O racismo estrutural tem o poder de não apenas doutrinar os opressores, mas também os oprimidos.

³¹ Disponível em :<<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/dossie-brandlab-diversidade/>> Acesso em 02 fev 2019.

Com o discurso ideologicamente orientado para a valorização da ancestralidade e libertação da ideologia da beleza branca, as Youtubers têm ganhado cada vez mais espaço na organização sociocultural. Através da manifestação de seu lugar de fala, as influenciadoras mostram a milhares de meninas e mulheres como o cabelo é símbolo da cultura e como ele pode ser utilizado para diversos fins sociológicos. Como confirma Fairclough (2016), as pessoas precisam estar mais atentas às suas práticas discursivas e mais críticas em relação aos discursos a que são submetidas diariamente. Ao falar de cabelos, as jovens ultrapassam o sentido estético e abordam também o lado emocional, psicológico e de autoestima da mulher brasileira, confirmando o pressuposto da presente dissertação: de que *a priori* não havia intenção social e cultural tão clara entre as jovens youtubers em suas práticas discursivas. Porém, isso não desmerece a conquista de despertarem posteriormente para as questões ideológicas. Como pontua Batista (2018), os textos e os discursos mudam as pessoas, as crenças e as atitudes e assim são os vídeos depoimentos das Youtubers, que modificam não apenas atos estéticos, como alisar ou não os cabelos, mas conseguem fazer o público refletir que mesmo as pequenas escolham refletem ideologicamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda há muito a ser feito para que a perspectiva em relação à beleza mude e de que a “crença de que a beleza é branca, o corpo bonito é o magro, e o cabelo liso é o ‘bom’.” (GOMES, 2007, p.5365), acabe. O processo de volta aos cabelos naturais é visto como insignificante para muitos, porém sociologicamente representa uma grande mudança, pois o corpo do negro começa a ser valorizado, naturalizado e presente em suas potencialidades, assim como sua cultura. É nesse espelho, que o negro tem se olhado, como relata Gomes:

Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma auto-imagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua auto-imagem é um desafio. Construir uma auto-imagem, um “novo negro”, que se pautar nas referências identitárias africanas recriadas no Brasil, também o é. Esta última tem sido uma das estratégias de identidade construídas por uma parcela da população negra. Olhar para a África, mais precisamente a África pré-colonial, na tentativa de recuperar valores, referências artísticas, culturais, estéticas através de um resgate da ancestralidade africana. A civilização africana aparece, então, como um mito e traz ao negro brasileiro a possibilidade de ser visto sem a marca da coisificação e da negação, ou seja, de ver-se e ser visto como humano. (2007, p.2450)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. **Análise de Discurso Crítica Para Linguistas e não Linguistas.** São Paulo: Parábola, 2018.
- BAKHTIN. **Estética da criação verbal.** Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Brasil, gênero e raça.** Brasília: TEM, 2006. Disponível em:<WWW.mte.gov.br/discriminacao/ProgramaBrasilGenereracatarde.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade.** São Paulo: Aleph, 2009.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.
- COSTA, J. Freire da. **Violência e psicanálise.** Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- ETCOFF, Nancy. **A real verdade sobre a beleza: um relatório global.** Achados do Estudo Global sobre Mulheres, Beleza e Bem Estar Setembro de 2004, Universidade de Harvard. Disponível em:<<http://docplayer.com.br/66076-A-real-verdade-sobre-a-beleza-um-relatorio-global-achados-do-estudo-global-sobre-mulheres-beleza-e-bem-estar-setembro-de-2004.html>>.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse.** Textual analysis for social research. Londres- Nova York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso, mudança e hegemonia.** In: Pedro, E. R. (org). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.* Lisboa: Caminho, 1997, PP. 77-104.
- FOCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1984.
- FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.
- GERHARDT, Tatiana Engel. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

- GIAMPÁ, Sabrinah. **O livro dos cachos**. São Paulo: Schwarcz, 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOBINEAU, Arthur de. 1928. **Ce qui se passe en Asie et l'instinct révolutionnaire en France**. Paris: Cahiers Libres.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**. - Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Autêntica Editora. São Paulo: Edição do Kindle, 2007. Paginação irregular.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** - Introdução ao Estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 494 p. v. 1.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. Londres: Edward Arnold, 1978.
- HASENBALG, C.A; SILVA, N. V. **Raça e oportunidades educacionais no Brasil**. Fundação Carlos Chagas (SP), Cadernos de Pesquisa, n.73, maio 1987.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Situação social da população negra por estado**. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília: IPEA, 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.
- KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Munster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em:<<http://goo.gl/w71f4n>>. Acesso em 10 nov. 2018.
- LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**: Técnicas de pesquisa. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- LÉVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Ed.34, 2003.
- LIMA, Ana Nery Correia. **Mulheres militantes negras**: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas. Disponível em:<<https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro.pdf>>. Acesso em> 12 nov. 2018
- MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.
- MAGALHÃES, I; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A análise de discurso crítica**. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 21, Especial, 2005.
- MALUF, Sônia Weidner. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. Revista Esboços, v. 9, n. 9, p.87, 2001. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563/9837>>. Acesso em: 20 set. 2017.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MASSEY, Lorraine. **O manual da garota cacheada.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria Social e Relações Raciais No Brasil Contemporâneo.** Cadernos Penseb, n. 12, 2010.

MUNANGA, K. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-56, 2004.

MUNANGA, Kabengele IN GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz.** - Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Autêntica Editora. São Paulo: Edição do Kindle, 2007. Paginação irregular.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. **Significações do corpo negro.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Natália Godofredo de; SANTOS, Maria Anselmo dos; TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. **Mulher negra, cabelo e empoderamento: uma análise do seriado sexo e as negas.** Cadernos do CNLF, vol. XX, nº 01, 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_01/_CNLF_XX_01.pdf#page=311>. Acesso em: 20 set. 2017.

PEDRO, Emília Ribeiro. **Análise Crítica do Discurso “Uma Perspectiva Sociopolítica e Funcional”.** Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Caminhos Teóricos e Práticos Em Análise Crítica do Discurso. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, n. 3, vol. XIV, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/publicacoes.html>. Acesso em: 20 set. 2017.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. Características gerais dos moradores. Rio de Janeiro: IBGE, 2012-2016.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTANNA, A. R. **Canibalismo Amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. **Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 1, n. 1, p. 64-77, jun. 2010. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/308>>. Acesso em: 10 dez. 2018

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, E. LUCIA; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

STRAUSS, C. L. (1952) **Raça e História**. 3ª. Ed. Trad. Inácia canelas. Lisboa: Editorial Presença.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VEIGA, Lucas. **As diásporas da bixa preta**. Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho de 2018. Disponível em:<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6513170>>. Acesso em: 20 set. 2017.

WODAK, R. **Critical linguistics and critical discourse analysis**. IN: ZIENKOWSKI, J.; ÖSTMAN, J-O.; VERSCHUEREN, J. (Org.). Discourse pragmatics.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

YOUPIX. **Youpix study tour 2018**. São Paulo, 2018.